

É PRA

GLORIFICAR

DE

PEI!



Exclusivo em
E-BOOK

LODIR NEGRINI

É PRA
GLORIFICAR
DE
PE!

L O D I R N E G R I N I

Este livro está devidamente registrado na Biblioteca Nacional e tem todos os direitos assegurados ao autor.

Autor

Lodir Negrini

Revisão

Eduardo Perácio

Inari Jardani Fraton

Capa, diagramação e e-book

Fabio Brust

NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção, dedicada a ninguém.

Qualquer semelhança com personagens e eventos do mundo real é mera coincidência. Ou não.

Este livro foi escrito com ajuda etílica, está repleto de piadas sem graça, contém linguagem inapropriada, um narrador em crise existencial e não deve ser levado a sério por ninguém.

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Nota do Autor](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Contato](#)

CAPÍTULO 1

Marlus era um cara que tinha tudo para dar certo. Bem-nascido e filho único de funcionários públicos que ganhavam bem, ele foi mimado por todos. Estudou a vida toda em colégios caros e entrou para uma universidade particular. Direito era o novo campo promissor, todos diziam. Quando pegou o canudo, foi trabalhar. Conseguiu seu primeiro emprego como advogado auxiliar em um escritório importante, coisa de gente fina.

Dois meses depois, foi demitido.

Pensou que fosse má sorte, coisa de principiante. Você não deve desistir, pediam, o começo nunca é fácil, olha aonde seus pais chegaram com a carreira. Marlus continuou firme. Procurou por escritórios dispostos a contratar um jovem inexperiente para, talvez, redigir contratos. Sabia que não deveria sonhar alto, e sim começar por baixo.

E nada.

Fez entrevistas, conseguiu um bico aqui, outro lá, mas nada além disso. Trabalhava alguns meses aqui, saía; trabalhava outros meses lá, saía. Amigos da família tentavam aconselhar, prometiam fazer uma indicação, marcavam mais entrevistas. Outros insinuavam que ele insistia no ramo errado, que deveria seguir o exemplo dos pais e se encaixar em uma repartição. Marlus ficava em dúvida. Não estava fácil e ainda aparecia gente pondo mais minhocas na sua cabeça. *Não quer ajudar, não atrapalha*, ele pensava.

Foi então que veio a inesperada notícia. Bem, o narrador esqueceu de revelar algo que agora se torna indispensável. Marlus tinha uma namorada. Pois é, mesmo ele, um desempregado, namorava. E você? Não importa. Voltemos a Marlus. Láis, sua namorada, descobriu que estava grávida. Ela esperou o melhor momento para comunicar ao rapaz – mas isso muda alguma coisa quando o futuro pai é um pé de chinelo? A vida de Marlus, que parecia difícil e sem futuro, ficou ainda mais complicada. *Não há nada que não possa ficar ainda pior*, ele pensou. É a Lei de Murphy. Se anjos existissem, algo em que Marlus não acreditava muito, eles certamente estavam de sacanagem.

Não conseguir trabalho era um problema só dele, mas agora haveria uma criança. Um bebê que precisaria ser alimentado. E, disso, o pai de Marlus fazia questão de lembrá-lo, até mais de uma vez ao dia. *Crie vergonha nessa cara, agora você tem um fedelho para criar*, ele podia ouvir a voz do velho ecoar em seus pensamentos. Quando pequeno, Marlus sonhava com o pai pronunciando aquela famosa frase: “Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”, que aparecia em um filme de super-herói e lhe causava arrepios. No entanto, troque “grandes poderes” por “mais uma boca para alimentar” e será uma citação mais próxima à realidade dele.

Marlus e sua namorada acabaram se casando, ou melhor, se juntando, como os jovens de hoje fazem. Alugaram um pequeno apartamento, com apenas um quarto e nada mais. Assim, passaram a dividir o mesmo teto, a mesma cama, e às vezes a mesma gilete. Marlus e

Laís. Ele e ela. Ah, como o começo é lindo, porém depois tudo pode desmoronar! Ela, com o emprego de recepcionista de hotel, mal pagava o aluguel e o enxoval do bebê. A contribuição do marido desempregado era zero. Foi a partir disso que Laís começou a chamá-lo: “Ei, des”. Um apelido não muito carinhoso. Mas, afinal, ele era desprovido de dinheiro, cheio de despesas e, se não desfizesse sua situação, ele acabaria despejado.

Em meio a esse caos, nasceu Marina.

As preocupações aumentaram. Agora havia um bebê, que chorava e pedia atenção a todo instante. Por vezes Marlus pensava que eles não teriam mais tempo para si mesmos. Em poucos dias, ele viu sua vida mudar e a filha tomar conta dela. Ainda que a amasse e estivesse empolgado com a ideia de ser pai – apesar de seu despreparado para isso –, Marlus sentia falta de ficar a sós com a esposa e percebia um clima de tensão e estresse crescer dentro de casa. Marido e mulher quase não se olhavam, e ele tinha certeza de que Laís desviava o olhar ao cruzar com o seu.

Quando a disponibilidade para o sexo diminuiu, Marlus concluiu que a situação estava desesperadora. Para um casal sem dinheiro, o sexo pode ser o último escape, a diversão gratuita que resta. Se até mesmo isso se perde, a loucura acaba se tornando a única opção. Na calada da noite, quando Laís finalmente conseguia fazer Marina dormir, Marlus avançava de mansinho, assim como quem não quer nada, e deslizava na esposa uns carinhos que começavam de leve e esquentavam à medida que perdia sua pouca paciência com as preliminares. Laís, entretanto, nunca estava no mesmo clima. Ela se dizia cansada após a batalha em busca do sono da filha, ou então inventava a tradicional dor de cabeça que as mulheres tanto alegam. Somando-se a isso as fraldas descartáveis fedendo, o cheiro de talco de bebê e a música infantil tocando, ninguém poderia culpá-la. Marlus se esforçava bastante. Chegava cheio de disposição, cobria a esposa de beijinhos e, às vezes, na tentativa de criar um ambiente romântico, até comprava algumas velas aromáticas na loja de *um e noventa e nove* da esquina. Assim como todo malandro, ele se animava mais na busca por sacanagem do que por emprego. Mas, da mesma maneira, acaba ficando na mão – nesse caso, literalmente.

Os amigos ignoravam Marlus, pois sabiam de sua situação e temiam que ele lhes pedisse dinheiro emprestado. A família estava acostumada com o parasita. Seus parentes tornaram-no a ovelha negra, o membro não convidado aos usuais churrascos e festas de fim de ano.

– Ele não teria como ir, sem carro, sem dinheiro para presentes de Natal... Melhor nem chamar – Marlus ficou sabendo que um primo dissera certa vez. – Ele vai acabar não aparecendo mesmo...

Era o caminho para uma depressão. Ele não saía de casa, não distribuía mais currículos, tomava comprimido para dormir. Passou a acreditar que sua vida era um grande erro. Na verdade, uma sucessão deles, a começar por seu nome: Marlus, que na verdade era para ser Marcus, mas foi registrado erroneamente pelo desatento funcionário do cartório.

Até que ele teve a grande ideia. Aqui é o ponto em que, de fato, iniciamos esta história.

Um dia, antes de trabalhar, Laís aproveitou para ter mais uma conversa desconfortável com o marido, daquelas que deixava para a saída justamente a fim de evitar a

tensão. Devido a sua aparência – loira, alta e bela –, Marlus tinha ainda mais vergonha de vê-la deixar sua casa enquanto ele trocava fraldas.

– Amor, precisamos conversar...

Marlus esperava por isso. Respirou fundo e alongou um pouco o pescoço.

– Você precisa fazer alguma coisa – ela sugeriu no tom mais gentil que pôde. – Sabe, arranjar uma atividade – ela queria dizer emprego, mas aquela palavra soava dura demais. – Seu tio ofereceu uma vaga no escritório dele, mas você não aceitou. Disse que trabalhar com notas fiscais não era a sua praia. Mas você não está em condições de escolher, está? A gente se vira com a Marina, encontramos alguém para ficar com ela. A vizinha se ofereceu. Já você...

– Eu sei – ele respondeu rapidamente. Aquelas conversas passavam com frequência por sua mente e ele tinha algumas respostas ensaiadas. – Às vezes eu me sinto perdido, sabe. – Marlus continuou em silêncio, que Laís não ousou quebrar, já que o olhar que ele lançou pela janela era tão profundo e teatral que ela até procurou lágrimas no rosto do marido. – Eu tenho a sensação de que não sei o que estou fazendo com a minha vida, nem o que vou fazer, tampouco tenho ideia de como descobrir.

Laís esperou que ele continuasse. Marlus, entretanto, não tinha nada a acrescentar, uma vez que, como todo homem, receava expressar seus sentimentos, principalmente quando a voz começava a falhar, como era o caso. Ela se perguntou se deveria apenas ficar com pena do marido ou tomar uma atitude. Mas o semblante cansado de Marlus mostrava que ele conhecia as palavras antes mesmo de serem pronunciadas. Laís, então, desistiu. Ela não gostava de parecer um papagaio, falando sem parar e repetindo tudo como um disco quebrado, um sentimento louvável e raro, vindo de uma mulher.

– Bem, eu sei que você vai tomar uma atitude – ela afirmou, ainda que não estivesse tão certa quanto gostaria, mas havia lido em uma revista que se mostrar positivo depois da bronca era uma boa opção. – Marlus, às vezes eu penso... Será que nós fizemos a coisa certa? Casando, você sabe. Não há razão para manter um casamento apenas por causa de uma gravidez. Quem sabe você não está maduro para seguir e...

Marlus, enfim, interrompeu seu olhar confuso e encarou a esposa. Sentindo a pressão que suas palavras causavam, Laís se calou. Não foi o fato de a mulher ter falado em imaturidade que o surpreendeu – até porque isso não era novidade para ele –, mas de sugerir, do nada, meio que sem querer, um divórcio. A situação era tão complicada que seguir sozinha seria um caminho melhor que arrastar junto um marido sem perspectivas.

– Minha deusa terrena, você não está querendo dizer que... – com o olhar dramático e agora lacrimejando, Marlus arqueou as sobrancelhas como um cachorro sem dono com fome na sarjeta em frente à casa.

– Talvez seja uma ideia, Marlus.

– Eu vou resolver, Laís. De algum jeito, eu vou.

Laís respirou fundo, tentando acreditar naquelas palavras, e deu as costas. Assim que ela fechou a porta, Marina começou a chorar. Marlus caminhou cabisbaixo até o berço.

– Eu sei, querida. Você quer a mamãe. Nem acalmar minha filha eu consigo.

Ele observou o bebê, que parecia ignorá-lo e continuava o berreiro.

Sou inútil em todas as áreas de minha vida, Marlus pensou.

Então pegou Marina no colo e começou a balançá-la. Andou pelo apartamento, deu uma volta pelos cômodos – ou seja, alguns passos – e então ela finalmente se acalmou. O rapaz ficou aliviado: não precisaria conferir a fralda e constatar que deveria ser trocada. Voltou a colocar a filha no berço e se sentou no sofá, concentrando-se em seus problemas.

A mulher tinha razão. Marlus precisava fazer alguma coisa.

Saiu para a rua. Um gari recolhia o lixo do edifício. Um carteiro entregava algo no prédio vizinho. A luz do sol e as pessoas ao redor lembravam a Marlus que era pleno dia, e por um momento ele desejou ter uma ocupação como daquela gente. Sabia que os dois empregos estavam longe de ser seu sonho, mas ver os outros ali, cumprindo a jornada diária, fez com que sentisse necessidade de defender a própria honra. Marlus até se perguntou por que não procurava um trabalho simples como aqueles. Talvez terno e escritório não fossem a sua praia.

Avistou uma banca de revistas na esquina. Desistir, jamais. Ele tentaria novamente, não custava nada.

Na verdade, custava: R\$ 2,50.

– Tem o jornal de hoje?

– O normal ou o de empregos? – perguntou o jornaleiro, que estava acostumado com as visitas.

Marlus pensou por um momento. Por que não levar logo o de empregos? Ainda assim, achava um desperdício pagar por um jornal só de classificados quando poderia optar por ler notícias também. Ele não imaginava, entretanto, que essa pequena escolha, aparentemente sem importância, faria uma grande diferença em sua vida.

– Com notícias.

– Coloco numa sacola?

– Não. Vamos preservar o meio ambiente.

– Está falando sério?

– Não. Já tenho o que preciso para o lixo do banheiro.

Na volta ao prédio, passou pelo porteiro, que lhe desejou boa sorte quando notou o jornal embaixo do braço. O olhar dele era significativo, e Marlus imaginava o que queria dizer: *eu já vi essa cena dezenas de vezes. Marlus não se deixou abater e respondeu com um olhar no mesmo tom. Ainda posso pagar por um prédio com porteiro e garantir seu emprego, então não me olhe assim, filho da puta*. Não tinha elevador no edifício, e o seu andar era o quarto. Subiu devagar cada degrau, pois estava cansado e queria economizar esforços para a tarefa árdua que estava por vir. Era uma coisa muito chata, isso é fato. Ele sabia que aquilo exigiria bastante esforço, e Marlus era daquelas pessoas que não gostavam de pensar demais. Detestava bater em portas para deixar o currículo e preencher formulários on-line, sempre repletos de perguntas difíceis e questões matemáticas que revelavam se o candidato fugiu da escola. Eram quase sempre as mesmas, embora ele nunca soubesse responder. Às vezes, escolhia a mesma letra como resposta em todas as questões, certo de que isso havia funcionado muito bem no ensino médio.

Marlus abriu a porta e percebeu o silêncio absoluto dentro do apartamento, algo que

ele aprendera a apreciar nos últimos tempos. Marina dormia. Ele ligou o aparelho de som e colocou o disco dos *Estapafúrdios* para tocar, uma banda cuja música sempre o acalmava, o que ele pensou que seria propício para o momento. Passou a folhear sem pressa os classificados. Como sempre, encontrou vagas para garçom, balconista, vigia. Nada de interessante, nada que tivesse qualquer relação com sua faculdade de direito, que consumiu grande parte do seu dinheiro durante cinco anos, tempo que até agora se mostrava completamente inútil. Circulou alguns anúncios, apenas aqueles que pareciam menos piores. Ainda assim, não quis ligar para nenhum lugar no momento. Não estava com saco. Sabia que precisava transparecer segurança, mas não era isso que sentia. Voltou a abrir o jornal, agora em outras seções.

Foi então que teve a grande ideia. Aquela que mudaria sua vida, que seria sua última chance, que o tiraria do fundo do poço. A luz que surgia no fim do túnel.

Chega de metáforas.

A grande ideia havia chegado para arrancá-lo da miséria, e ela não estava no caderno de empregos.

CAPÍTULO 2

Seus olhos brilharam.

Apenas R\$450 são necessários para abrir uma igreja

Sacudiu a folha do jornal e, depois de reler a manchete, desceu os olhos pela matéria.

Já pensou em abrir uma igreja? Não? Embora possa parecer algo complicado, burocrático e custoso, a redação do Diário da Manhã constatou o contrário. Com cerca de R\$450 é possível adquirir o CNPJ e o registro em cartório que são necessários para a abertura de uma instituição religiosa, que permite aplicações e transações financeiras imunes de impostos. Todo o processo leva certa de cinco dias. Mas, e para criar uma empresa? É mais complicado. Os procedimentos para a abertura de uma instituição com fins lucrativos podem levar meses até sua conclusão e custar milhares de reais.

Foi nesse momento que Marlus parou para refletir sobre a ideia. Bem, ele pensou algo do tipo: “Apenas 450 reais para abrir uma igreja, é isso mesmo? Puta que pariu”. Era verdade. Marlus então começou a tramar seu plano audacioso.

Como advogado, ele havia cogitado diversas vezes abrir o próprio escritório, um plano que descartou logo em seguida, quando calculou o alto custo de luz, telefone e aluguel.

Marlus tinha um amigo chamado Tito, que sempre falava em abrir uma empresa e tentava convencê-lo a se tornar seu sócio. A sua última ideia era algo envolvendo fraldas descartáveis, que ele insistia em ser um negócio promissor, mas que Marlus nem sequer se dava ao trabalho de ouvir. Afinal, se Marlus não tinha dinheiro nem para abrir um pequeno escritório, como poderia abrir uma empresa? Foi ao ler a notícia que ele se deu conta. Então Tito queria abrir uma empresa, não é mesmo?

Tito era um amigo de faculdade. Não de curso, de faculdade mesmo. Preste atenção: Marlus se formou em direito, Tito em administração. Os dois se conheceram enquanto matavam aula em uma das diversas idas ao bar em frente à universidade, o que faziam com uma frequência que explicava a quantidade de repetência nas matérias, e lá foram apresentados por amigos em comum durante uma rodada de chope. Tito era parecidíssimo com Marlus, porém as más línguas diziam ser mais inteligente, o que justificou seu avanço em relação ao amigo após a formatura. Tito tinha ambição, queria crescer, almejava ser alguém na vida. Impunha metas a si mesmo e fazia o possível para cumpri-las. Marlus, entretanto,

esperava que as coisas acontecessem. Todos sabiam que, apesar de terem quase a mesma idade, Tito havia amadurecido mais rapidamente, relacionando-se com gente importante e fazendo contatos profissionais. Só mesmo o tempo seria capaz de mostrar se a amizade sobreviveria a isso ou se chegaria aquele momento em que os interesses iguais se distanciariam e os afastariam, tornando-os completos estranhos outra vez, como acontece quando os adultos usam o trabalho como desculpa para tudo. Não é um julgamento meu, leitor, veja bem. É a realidade da vida, como dizem.

Marlus sentia que se aproximava a hora de mostrar a Tito quem era o mais esperto. Desde que se formou, Tito tinha um emprego promissor que rendia um bom salário, mas não o satisfazia. Ele não nascera para ser empregado, e sim patrão, ao menos era o que dizia. Seu plano era encontrar a forma mais rápida de abrir o próprio negócio e se tornar um empreendedor, fazendo com que os outros trabalhassem para deixá-lo rico, e não o contrário. Assim, ele infernizava a vida de Marlus com propostas frequentes para os mais variados tipos de empresa, e também os mais duvidosos. A imaginação do rapaz considerava desde sushi-bar (segundo ele, a última e mais lucrativa moda gastronômica) até loja de autopeças (afinal, quando o carro quebra, é sempre uma emergência).

Marlus voltou a se concentrar na notícia do jornal. Aquela era a explicação para a quantidade de igrejas que Marlus vira pipocar em todo canto nos últimos anos. Afinal, parecia surgir uma igreja em cada esquina, um fenômeno que ele vinha reparando ultimamente, mas ao qual nunca dera muita atenção. Ele pensava inocentemente que aquilo se tratava de fê. O aumento do número de instituições religiosas mostrava que as pessoas realmente acreditavam no retorno de Jesus Cristo. Coisas como o crescimento da violência, atentados terroristas e terremotos poderiam indicar o fim dos tempos. Isso era anunciado desde que Hitler devastou a Europa, e mesmo assim ele não se revelou o anticristo, como diziam. Marlus inclusive acreditava que aquela teria sido uma grande oportunidade para Cristo finalmente aparecer, e que, se ele realmente existisse, havia perdido uma boa chance de causar ao acabar com Hitler, no que seria um final épico para a Segunda Guerra. Marlus até conseguia imaginar a cena, com Jesus descendo em plena Alemanha nazista, de manto branco, barba por fazer e braços abertos, gritando: “Cheguei, porra! Vou acabar com essa merda já!”.

Provavelmente Marlus não conseguiria juntar sozinho os 450 reais, uma vez que, ele precisava admitir, nem tinha o estoque suficiente de fraldas para Marina. Tito, entretanto, não teria problema para levantar esse valor. Apesar de ser extremamente mão de vaca, Tito tinha algum dinheiro. Além disso, Marlus não entendia nada sobre criar uma empresa. Administração e finanças pareciam complicadas demais, pelo menos era o que as pessoas davam a entender. Ele respirou fundo enquanto se dava conta do que estava por vir.

CAPÍTULO 3

Marlus tirou seu iPhone do bolso e ligou para um dos contatos. Se você pensa que é estranho alguém como ele usar um celular caro, bem, isso é o que os pobres fazem, assim como a propaganda desnecessária, fruto de uma indústria do entretenimento que acha isso descolado ou coisa parecida.

O telefonema foi atendido no terceiro toque.

— Alô.

— Oi, Tito?

— Fala, Marlus.

— Precisamos nos encontrar.

Silêncio por alguns segundos.

— Cara, de boa, não tenho mais grana...

— Não é isso.

— Ah, não? — a voz soava mais tranquila.

— Não. Preciso falar com você.

— Sobre...?

— Sobre aquelas propostas que você vive fazendo.

— Também estou sem grana para puta...

— Não é isso.

— Então o que é?

— É sobre sua ideia de abrir uma empresa.

— Ah! Então você pensou melhor? Olha, ouvi dizer que a natalidade infantil aumentou quase sete por cento este ano, e se há mais bebês...

— Não, cara. É outra coisa. Precisamos conversar pessoalmente.

— Aiaiai... Não está cheirando a coisa boa.

— Me encontre no Glória, hoje, às três.

— Ah, meu Deus. Já vi tudo. Marlus, você sabe que eu não gosto de surpresas.

Na hora marcada, Marlus entrou no Café Glória, um lugar quase vazio em uma esquina afastada. Passou os olhos pelo salão principal e encontrou algumas poucas pessoas que, assim como ele, podiam se dar ao luxo de tomar um café com os amigos no meio de um dia útil. Como não havia sinal de Tito, escolheu uma mesa em um canto discreto e se sentou. Um garçom não demorou a aparecer e Marlus pediu um café.

Enquanto esperava pela bebida, olhou pela janela e observou os pedestres que atravessavam a rua e avançavam pela calçada em frente à cafeteria. Tentou imaginar aonde iriam e por que tinham tanta pressa, ainda que estivesse acostumado a ver gente caminhando rapidamente pelo centro. Por algum motivo, Marlus olhava de maneira diferente para aqueles estranhos. Em um instante, começou a entender. Se seguisse adiante com seu projeto, ele

deveria entender as pessoas. Será que era o que queria? Ao longo de sua vida, Marlus fora classificado diversas vezes como alguém intolerante. Era o que ouvia de seus pais e irmãos. Mais tarde, as namoradas confirmariam tal julgamento. Agora, ele repensava tudo isso. Marlus teria de se tornar alguém tranquilo e acolhedor. Estava definitivamente longe de se parecer com qualquer um dos líderes religiosos que via na televisão. Percebeu, então, que ele mesmo poderia ser o seu maior obstáculo, e que precisaria planejar tudo com calma. Antes de convencer os outros, Marlus deveria convencer a si mesmo. Refletir sobre aquilo fez com que o café, que acabara de ser servido, travasse na garganta e, por um segundo, ele achou que talvez o líquido não fosse descer.

Marlus viu uma silhueta familiar se aproximar pelo outro lado da calçada. Por algum motivo, Tito estava parado e não atravessava a rua. Marlus tentou entender. Apesar do pouco movimento na estrada — quase nenhum carro passava naquela hora —, Tito buscava uma faixa de pedestres. Uma velhinha estava atravessando fora da faixa e Marlus percebeu um sorriso no rosto dela. *Fica esperando, seu otário*, ela certamente pensou. Marlus esfregou as mãos no rosto. Seu amigo era sempre muito disciplinado. O certinho da turma, como diziam os colegas aos risos no bar da universidade. Marlus fechou os olhos por um instante e tentou se concentrar na conversa que se seguiria. Não seria nada fácil encontrar aliados, mas ele não poderia fazer aquilo sozinho.

CAPÍTULO 4

Tito entrou na cafeteria.

– Olha, não posso demorar muito, então você precisa ser breve. O que é tão urgente?

– É uma proposta de negócio.

Tito lançou um olhar desconfiado. Marlus podia ler a pergunta na mente do amigo: *você?*

– É a primeira vez que faz uma, então...

– Talvez seja mais fácil mostrar uma coisa antes.

Marlus tirou uma folha de jornal amassada do bolso e colocou-a na mesa.

– Apenas leia.

Tito pegou o papel e começou a ler. Marlus observou seus olhos atravessarem a página diversas vezes, e aquele movimento o deixou ansioso. Quanto maior a demora, mais aflito ele ficava.

– Não terminou ainda?

– Não.

– Porra, Tito!

Tito revirou os olhos.

– Vai me deixar ler ou não?

– Só uma matéria interessa, não a página inteira.

Ele ignorou e continuou a leitura. Marlus teve de se conter, uma vez que Tito era o seu único amigo de verdade e a única pessoa em quem poderia confiar além da mulher – ah, meu Deus, ainda precisava contar à mulher, e isso certamente renderia uma boa cena.

Marlus tomou outro gole de café. O pó havia descido, deixando a bebida com o gosto envelhecido. Estava há quase meia hora enrolando para tomá-lo enquanto esperava por Tito, torcendo para que o amigo acreditasse na desculpa da carteira esquecida e não se importasse em pagar a conta outra vez.

– Terminei – informou Tito, finalmente.

– E então?

– Bem, se sua vontade é me convencer de que o meu sonho de abrir o próprio negócio é loucura, posso dizer que esses dados não são novidade. Eu sei como é difícil abrir uma empresa neste país de merda, com toda a droga de burocracia. Além disso, eu andei lendo um livro de autoajuda e ele dizia pra não deixar que ninguém nos faça desistir dos nossos sonhos. Bem, era o livro ou uma dessas imagens com mensagens bonitinhas que circulam na internet, não lembro agora...

– Não é isso.

– Marlus, você é muito pessimista.

– Está nervoso hoje. Anda exagerando no café, não?

- Está vendo alguma xícara na minha frente?
- Precisa relaxar.
- E acabar como você?

Marlus baixou os olhos, e um silêncio desconfortável tomou conta da mesa. Tito era grosseiro às vezes, do tipo que falava sem pensar nas consequências e na dor que suas palavras causavam, fruto de uma sinceridade forte que chocava a maioria. Ao longo dos anos de amizade, Marlus aprendeu a compensar isso com as qualidades do amigo. A sinceridade, embora bruta, algumas vezes era útil. Servia, por exemplo, para informar a Marlus que ele ficava extremamente ridículo quando usava pochete.

- Pegou pesado.
- Olha, desculpa, cara, mas veja a sua própria vida. Você não está na melhor...
- Ainda bem que somos amigos.
- Bem, estou sem tempo. Já me mostrou a notícia, então acho que posso...
- Espere! – pediu Marlus quando Tito fez menção de se levantar, e então ele se sentou novamente.

– O que foi?

– Se você terminou as ofensas, é hora de entender a razão do encontro. Você fala demais e escuta pouco.

O amigo voltou a olhar para a página na mesa.

– Então...

– Olhe o título.

– *Apenas R\$450 são necessários para abrir uma igreja. O que tem isso?*

– Pense.

Tito tornou a encará-lo em seguida, e seu semblante foi mudando à medida em que começava a entender.

– Mas...

– Isso mesmo.

– Não, você não está pensando em...

– Exatamente.

CAPÍTULO 5

Tito precisou de um tempo para processar a informação.

— Quer abrir uma... Igreja?

— Isso. Vamos criá-la.

— Nós? Você bebeu?

— Não, só café.

— Está louco!

— É uma questão de ponto de vista.

— Não pode estar bem da cabeça.

— Bem, você sempre teve a ideia de abrir uma empresa, mas consegue perceber o que o jornal diz? Uma empresa demora a ser aberta e os custos são maiores. Com 400 reais conseguiremos abrir uma igreja, Tito. Quem não tem esse dinheiro hoje em dia?

— Você, acredito.

— Bem... É verdade. Mas é aí que você entra.

— Ah, entendi... — a decepção era nítida em seu olhar. — Quer o meu dinheiro.

— Não... Quer dizer, sim. Mas não é só isso. Você vai participar, é claro. Vai me ajudar em tudo. Será uma sociedade.

— Marlus, me deixe explicar um conceito fundamental, que aparentemente você esqueceu. Empresas são feitas basicamente com a intenção de tirar lucros. Igrejas, não. Elas têm outros propósitos. Fé, falar de Deus, Jesus, essas paradas. Não é a mesma coisa, entende?

— Você não entendeu meu ponto de vista.

— E qual é? Deve ser brilhante. Estou curioso para ouvi-lo — ele fingiu uma provocativa expressão de surpresa, de um jeito irritante que só Tito sabia fazer.

— Igrejas não pagam impostos, certo?

— Certo, mas elas não geram lucros.

— Não?

Marlus sorriu. Eles haviam finalmente chegado ao ponto que ele queria.

— Bem, não deve ser muita coisa — concluiu Tito.

— Você não lê os jornais? — Marlus perguntou, irônico, uma vez que seu amigo sempre gostava de se mostrar culto.

— Do que está falando?

— Da Igreja Católica e de todo o Vaticano. Aquele lugar é banhado a ouro — ele gesticulou com as mãos como se estivesse nervoso, mas apenas tinha descendência italiana. — As roupas, os tronos, as paredes. E as igrejas evangélicas se multiplicam, ganham nome e nichos cada vez mais bizarros. De onde acha que vem o dinheiro para todos esses templos?

— Do dízimo, essas coisas.

— Exato! — Marlus socou a mesa e a xícara pulou, fazendo com que o resto do café

transbordasse. Era apenas um jovem empolgado com sua mais recente ideia para o futuro. — E eles não pagam impostos, entende? Com a imunidade tributária, o dinheiro entra limpo. É fácil desviar, não tem fiscalização, tesouraria nem departamento financeiro. Não é uma empresa. Os pastores compram carrões, mansões, fazendas e pagam tudo à vista. É melhor que ser empresário.

Tito balançou a cabeça.

— Não acredito que estou ouvindo isso. Acho que vou interná-lo.

— Estou falando sério.

— Justamente por isso. Se estivesse brincando, me restaria encontrar graça na piada.

O garçom retornou à mesa para trazer a bebida de Tito, que esperou antes de continuar a conversa, temendo o que ele pensaria caso ouvisse aquela maluquice. Se bem que, ele imaginou, garçons trabalhavam frequentemente com gente bêbada e deveriam ouvir coisas bem piores.

— Sei que pode parecer difícil no começo, mas eu andei pesquisando — Marlus continuou. — É mais simples do que se imagina. Basta levar alguns documentos ao cartório e registrar.

— Tudo bem, mas e depois? O que pretende fazer? Vai começar a pregar a palavra de Deus, assim, do nada?

— Exatamente.

A forma como Marlus fazia aquilo soar simples deixava Tito ainda mais irritado.

— Você ficou louco!

— Um maluco que vai nos trazer muito dinheiro.

— Você não entende nada de *Bíblia*, droga. Deve saber o básico, que Judas traiu Cristo, essas coisas.

Marlus ficou confuso.

— Ele não chegou a construir a arca, então?

— Ah, meu Deus! — disse Tito, escondendo o rosto com as mãos.

— Escuta, vamos aprender, o.k.? Basta ter sempre uma *Bíblia* por perto. Não deve ser tão difícil.

Tito começou a rir. Marlus achou estranho o amigo ver graça naquele tipo de situação. Contrariado, ele bufou e tomou outro gole de café. Marlus nunca era levado a sério e não se conformava com isso. Tito se levantou, abriu a carteira e jogou uma nota em cima da mesa.

— Estou realmente preocupado. Aliás, vou conversar com a Laís. Ela é sua mulher e deve saber que você está doente. Um psicólogo deve ajudar.

Ao ouvir o nome da esposa, Marlus se lembrou.

Você precisa fazer alguma coisa. Sabe, arranjar alguma atividade...

Ela estava certíssima e Marlus não queria desapontá-la. Ele não poderia deixá-la desistir do casamento. Estava completamente perdido, mas ficaria ainda pior sozinho. Também se lembrou da filha, que precisava sustentar. Não podia passar mais um mês parado em casa, sem fazer nada. Marlus permanecera tempo demais esperando um milagre, ainda que nem sequer acreditasse nessas coisas. Era hora de ir mais longe e correr riscos.

Quando Tito caminhou em direção à porta da cafeteria, Marlus agiu rapidamente.

— Tito, por favor. Estou desesperado — ele esperava ver uma comoção no rosto no amigo, mas Tito era especialista em permanecer apático quando desejava. — Você é o único amigo com quem posso contar.

— Marlus, já disse que...

— Peça o que quiser em troca — ele se rendeu, ao perceber que o amigo não se sensibilizaria com chantagens emocionais. — Qualquer coisa.

Tito sorriu e Marlus soube que havia conseguido.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

Tito deu meia-volta em direção à mesa.

— Bem, acredito que podemos nos sentar outra vez.

CAPÍTULO 6

— Vamos ver se eu entendi — disse Tito. — Você quer ficar rico. Para isso, está disposto a cometer uma fraude total, enganar as pessoas, fazê-las acreditar que é alguma espécie de ungido do Senhor, como se dizem esses caras na televisão, e correr vários riscos, considerando que não sabe absolutamente nada sobre a *Bíblia* e não teve nenhum tipo de educação religiosa. É isso mesmo?

— Você compreendeu. Pare de ficar repetindo tudo, que coisa mais chata! Parece aqueles programas de TV em que o apresentador enrola para segurar a audiência. Não se preocupe. Fiz um curso de teatro na adolescência, quase dois anos. Tenho até diploma.

— Não consigo entender por que ainda não ganhou um Oscar.

— Chega de piada. Qual é a sua condição? — Marlus estava com pressa e começava a se arrepender de não ter sugerido um bar em vez de uma maldita cafeteria, considerando que estaria bebendo uma cerveja gelada, e não um café velho.

— Condição? Ah, sim... — Perceba, leitor, que havia muita informação para Tito absorver, e ele tinha sido pego de surpresa. — Bem, eu entendo que esteja disposto a isso porque, na verdade, não tem muito a perder. Desempregado, nenhuma carreira pela frente... — Note que, apesar de amigo, Tito frequentemente frisava a condição de fracassado do rapaz, como se desejasse esfregar na cara dele que era mais bem-sucedido.

— Aonde quer chegar? — Marlus imaginou que não vinha coisa boa, e ele estava certo. Porém, dependendo do ponto de vista, para Marlus não viria, para Tito, sim. É relativo. Sou apenas o narrador.

— Você não tem bens nem perspectiva de vida — olha aí outra vez, estou dizendo, ele não é flor que se cheire. — Eu tenho um bom emprego, uma promessa de promoção, um possível aumento de salário. Tenho um futuro fora dessa sua ideia maluca, saca? Se a sua brincadeira fracassar, perderei tudo. Meu trabalho, minha credibilidade, minhas referências. Quem vai querer me contratar se eu for acusado de fraude ou preso? Imagine!

— E?

Marlus era um rapaz direto e não gostava de conversa fiada.

— Eu preciso de uma garantia.

— Que garantia? Nem eu mesmo tenho certeza de nada.

— Não posso correr riscos como você.

— O que tem em mente?

— Existe uma maneira, na verdade. É bem simples. Você funda a igreja, e eu entro como o primeiro filiado.

— Porra, Tito!

— Desculpa, cara. É a minha condição.

— Imploro sua ajuda, e o que você faz? Diz que vai pular do barco antes que afunde.

Que tipo de amigo é esse?

— O tipo que não é burro. É pegar ou largar. Ajudarei no que for preciso. Ainda assim, no papel, é importante constar apenas o seu nome como fundador, ou seja lá o que você vai ser.

— Não sei, não... Já fiz tanto por você, encobri tanta coisa...

— Marlus... — alertou Tito, lançando um olhar por cima do ombro para checar se havia alguém por perto.

— Aquela garota com quem saía e eu precisava confirmar o álibi para a Paula...

— Fale baixo.

— As putas quando ela viajava...

— Cale a boca.

— O baseado no final de semana...

— Deixe de ser imbecil.

— Aquela vez em que foi demitido por justa causa e a história que inventou para a família...

— Já chega! Vou me levantar e acabar com esta palhaçada.

Ainda bem que Tito conseguiu interromper a lista. Ela não era curta.

CAPÍTULO 7

Deixaram a cafeteria e seguiram no carro de Tito para a casa dele. Enquanto se deslocavam pelo trânsito lento, Marlus prestou atenção no luxuoso sedã em que estava. Pensou, por um instante, em como gostaria de ter um carro como aquele, e não depender de um ônibus lotado com gente suada e fedorenta de braços erguidos. Passou os dedos discretamente pelos bancos de couro, de uma forma que Tito não percebesse. Observou o painel, que brilhava cheio de botões e comandos tão modernos que ele não sabia qual a função de cada um deles, e então suspirou. Marlus não queria ser quem o amigo era, mas, às vezes, desejava possuir o que ele possuía. Poderia comprar um carro igual um dia? Estava consciente de que aquele sentimento tinha um nome bem desagradável: inveja. Ainda assim, torceu para que ela estivesse com os dias contados, porque, quem sabe, teria um carrão como aquele — ou ainda melhor — muito em breve.

O automóvel entrou em uma das grandes avenidas paralelas que cruzavam a cidade. Apesar de terem muito o que conversar, os dois permaneceram em silêncio durante todo o caminho, o que tornou o trajeto mais longo. Ambos refletiam sobre o plano perigoso e insano, e em suas possíveis, prováveis e inúmeras consequências. Nenhum dos dois deixou de se perguntar se estava mesmo em pleno gozo das faculdades mentais, o que, o leitor há de concordar, era uma questão bem colocada. Quando finalmente chegaram à garagem do prédio, Marlus resolveu dizer algo, para alívio dos dois, e provavelmente também do leitor, que ia em direção ao terceiro parágrafo seguido de narrativa ininterrupta.

— Vamos precisar de internet.

— Tem no meu escritório.

Ninguém disse que o comentário resultaria em um diálogo relevante.

Fazia um bom tempo desde que Marlus estivera ali pela última vez, certamente no tempo da faculdade, mas pouca coisa havia mudado. O prédio era bem melhor que o dele, o apartamento mais espaçoso e mais bem mobiliado — tudo feito sob medida, ao contrário dos móveis de Marlus, que foram comprados em bazares e liquidações. Percebeu que Tito havia mudado a mobília, agora para um tom mais rústico e adulto, talvez demonstrando o amadurecimento que ele adquirira nesse período, ainda que não estivesse casado. Tito era daqueles homens que não precisam de uma mulher para crescer. Na maioria das vezes, é fácil perceber quando um cara é solteiro após entrar em sua casa, tamanha é a bagunça e a desordem. O caso de Tito, no entanto, fugia à regra. Sua casa era tão limpa e arrumada que alguns dos seus amigos costumavam chamá-lo de “viadinho” por isso — o que ele obviamente detestava. Não se sabe se o apelido era bem aplicado — estou aqui para narrar a história, e não para fazer fofoca sobre os personagens —, mas a verdade é que o rapaz tinha uma ávida paixão pela ordem, que até mesmo poucas mulheres apresentavam. Era compreensível, sendo assim, a especulação sobre o possível afloramento diferenciado de sua sexualidade — que

crescia quando Tito era visto entrando no apartamento acompanhado de outro rapaz, como acontecia agora. O porteiro não era assumido, mas estava interessado.

— Algo para beber? — perguntou Tito.

— Um tinto.

— Agora? No meio da tarde?

— Então por que perguntou?

O amigo deu de ombros e entrou na cozinha. Tirou uma garrafa da adega e serviu uma taça. Marlus deu um gole enquanto observava em silêncio.

— E você? — Marlus perguntou.

— Estou bem.

Entraram em um pequeno escritório rodeado por prateleiras de livros. Havia uma escrivaninha com um notebook fechado.

— Já leu todos esses livros?

Tito olhou com sarcasmo.

— O que acha? Não sou o tipo que enfeita a casa de livros.

Marlus engoliu em seco. Ainda que estivesse acostumado com a arrogância do amigo, aquilo havia feito com que se sentisse desprezível. Detestava a soberba das pessoas cultas e intelectuais. Tito deu um leve sorriso com o canto da boca, como se tentasse quebrar o gelo. Adorava caçoar dos próprios amigos, porém não se dava conta de como soava grosseiro. Marlus, entretanto, precisava da ajuda e teria de ser um cachorrinho obediente, por mais humilhante que a posição fosse.

— Precisamos descobrir que documentos temos de conseguir — disse Marlus, voltando-se ao computador. — Comece pelo Google.

Tito abriu o navegador e clicou em uma aba nos Favoritos, entrando diretamente no site. Em seguida, começou a digitar palavras-chave no campo de busca.

Abrir, igreja, documentos

Alguns resultados apareceram.

— O segundo — apontou Marlus.

Era um blog. Os dois deram uma rápida lida enquanto o cursor descia.

— Volta — pediu Marlus.

Tito respirou fundo. Ele sabia que o tom autoritário de Marlus, após a ofensa, indicava um desejo de competição para provar quem tinha mais controle na parceria. Era uma disputa infantil e eles pareciam dois irmãos implicando um com o outro, mas eram apenas homens agindo naturalmente.

Tito abriu outra página. Era um setor do governo federal especializado em regulamentação de entidades diversas.

— Precisamos fazer uma ata — informou Tito.

— Ata? — Marlus parecia perdido. — O que é uma ata?

Tito revirou os olhos.

— É um documento oficial falando sobre o propósito.

— E depois?

— Levamos ao cartório e registramos.

— Tudo bem.

Tito voltou à página inicial do Google para refazer a pesquisa. Digitou *modelo de ata para igreja* no campo de busca e passou a analisar os resultados.

— Tem bastante coisa aqui — ele avisou enquanto entrava rapidamente em outros sites, voltando e seguindo para os próximos da lista. — Estou tentando encontrar algo confiável.

— Este, quem sabe? — sugeriu Marlus ao se deparar com um documento que lhe pareceu completo. Não que ele tenha lido tudo, claro; era apenas o modelo que tinha mais linhas e palavras difíceis.

— Precisamos decidir um nome e uma missão.

— Bem, o nome deve ser inovador. Não podemos botar “Assembleia” nem “Igreja do Senhor”. É genérico demais.

Por um longo tempo, nenhum dos dois apresentou uma ideia, até que Marlus colocou a mão no ombro de Tito.

— Já sei!

O brilho no olhar indicava um momento *eureka*. Ele estava longe de ser Einstein, mas às vezes se sentia o próprio.

CAPÍTULO 8

— Igreja Marlusiana do Reino de Deus — Marlus disse, sério, como se aquilo fosse algo de absoluto bom senso. — Viu? Foi mais fácil do que quando eu tive que escolher um nome para a minha cadela.

Tito analisou o rosto do amigo seriamente e tentou descobrir se aquilo era uma piada, porque ele não havia encontrado motivo para rir.

— Marlus, esse nome é ridículo.

— Está dizendo isso apenas porque não é o seu nome.

— Não quero o meu nome!

— Tem alguma ideia melhor?

— Qualquer opção é menos idiota que essa. Qualquer uma. Se colocássemos Dinheiro no nome não seria tão ridículo.

Marlus ficou em silêncio. Tito percebeu que o amigo era maluco mesmo.

— Você não...

— Não pode ficar óbvio. Precisamos disfarçar. Procure a tradução da palavra dinheiro para o latim.

Contrariado, Tito procurou um site tradutor.

— *Aes, pecuniam...*

— Pecuniam... — Marlus repetiu. — Pecuniam parece bom... Podemos colocar algo como Igreja Pecuniana do Poder de Deus. Vai atrair muito dinheiro.

— Você acredita mesmo nessas coisas?

— A mente de todo homem ferve de possibilidades que não podem ser comprovadas, até mesmo a de um ateu.

— O que vamos responder quando alguém perguntar o significado do nome?

Marlus não havia pensado sobre isso.

— Pecuniana... Pecado! Diremos que significa uma batalha contra o pecado!

Tito deu de ombros.

— Tanto faz. É o menor dos nossos problemas.

— E agora?

— Ainda não terminamos a ata.

Tito voltou a pesquisar. Quase todos os sites indicavam modelos parecidos, com textos que diziam quase a mesma coisa. Ele escolheu o que julgou mais completo e salvou no computador. Em seguida, tornou a abri-lo, agora apagando as informações da igreja modelo e criando as da nova igreja.

— *A Igreja Pecuniana do Poder de Deus abre suas portas com o intuito de...*

Tito olhou para Marlus. Ele soava tão medíocre quanto aqueles amigos da faculdade que esperam o colega ditar as respostas do trabalho para eles escreverem.

—... com o intuito de trazer a palavra e sabedoria de Deus até a mente e o coração das pessoas, na tentativa de ajudá-las a encontrar Seu caminho e Sua alegria, como assim mandam as escrituras bíblicas sagradas, guiando-as até sua salvação, antes da chegada do nosso Senhor todo poderoso, como descreve o livro do Apocalipse — completou Marlus.

Tito exibiu uma expressão de surpresa enquanto acompanhava as palavras bem construídas que saíram da boca de Marlus, que, de tão belamente formuladas, nem pareciam dele, e sim de um narrador intelectualizado querendo impressionar. Tito respirou aliviado. Ele finalmente sentiu que o amigo tinha capacidade de enganar alguém.

— Temos de escrever algo mais. Está medíocre.

— Você acha?

— Claro! Não estamos preenchendo seu currículo, Marlus. Estamos abrindo uma igreja!

— Tudo bem, tudo bem. *A Igreja Pecuniana do Poder de Deus também está de portas abertas para todo e qualquer cidadão, em terras brasileiras, que esteja disposto a aprender e adquirir conhecimentos bíblicos, além de entender o poder e a sabedoria de nosso Senhor Jesus Cristo, assim como se arrepender e se redimir de seus pecados, como Ele pede, e encontrar seu lugar em meio à redenção, antes do julgamento final.*

— Marlus... Tem certeza?

— Sim! Redenção de pecados, isso sempre funciona. Escreva rápido, meu velho!

— O.k., o.k.! — E Tito continuou mesmo, pois digitava freneticamente como alguém com curso de datilografia. Na verdade, toda aquela habilidade foi adquirida nas noites em que se apressava para cortejar garotas no *Bate-Papo UOL*, antes que elas desistissem acreditando que a lerdeza se estenderia para outros aspectos além do teclado.

Marlus prosseguiu.

— *Fundada na data de hoje — não é para colocar a palavra hoje, e sim o dia de hoje, imbecil! —, a igreja aceita a filiação de qualquer membro com idade maior de 18 anos, sem nenhum tipo de classificação ou preconceito. Menores de 18 anos podem se filiar com a autorização por escrito dos pais. Vou consultar depois nos meus livros de direito para ver se é assim mesmo, não se preocupe. Dessa forma, a igreja apresenta-se como uma instituição sem fins lucrativos, apenas fins divinos e espirituais — será que pode escrever fins divinos e espirituais? Deixa assim mesmo, depois perguntamos no cartório. — Para os interessados (e também para quem queira se filiar, não se esqueça da taxa de matrícula, mais informações entre em contato!), declaro que eu, presidente-fundador, confirmo toda a veracidade das informações contidas acima.*

— Tem certeza, Marlus?

— Tito, eu sou advogado. Confia em mim ou não?

Pela preservação da amizade e do projeto que nascia em conjunto, Tito preferiu não responder e apenas imprimiu o texto.

CAPÍTULO 9

Conforme combinado, Marlus acordou por volta das 7 horas na manhã seguinte para se encontrar com Tito e resolver questões importantes. Isso significava despertar com um terrível mau humor, já que ele não estava acostumado a se levantar cedo e não lembrava da última vez em que esteve de pé nesse horário. Não teve opção. Laís perguntou aonde ele ia, mas Marlus se limitou a informar que havia combinado algo com Tito. O leitor não deve condená-lo, por favor. É desconhecido de sua realidade o comportamento alterado de Laís e como ela poderia se tornar perigosa se uma informação como essa chegasse aos seus ouvidos sem um preparo. Veja bem, é sempre importante que os maridos preparem suas mulheres antes. Sendo assim, ele deixou Marina na casa da vizinha, uma senhora que também tinha filhos pequenos e uma casa bagunçada o suficiente para não se importar com um pentelho a mais. Havia poucos automóveis estacionados em frente ao seu edifício, então ele não teve dificuldade em encontrar o amigo. Apesar de o comportamento certinho e previsível de Tito ser irritante, tinha lá suas vantagens: ele nunca se atrasava.

Os dois seguiram até um cartório próximo. Ao contrário do esperado, não tiveram uma boa recepção: o tabelião disparou perguntas indiscretas cujas respostas não foram processadas rapidamente, o que o fez manter a expressão desconfiada e o olhar torto durante todo o procedimento. Marlus achou isso um absurdo, pois, ele acreditava, o trabalho do funcionário consistia em verificar documentos e receber uma grana alta só para isso, então não deveria se meter onde não era chamado. Era um sujeitinho intrometido e tão sem importância que o narrador não faz questão de citar seu nome nem diálogos. Ainda assim, o cretino conhecia Tito de longa data e sabia que o rapaz tinha vários projetos para abrir uma empresa e, mesmo que nunca tivesse executado nenhum deles, tampouco demonstrara alguma vocação espiritual. Ele se limitou a dar orientações jurídicas e sugerir uma ou outra frase para a ata, e, então, reconhecer aquele documento de fins implicantes, uma vez que era obrigado por sua função. Tinha receio de se meter em problemas legais, e ninguém pode condená-lo.

— Espero que tudo dê certo, Marlus — Tito comentou em tom sério enquanto dirigia o carro para o centro da cidade.

— O que quer dizer?

— Bem, eu encontrei uma sala comercial bem localizada que parece ideal. Comporta cerca de 300 pessoas sentadas. Mas não é barata. Eu tenho algumas economias e vou poder bancar dois ou três meses de aluguel, mas não mais que isso. Espero que a gente encontre uma forma de se manter depois.

O amigo não disse nada. Quando entraram no imóvel, não havia uma única mobília.

Marlus imaginou o local pronto e onde ficaria cada móvel, cuidadoso como um recém-casado que compra o primeiro apartamento. Nos fundos, sentado em um banquinho e rodeado por latas de tinta, encontraram o corretor de imóveis esperando por eles.

— Finalmente chegaram os novos pastores! — disse o rapaz, uma típica frase de puxa-saquismo de um corretor de imóveis em busca de comissão.

Marlus sentiu um calafrio ao ser chamado assim pela primeira vez.

— Como vai? — perguntou Tito. — Trabalhando muito?

— Sempre na correria! Muitas vendas nesta semana!

A forma como ele pronunciou a frase, insinuando que vendia mais imóveis que pílulas do dia seguinte durante o Carnaval, soou um bocado forçada. Os três deram uma volta para conhecer o lugar. Depois de avaliarem a planta, o encanamento e outros detalhes chatos, Marlus e Tito acertaram os termos do contrato e combinaram uma data para assiná-lo. Quando voltavam ao estacionamento, avistaram uma praça movimentada onde trabalhadores descansavam após o almoço, antes de retornar à obra no quarteirão ao lado.

Ao avistá-los, Marlus teve uma ideia. Ele não parava de ter ideias...

— Tito, é a nossa chance.

— Marlus, precisamos procurar cadeiras.

— Teremos tempo para isso.

— O que quer fazer?

— Treinar.

— Agora? Você nem tem uma *Bíblia* aqui.

— Vamos falar de improviso. Eles não sabem quem nós somos. Podemos errar.

— Se está preparado... Bem, você é o pastor, não?

Marlus teve de respirar fundo para ignorar a covardia. Ele se virou em direção à praça e hesitou por um momento. Pensou no que dizer. Aproximou-se dos peões de obra, que estavam largados pela praça debaixo do sol escaldante provavelmente falando sobre as bundas que passavam vez ou outra, e o que fariam com essas bundas caso tivessem oportunidade e não fosse apenas uma fantasia tola no horário de descanso. Marlus balançou a cabeça tentando se livrar da imagem. Não era uma boa hora para pensar em bundas. O grupo observou a aproximação com curiosidade. Marlus sorriu na tentativa de ganhar confiança e lamentou não ter uma camisa social bege e apagada para se tornar mais convincente.

— Desculpe — ele pediu no tom mais educado que pôde. — Teriam um minuto para ouvir a palavra do Senhor?

CAPÍTULO 10

Dois semanas depois.

Marlus finalmente conseguiu escapar da vista de Tito e encontrar alguém que pudesse ocupar o amigo por alguns segundos — neste caso, Adelaide, uma senhora gorda e baixinha, vizinha da igreja, que queria porque queria ajudar na decoração. Chata, ela era chata. Vivia insistindo em dar dicas de combinação para o altar, tentando sincronizar cores e trocar objetos de posição enquanto os dois apenas concordavam com a cabeça e pensavam em uma maneira rápida de se livrar dela. Quando viu que Tito mergulhava na conversa, Marlus aproveitou para sair de fininho a fim de respirar ar fresco (ao menos foi a desculpa que ele deu).

Ao chegar ao lado de fora, apoiou-se no portão enquanto massageava um pé, algo que esperou para fazer naquele momento porque não havia ninguém respirando por perto. Ele estava cansado. Havia se acostumado com a vagabundagem, e não era necessário muito trabalho para que se esgotasse. Imaginara que abrir uma igreja exigiria esforço, mas não esperava pelo sacrifício das últimas duas semanas. Organizar toda a estrutura era mais complicado do que parecia. Eles receberam o imóvel vazio e o prepararam do zero. Até mesmo a pintura estava inacabada. Para isso, Marlus comprou algumas latas de tinta e, na tentativa de economizar mão de obra, resolveu pintar ele mesmo. Tito, claro, ficou com receio da aparência que o lugar teria quando pronto, mas resolveu não contrariar. Contavam com um orçamento apertado, e ele era o único a contribuir com o caixa. No fim, apesar de Marlus ter deixado alguns cantos mal rebocados, passado tinta por cima de tomadas e derramado latas pelo piso diversas vezes, ao menos as paredes estavam prontas e secas, e a decoração montada. Por decoração entenda-se, claro, alguns quadros com figuras e dizeres bíblicos, e uma placa com o nome da igreja. Marlus agradeceu aos céus o fato de as igrejas evangélicas serem contrárias ao uso de imagens e não venerarem santos, assim eles não precisariam montar nada parecido com o altar de uma igreja católica, que ostentava mais dinheiro que *rapper* em videoclipe.

Marlus analisou a fachada enquanto pensava. Agora, tudo finalmente ganhava forma. Ele estava ansioso. Ao se lembrar da noite que se aproximava, podia sentir o suor correr frio pelo corpo. Faltavam apenas poucas horas, e isso o deixava arrepiado. Quando seus pensamentos ficavam impassíveis, Marlus notou que Tito e Adelaide atravessavam a porta.

— Ela gostou das mudanças no altar, Marlus — informou Tito, no tom educado que sempre usava na presença de um idoso, como se eles fossem sensíveis demais para ouvir um diálogo comum.

— Ah, não se preocupem — disse dona Adelaide. — Sei que deve ser difícil para vocês, homens, lidar com essas coisas. Decoração geralmente é uma preocupação feminina, e

vocês devem ter tanto na cabeça agora... — Marlus achou aquela afirmação um pouco feminista, ou machista, mas não conseguiu decidir que sexo ela defendia, ainda que estivesse certo de que defendia um deles. — Não é nada perto da mensagem que vão levar, claro. Mas, sabe, o salão ficou tão lindo! A casa do Senhor precisa estar à Sua altura. Já avisei todas as minhas irmãs sobre a inauguração. A minha irmã, que é irmã mesmo, e a minha vizinha também. Ela disse que vai trazer a patroa e uma prima, pois a prima estava mesmo procurando uma igreja para frequentar com a família. Menino, você não sabe o que ela passou. Acredita que dois anos atrás descobriu que estava com câncer e os médicos disseram que...

Marlus parou de ouvir e sorriu. A mulher falava sem parar, em um ritmo acelerado. Ele sempre encontrava uma enorme dificuldade em interrompê-la. Imaginou que, se fosse um texto escrito, seria de um péssimo escritor, pois não haveria vírgulas nem pontos-finais e as frases não teriam coerência. Ainda assim, Marlus esperava que ela fizesse uma pequena pausa, talvez para respirar — em algum momento ela deveria respirar —, e então se calasse.

— Mesmo o salão parecendo finalmente pronto, é só o começo — garantiu Marlus, que encarou o amigo com um olhar preocupado. — Agora precisamos de divulgação!

Tito esperou por uma ideia, e Dona Adelaide fez o mesmo.

— Não se preocupe — pediu Marlus. — Eu tenho um plano de *marketing*. — Embora, leitor, eu tenha certeza, ele nem sequer se lembrasse do conceito dessa palavra, que o professor ensinou em uma aula na faculdade enquanto o irresponsável planejava um jogo de pôquer para o intervalo.

CAPÍTULO 11

O movimento no centro da cidade crescia como em qualquer outro fim de tarde. Eram quase 18 horas e, à medida que as pessoas saíam do trabalho, a multidão aumentava e lembrava um formigueiro a quem assistia a cena dos altos prédios porque não tinha mais nada para fazer. Todos pareciam desesperados para se livrar daquela massacrante rotina e voltar ao lar, seguir em direção à *happy hour* ou a qualquer outro lugar que os fizesse esquecer de como estavam cansados do trabalho que detestavam (ou melhor, quase todo mundo). Senhores elegantes de terno e gravata, com o sonho de ser alguém importante; e mulheres trajando conjunto social sofisticado, que desejavam parecer fortes como eles. *Office boys* corriam apressados. O zumbido ininterrupto das buzinas e dos motores orquestrava um pandemônio em que motoqueiros driblavam carros como se fossem jogadores de futebol. Vendedores ambulantes gritavam ofertas para aumentar o lucro antes do final do dia. E, diante de tudo isso, dois homens tentavam atrair a atenção — o que parecia impossível naquela movimentadíssima metrópole conhecida como o centro administrativo do país. Atrás deles, uma velha, cuja forma física lembrava um ovo com pernas, tinha dúvidas sobre como eles conseguiriam se destacar em meio ao barulho.

— Aonde vamos? — perguntou ela.

— Precisamos encontrar um lugar cheio de gente — lembrou Marlus.

— E que lugar seria esse?

Ele olhou em volta, ainda indeciso, e notou uma esquina bem movimentada.

— Parece uma boa opção — Marlus apontou. — Há sempre muita gente ao redor de um banco, mesmo quando fechado.

— Muita gente com dinheiro, você quer dizer — retrucou Tito.

Dona Adelaide se aproximou mais.

— Desculpa, mas como assim?

Mentalmente, Marlus se perguntou outra vez o que ela fazia ali. Em vez de ceder à pressão da velha, ele abriu a pasta que trazia.

— Veja — ele estendeu um papel.

Ela levantou os óculos pendurados no pescoço e leu em voz alta, visivelmente surpresa por não ter sido consultada antes.

— *Sente-se infeliz? Anda perdido? Falta dinheiro ou paz em casa? Há alguém que pode dar as respostas que você procura. Deus está esperando para ajudá-lo a encontrar seu caminho.*

Tito arrancou a pasta da mão de Marlus e tirou outra folha igual, como se não pudesse acreditar no que a mulher lia.

— Marlus, não posso acreditar — ele repetiu, como se o narrador já não tivesse frisado isso.

— Eu sei que parece clichê...

— Não é isso.

— Bem, era a gráfica mais em conta que...

— Não, Marlus. Paz não é com S, e sim com Z.

Marlus correu os olhos pela folha.

— Alguém vai perceber?

— Não seja tão idiota! Como se atreve a fazer isso sem mim? Não sabe nem escrever. Daqui pra frente, não registre mais uma palavra sem que eu revise.

— Espere — interrompeu Adelaide outra vez, estranhando a forma como eles se tratavam. — O que vamos fazer com isso?

— Vamos entregar às pessoas.

— Não sei, não... Eu mesma nunca paro na rua para pegar panfletos. Alguns até são boas promoções, mas outros... Parecem urubus em cima da gente. Tem certeza que isso funciona? Onde você estudou mesmo?

Marlus abriu a boca para responder, mas parou no mesmo instante. As mentiras que contava cresciam em uma velocidade tão grande que ele temia se enrolar.

— Não importa agora.

Marlus atravessou a rua e parou próximo à porta de entrada do banco. Reparou nas pessoas ao redor, mas prestou mais atenção mesmo nos olhares de Tito e Adelaide. Talvez estivessem se divertindo, aqueles folgados. Ele poderia jurar que, entre uma olhada e outra, viu um sorriso escapar dos lábios de Tito, aquele filho da mãe que queria participar, mas pular fora se a situação ficasse preta.

Seja firme, ele pensou. Mantenha o foco, Marlus. Não tenha medo como se fosse uma cadela no cio largada em meio ao canil. Você não é. Tudo que precisa está na sua postura, no seu rosto e na sua voz. Utilize a linguagem corporal a seu favor. Convença a si mesmo que é quem deseja ser e deixe isso transparecer. Use um tom de voz que transmita confiança, firme como se tivesse a mais absoluta certeza do que está dizendo, e as pessoas vão acreditar em você.

Marlus não sabia, mas seus pensamentos renderiam um livro de autoajuda razoável que poderia se tornar um *best-seller* por uma ou duas semanas antes de ser esquecido, como aqueles vendidos em lojas de conveniência.

Pessoas apressadas entravam e saíam do banco. Marlus viu uma mulher passando pela porta giratória com o filho e pensou que talvez fosse uma boa oportunidade. Quando percebeu o homem parado no caminho, ela diminuiu o passo, decidindo se aquela figura representava ou não uma ameaça.

— Com licença — o tom inocente lembrava o de uma criança pedindo doce. — Gostaria de saber se a senhora tem um minuto.

Ela levantou uma sobrancelha, confusa em relação à proposta. Olhou para o filho, checando se o maluco não havia sumido com ele, ainda que a criança estivesse ali o tempo todo.

— Depende... Pra quê?

— Claro, que demência a minha, eu não me expliquei. Um minuto para um pouco de

sabedoria do poderoso senhor Jesus Cristo.

Marlus não sabia explicar como aquelas palavras escapavam tão brilhantemente de sua boca, ainda mais naquela velocidade, mas acreditava que misturar termos como “Deus” e “poderoso” sempre funcionava, independentemente da ordem. Ele estendeu um dos folhetos que trazia. Ela deu uma olhada e soltou os ombros tensos, e até mesmo largou um pouco a bolsa, que apertava contra o peito, e que, Marlus não sabia, estava cheia de dinheiro.

— Olha, na verdade estou com pressa...

— Ah, é o que todos dizem. Nunca há tempo para Deus — Marlus não titubeou. —

Diga-me, a senhora tem buscado Ele?

Ela olhou em volta como se procurasse alguém para salvá-la, e, pelo amor de Deus, vamos combinar: não há nada mais chato do que alguém interrompendo uma caminhada para tratar de amenidades que não interessam.

— Bem, procuro fazer o bem, sabe... Essas coisas.

— Isso é bom, mas Ele certamente quer mais.

Ela abriu a boca e, antes que pudesse continuar, Marlus disparou a falar, seguro de que a interrupção inapropriada era eficaz entre as missões religiosas.

— E, além do mais, como Ele poderia conversar com a senhora?

— Através das minhas orações?

Droga, Marlus pensou, discutir com quem argumenta bem era sempre difícil.

— Mas a senhora também precisa conhecer a Palavra.

— Para isso posso ler a *Bíblia*.

Putá que pariu, minha senhora, facilite um pouco.

— Olha, é bom entrar em comunhão com outros irmãos. Por coincidência, estou inaugurando uma igreja amanhã.

A mulher leu um dos panfletos a contragosto.

— Nunca ouvi esse nome.

— Como eu disse, começa amanhã.

— Tudo bem. Vou ficar com o folheto.

— Pretende comparecer?

— Eu ando meio ocupada...

— Tenho certeza de que encontrará tempo.

— Talvez. Obrigada, então.

Ela deu as costas.

— O endereço está na parte de baixo.

— O.k.

— Não custa nada ir. Quero dizer, nada mesmo.

— Tudo bem.

— Mas aceitamos contribuições voluntárias.

Ela lançou um olhar torto, mas não disse nada.

CAPÍTULO 12

— Nada mau para uma primeira abordagem — Marlus ouviu Tito dizer logo atrás dele.

— Olha aquele cara ali — apontou Marlus. — Ele não parece ter muita pressa.

Marlus tinha razão. O homem ao qual se referia, um rapaz vestindo roupas humildes parado próximo à porta giratória, olhava o movimento de pessoas pela calçada.

— Provavelmente espera por alguém — concluiu Marlus. — Vamos lá.

Tito seguiu à sombra de Marlus, e aquilo lembrou a época em que os dois avançavam pela boate à procura de mulheres que aceitassem seus drinks, um atrás do outro, até que ficassem loucas e topassem um pouco de sacanagem. Assim como naquela época, Tito, que se considerava o mais esperto dos dois, esperava Marlus criar coragem para abordar e quebrar o gelo antes dele, o que geralmente acontecia após algumas doses, quando as moças aceitavam qualquer coisa.

— Que é? — o homem perguntou em um tom não muito sociável.

— Tenho um minuto da sua atenção?

— Na verdade, não.

— Prometo não demorar.

— Não tenho tempo.

— Quero apenas levar palavras de paz até o seu coração.

— Olha, cara, nada contra, mas não sou gay.

— Estou falando de Deus.

— Ele é gay?

— Ele te ama.

Pela primeira vez, o homem olhou Marlus diretamente nos olhos.

— Quem mandou você aqui?

— Ninguém.

— Estou dando tanta bandeira assim? Merda. Eu deveria ter percebido — ele se afastou da parede de vidro e começou a andar em círculos, como um cachorro tentando morder o próprio rabo. — Quem é ela?

— Adelaide.

— Ela me lembra minha mãe.

— Sua mãe?

— É a cara dela.

Por cima do ombro, Marlus observou Adelaide e notou a expressão de alegria no rosto dela. Ele não entendeu o motivo da felicidade, já que ela não conhecia a mulher. O rapaz, entretanto, desviou a atenção para alguém que deixava o banco. Uma jovem usando grandes óculos escuros e salto alto atravessou a calçada com pressa e nem sequer dirigiu um

olhar a eles. Marlus não compreendeu o que poderia ter causado a distração. Se bem que, observando com atenção, o vestido realçava as curvas dela e, coladinho do jeito que era, deixava a bunda empinada, e... Bem, o narrador apenas imagina que esse poderia ser o motivo.

— Qual é o problema? — Marlus perguntou.

O homem começou a lacrimejar. Sem saber o que fazer, Marlus o abraçou e sujeito continuou a choradeira até encharcar a camisa dele, que esperava ter de dar conselhos e ouvir desabafos no papel de pastor, mas nunca se imaginou consolando um marmanjo no meio da rua.

— Ah, pobre rapaz — interveio dona Adelaide, aproximando-se. Ela piscou como se fosse sua cúmplice. — Será que ele precisa de ajuda? Conte-nos, meu jovem. O que está acontecendo?

Ela passou a mão na cabeça dele, o que foi estranho para Marlus, e ele sabia que para as pessoas ao redor também, porque muitas deixaram de caminhar e agora observavam a cena inusitada.

— Não podemos ajudar se você não falar com a gente — ela insistiu, agora que o rapaz começava a babar.

O homem se endireitou, deixou o ombro de Marlus e limpou as lágrimas.

— Desculpe, mas acho que foi um sinal.

— Que sinal?

— Aquela mulher...

— Você a conhece?

— Não... Quero dizer, vocês me impediram... Obrigado, Senhor!

— Não vai me dizer que...

— Sim — ele confirmou. — Eu ia assaltar aquela mulher. Eu a observo, ela sempre sai cheia de dinheiro e...

— Misericórdia! — gritou Adelaide.

— Fale baixo, homem! — pediu Marlus, temendo que alguém ouvisse a confissão, uma vez que não pegaria bem para um pastor ser visto com outro ladrão, quer dizer... com um possível ladrão. — Acalme-se. Não aconteceu nada.

— Obrigado, obrigado! — ele abraçou Marlus e Adelaide com um puxão. — Obrigado, Senhor, por me enviar Seus anjos antes que mais um pecado fosse cometido! Eles me salvaram!

Marlus olhou em volta. O burburinho começava a se desfazer, mas algumas pessoas ainda permaneciam curiosas. Ele diminuiu o tom de voz, tentando ganhar privacidade. Ainda achava que, como pastor, poderia ter alguma.

— Olha, Deus me avisou que isso ia acontecer — Marlus afirmou, Adelaide cobriu a boca com as mãos e Tito se segurou para não rir. — Eu o avistei e, naquele exato momento, recebi um chamado Dele. Era uma visão. Ele me mostrou você, e eu vi uma cena na minha cabeça, como se fosse um filme de suspense daqueles que passam na segunda-feira à noite. Você estava encapuzado, agarrou a mulher pelas costas e pediu dinheiro. Oh, meu Deus, Ele sabe o que faz! Não nos mandou por acaso. Aleluia!

— Aleluia! — gritou Adelaide.

— Aleluia! — gritou o homem com a voz falha, porém feliz.

— A partir de hoje, Deus entrará no seu caminho e o livrará dos pecados.

— Amém!

— Prometa-me que nunca mais fará isso.

— Prometo, pastor. Não vou sequer usar o dinheiro dos assaltos. Vou doar à caridade. Sei que Deus quer.

— Oi?

— Vou doar tudo.

Marlus encarou Tito. Tito encarou Marlus.

— Acalme-se, meu jovem — pediu Tito. — Deus tem planos melhores para isso.

— E Ele precisa de algumas mobílias para a casa Dele — completou o amigo.

CAPÍTULO 13

Quando Marina acordou o pai na manhã seguinte gritando de forma estridente e exigindo dele toda a paciência do mundo — uma situação que certamente leva a conclusão de que preservativos não são tão desconfortáveis quanto parecem —, por um momento Marlus se esqueceu dos últimos dias e pensou que era só um desempregado outra vez. Ao ouvir a esposa resmungar sobre a preguiça do marido em socorrer a filha, sentiu-se como nos velhos tempos, quando ela gritava e ele contemplava o mundo da janela do quarto. Agora as coisas haviam mudado. Marlus respirou fundo e sorriu enquanto observava os garis que limpavam sua rua.

Tudo o que Laís sabia era que o companheiro se envolvera em algum plano de Tito, que chamava de “empreendimento” para não dar detalhes. Ele ficou aliviado ao notar que a esposa não agiu como uma metralhadora de perguntas, uma reação comum de toda mulher desconfiada. Ela estava satisfeita pelo fato de o marido não passar mais os dias trancado no apartamento. Não fazia ideia do que os dois amigos tramavam, e até temia descobrir, mas era melhor que nada. Na pior das hipóteses, Marlus voltaria para casa com mais um projeto inacabado e com diversos pacotes de fraldas para Marina.

Ele tomou um banho e vestiu um dos conjuntos sociais que Tito lhe havia emprestado. Jogou todo o cabelo para o lado com um pente e um pouco de gel. Colocou a *Bíblia* embaixo do braço e deu uma última olhada no espelho, verificando a imagem que havia criado para si.

— Por que me pediu para vir de manhã? — perguntou Marlus ao se encontrar com Tito logo depois. — O culto é só à noite.

— Um amigo meu trabalha em uma rádio e eu solicitei que nos ajudasse na divulgação. Ele sugeriu uma entrevista ao vivo com você no programa da manhã, porque acredita que o nosso público escuta mais rádio nesse período. As pessoas estão trabalhando, muitas ainda vão para casa almoçar, dá tempo de se programarem.

— Tem certeza de que é uma boa ideia deixar Adelaide resolvendo tudo sozinha? — perguntou Marlus, a desconfiança percorrendo seu corpo junto com a ressaca fruto do uísque da noite anterior, que ele bebeu na tentativa de acabar com a insônia causada pela ansiedade.

— Não vejo problemas. Ela frequentou outras igrejas de crentes. Muitas, na verdade. Mudou mais de igreja que puta de cliente. Adelaide sabe como essas organizações funcionam. E tem uma vantagem que nós não temos.

— Qual?

— Ela acredita no que está fazendo. Está cansada de procurar em diversas igrejas a paz que deseja, e acha que se ajudar uma desde o começo vai torná-la sua, aquilo que sempre buscou. Se ela conseguir, o restante não importa.

Quando chegaram à rádio, a recepcionista, uma jovem apressada, guiou os dois

pelos corredores estreitos do estúdio.

— Espere! — pediu Marlus, apavorado, assustando Tito a ponto de ele dar um pulo.

— O que é? — perguntou o amigo.

— Preciso entrar no personagem.

Tito revirou os olhos, um gesto de impaciência que ele fazia forçadamente sempre que desejava mostrar desprezo pelas atitudes de Marlus. A recepcionista olhou de um homem para o outro, tentando entender o que aquela frase significava. Ela não estava certa, ainda que estivesse segura de que ambos não pareciam pessoas normais.

— Sabe, eu tenho que me concentrar — Marlus disse a mulher ao notar sua expressão confusa. — Eu falo com Deus. Quer dizer, Ele fala comigo. Quer dizer, não que Ele não fale com outras pessoas, mas é que comigo Ele tem, tipo, uma linha direta. É como se não precisasse de secretária e Ele logo me atendesse! Eu sou ungido. Você pode tentar falar com Ele também, se quiser. Só não sei se Ele vai responder. Às vezes demora.

A garota continuou encarando o pastor, porém sua expressão mudou de confusão para leve princípio de irritação.

— Bem, deixe-me focar...

Tito e a mulher ficaram parados no meio do corredor, estáticos, olhando para Marlus. Eles trocaram olhares rápidos entre si, sem saber o que fazer. Marlus colocou as mãos na própria cabeça e fechou os olhos.

— Hum. Ei, estou entrando. Espera. Acalme-se. Preciso me concentrar. Oh, Deus, eu falo com o Senhor agora... Pode me ouvir?

— Marlus — chamou Tito. — Temos pressa.

— Sempre há tempo para o Pai.

— Eles já estão no ar.

— Espera aí. Ele está dizendo algo.

A recepcionista coçou a cabeça. Tito fingiu uma tosse.

— Sim, Senhor. Eu estou entendendo. Eles vão ajudar a espalhar a Palavra, não há com que se preocupar.

— Marlus...

— Só um minuto. Estou quase lá.

— Senhor, me desculpe — disse a mulher. — Mas, se não entrar agora, eles vão cortar a entrevista e encerrar o programa.

Marlus abriu os olhos.

— É por isso que às vezes Deus não abençoa as pessoas. Elas nunca param para ouvi-lo. Não reclame depois se passar a vida como recepcionista de rádio, mocinha.

Ela abriu a porta e os dois entraram em uma sala escura. Antes que pudesse se apresentar, Marlus estava sentado a uma mesa repleta de aparelhos enquanto um microfone e fones de ouvido eram colocados nele.

— Tem certeza de que esta rádio é ouvida pelo nosso público? — sussurrou Marlus para Tito. — Está tocando sertanejo universitário.

— Não seja inocente, Marlus. Tive uma faxineira crente. Ela cantava todas essas músicas, até mesmo as com palavrões, quando não tinha ninguém por perto.

O locutor fez um sinal indicando que estavam no ar.

— Bem, ouvintes, antes de ir, temos ainda uma entrevista especial. Estamos aqui com o pastor...

— Marlus Evaristo.

— Com o pastor Marlus Evaristo, que abre hoje na cidade uma nova igreja, a... — ele procurou em uma folha a informação. — A Igreja Pecuniana do Poder de Deus. Bem, pastor, fale um pouco sobre a sua história.

— Bom dia, telespectadores. Paz do Senhor.

— Ouvintes.

— Foi o que eu quis dizer. Bem, estamos abrindo hoje um humilde lugar. É uma igreja que levará a Palavra Sagrada às pessoas que precisam ouvi-la, e que trará uma visão totalmente...

— Bem, senhor, isso é muito interessante, mas que tal começar por sua história? Conte-nos como descobriu sua vocação.

— Bem, eu sou formado em direito e tenho trabalhado no ramo...

— Estou me referido a sua vocação espiritual. Qual foi o momento em que o senhor percebeu que era abençoado?

— Bem, na verdade, não foi um momento... Eu sempre senti que Ele falava comigo em minhas orações, então meu amigo e eu decidimos abrir...

— O senhor não teve nenhum sofrimento, não passou por um período difícil em que se perdeu antes que Deus lhe mostrasse o caminho? Olha, com todo o respeito, como espera que as pessoas acreditem que tem experiência para ensinar algo? O povo quer ouvir quem tem uma vida mais interessante que a sua.

O homem esperou por uma resposta, mas Marlus não sabia o que dizer. Boquiaberto, ele encarou Tito, que estava igualmente perdido.

— Bem, pastor Marlus, estamos chegando ao fim do programa e o senhor talvez queira voltar outro dia.

Malditos jornalistas, Marlus pensou.

CAPÍTULO 14

Quando Marlus entrou na igreja, pouco depois de o sol se esconder atrás dos prédios, tudo estava pronto. Tito, Adelaide e os outros voluntários organizavam as pessoas em fileiras, checavam a aparelhagem de som e os cabos, e se certificavam de que nada estava fora de lugar. Metade das 200 cadeiras estava lotada, uma surpresa para todos e até mesmo para o narrador, que, é necessário admitir, não punha muita fé nos dois malucos. A maioria dos presentes era constituída de pessoas idosas. Ele notou, pelas roupas e pela maneira com que se comportavam, que eram pessoas simples. Sentado sozinho em um canto, Marlus encontrou o homem do banco e acenou.

O público logo percebeu que era o pastor de quem todos falavam. Não era para menos: Marlus reluzia poder ao caminhar pelo tapete barato e, por mais que fosse um homem comum, agora parecia alguém de respeito. Ninguém ousaria dizer que ele não era um ungido de Deus, não naquele momento. Talvez fosse a postura confiante de político em época de eleição, mas Marlus sorria agradavelmente como se estivesse à disposição de todos. Não havia como negar; na sua mente, ele não era mais o mesmo.

Temendo tropeçar e cair, o que resultaria em um grande vexame, que poderia ser filmado por um celular e acabar na internet, Marlus subiu com cuidado no palco improvisado com madeira velha. Ajustou o microfone enquanto sua mão tremia como uma virgem durante a primeira vez.

— Boa noite, irmãos. Saúdo a igreja com a paz do Senhor.

Esperou a resposta, mas o público parecia desconfiado.

— Eu sei como estão se sentindo — continuou, abaixando a cabeça em um gesto pensativo. — Antes de qualquer coisa, quero agradecer a confiança. Muitos, com certeza, não me conhecem. Tiveram um dia duro de trabalho e ainda assim encontraram tempo para estar aqui. Minha voz pode se tornar tão monótona que vira um sonífero depois de algum tempo. Eu sei o sacrifício, podem apostar.

Gargalhadas ecoaram por todo o salão. A plateia pareceu relaxar, e aquilo deu entusiasmo a ele.

— Que bom que gostam de rir, porque a palavra do Senhor é importante e séria, mas não precisa ser ensinada com tristeza. Deus não gosta de cara feia. Não é um show de *stand-up*, mas quero fazer meu público rir. Jesus ensinava seus apóstolos com um sorriso no rosto. Por que não vamos sorrir? Eu quero que todos se divirtam.

Ele começou a caminhar pelo palco.

— Às vezes eu paro para refletir sobre o mundo. Quero entender o que está acontecendo, e apenas vocês podem me ajudar. Não pensem que por ser pastor eu sou melhor que vocês. Eu não sou! Tudo o que tenho é a presença de Deus ao meu lado. Se tiverem fé, haverá Jesus para todos! Vocês sabem onde Ele está agora?

O público ficou confuso quanto à resposta que ele desejava, como estudantes diante de uma pergunta difícil na aula.

— Jesus está sentado ao lado de cada pessoa neste templo.

Houve quem procurasse algo na cadeira ao lado, sem entender a metáfora...

— Pois bem, é importante eu me apresentar. Uma transformação me trouxe aqui. Eu era um homem mundano, pecador, que vivia de mentiras e enganação. Que terrível eu era! Mas alguém me tirou da sarjeta. Vocês sabem quem?

— Nosso louvado Senhor! — disse um homem.

— Jesus Cristo! — gritou alguém.

— Eu não ouvi.

— Nosso louvado Senhor!

— Quem?

— Nosso louvado Senhor! — gritaram ainda mais alto.

— O.k., já entendi. Não precisam gritar tanto. Não querem ser expulsos do prédio pela polícia na primeira noite, certo?

O público explodiu em risos. Marlus procurou Tito pelo palco e viu o amigo com uma expressão estarecida; ele não acreditava que o amigo pudesse conduzir o público com tamanha maestria.

— Vamos nos manter calmos — prosseguiu Marlus. — Como eu disse, Deus está bem ao lado, então não precisamos gritar, porque Ele não é surdo. Mas agora eu vou contar sobre minha vida. Conhecem algum advogado?

— Sim! — gritaram várias pessoas.

— Bem, perdoem-me se há algum advogado aqui, mas vou dar um conselho com sinceridade porque eu também era um: nunca confie em um advogado. Eles mentem mais que marido administrando esposa e amante. É terrível dizer isso, mas é a verdade. Posso parecer um pouco novo, mas o Diabo não escolhe vítimas pela idade, e já sofri muito na vida. Nunca quis ser advogado, vejam bem. Meus pais, sim. Eu desejava ajudar pessoas, salvar vidas, e talvez isso indicasse um anseio pela palavra, então decidi cursar medicina. Isso mesmo, este pastor aqui queria ser médico. Mas, acreditem, meus pais riram de mim! Podem imaginar isso? Os pais rindo do filho que cobiçava ser médico! Rá-rá-rá, era tudo o que eu ouvia deles. Não dá dinheiro, tira isso da cabeça, Marlusinho! Vai passar fome, filhinho. Não, eles queriam que eu advogasse para grandes empresas, executivos formidáveis, e ficasse milionário! Dinheiro era só o que importava. Sabem o que é isso? Quem quer nossa vida guiada pelo dinheiro?

— O Diabo! — alguém gritou.

— Isso mesmo. O Capeta! Ele almeja que sejamos ricos, porém pobres de espírito. Mas sabem o que diz a *Bíblia*? Que rico nenhum entra no céu! Porque quem é muito rico dedica tempo demais ao dinheiro, e nos Reinos dos Céus apenas quem dá prioridade a Deus entrará!

A igreja explodiu em aleluia, que ecoou por todas as paredes e também pelo lado de fora. E os vizinhos, coitados, nunca mais descansariam outra vez com eles gritando como se toda a rua precisasse ouvir, e a bênção chegasse à proporção do nível de decibéis.

CAPÍTULO 15

— Ainda não terminei — avisou Marlus, como um professor autoritário diante de alunos bagunceiros.

— Então, para não decepcioná-los, fiz o que meus pais pediram. Matriculei-me em direito. Esperei que, ao longo do curso, eu pudesse gostar, contudo nada aconteceu. Tinha um estágio, mas me demitiram quando o contrato chegou ao fim. Trabalhei em outros lugares, porém, quando já estava havia anos em um emprego, as coisas começaram a desandar. Não conseguia ver tantas coisas erradas. Advogados defendiam criminosos, gente inocente era presa. Chorei uma vez quando vi uma mãe perder a guarda do filho para o pai que batia nela, apenas porque ele era rico! Eu era um homem puro, não aguentava trabalhar em um ambiente com tantas mentiras. Quando me sentava na cozinha para tomar um cafezinho, juro, podia ver demônios rondando aquele escritório! Sabem o que fiz?

Marlus esperou pela resposta, mas o público imaginou que aquela era uma pergunta retórica.

— Pedi demissão e procurei Jesus!

— Oh, glória!

— Paz do Senhor!

— Meus pais me tratavam como se eu fosse um vagabundo, como se não quisesse trabalhar! Vejam! Logo eu, que sempre dei valor a acordar cedo, que tinha as mãos cheias de calos de tanto capinar. Então, um dia um amigo entrou em contato, alguém que, não por acaso, se encontra neste salão agora — Marlus esperou que a igreja ficasse curiosa, então apontou Tito. — Ele estava tão perdido quanto eu. Ganhava um salário que deixava qualquer um com inveja, mas era infeliz. Tito e eu nos encontramos certa tarde no Café Glória. Vocês devem conhecer, fica aqui no centro da cidade e serve uma ótima torta de maçã com canela, precisam experimentar. Enfim, começamos a desabafar um para o outro. Ambos despejamos nossas angústias e tristezas quanto ao mundo! Até que surgiu um sinal. Não qualquer sinal, amigos. Um sinal de Deus.

A igreja ficou em silêncio.

— Um homem apareceu. Ele se sentou conosco e nos contou que era pastor. Falou sobre sua triste história, sobre como era infeliz e como tudo mudou quando começou a pregar. Viramos grandes amigos. Então, quando ele foi embora, olhei para o meu amigo aqui e disse; e ele está aqui como prova, e que Deus abra um buraco onde estou se não for verdade: Tito, também quero ser pastor. Tito se comoveu tanto quanto eu. O resto, vocês podem imaginar, irmãos. E o que aconteceu depois? Fiz uma promessa. Conversei com Deus e jurei que, se Ele me ajudasse a largar o emprego, sobreviver sem ele e abrir minha igreja, eu levaria Sua palavra às pessoas, mesmo que, para isso, precisasse viver uma vida sem luxos. Porque sei que, como pastor, não andarei em carros importados nem morarei em mansões, mas, enquanto

tiver irmãos que me ajudem a seguir em frente apenas em troca da palavra, vou continuar pregando.

— Aleluia!

— Ele vai te abençoar! — gritou uma mulher.

— Pode contar com a gente! — gritou outra.

— Este templo não é o melhor — prosseguiu Marlus. — E sei quanto essas cadeiras de plástico podem se tornar desconfortáveis depois de um tempo — principalmente para esse grupo da terceira idade que sentou na segunda fileira —, mas, com calma, tudo se ajeita.

— Meu dinheiro é de Deus! — disse uma senhora se levantando e indicando a carteira.

— É isso aí! — alguém apoiou.

Marlus levou as mãos aos olhos para enxugar lágrimas invisíveis.

— Eu não pensava nisso, gente... — ele fez uma pausa dramática e soluçou. — Como vocês são abençoados!

— Deixe comigo, pastor — disse Adelaide. — Vou recolher as ofertas enquanto o senhor se recupera.

— Estou bastante envergonhado, dona Adelaide. Não quero dar essa impressão... Mas, como insistem, o que me resta é continuar a pregação.

Ele abriu a *Bíblia* em uma página qualquer e selecionou uma passagem para ler em voz alta. No entanto, parou ao se lembrar de algo.

— Ah, meus irmãos, ainda não aceitamos cartões. Cheques são bem-vindos, não temos preconceito. Também há uma conta para depósito, com a paz do Senhor. Agora, se estão prontos, abram a *Bíblia* no livro de Coríntios, versículo 7.

CAPÍTULO 16

— Como pensou que eu não ia descobrir, Marlus?

Ele logo percebeu, assim que chegou em casa na noite do dia seguinte, que algo estava errado, muito errado. Láis costumava encontrar mil motivos para implicar com ele, mas um homem não demorava a descobrir quando sua mulher estava excepcionalmente furiosa. Era possível até mesmo medir o nível da ira pela quantidade de dobras na testa e pelo número de dentes que a boca exibia. Láis estava expondo vários naquele momento e, por um instante, se pareceu demais com um leão diante de uma lebre pronto para dar o bote em plena mata selvagem.

— Eu não estava escondendo, eu só...

— Marlus! — ela gritou, atirando o porta-guardanapos na direção dele, que já havia analisado os objetos próximos e a probabilidade de ela usá-los em um ataque aéreo, portanto calculou o tempo, a distância, a aerodinâmica, e então desviou a tempo. — Como acha que ficou minha cara quando a camareira do hotel disse que se orgulhava de eu ter me casado com alguém tão abençoado?

— Não tão apavorante quanto agora.

— Eu não sabia o que dizer! Falei: sim, sou casada, mas meu marido, na verdade, está procurando emprego, minha senhora, e não encontrou nenhum, mas posso lhe garantir que não está em uma igreja, porque é ateu, não acredita em Deus, e muito menos é pastor evangélico. Aí ela insistiu que era meu esposo, sim, porque viu você me pegar várias vezes no trabalho, assim afirmei que deveria ser alguém muito parecido. Ela perguntou se o nome não era Marlus, e se ele não era *adevogado*. Falou assim mesmo. Você sabe que eu detesto pessoas que falam *adevogado*! Eu disse que sim, que esse era o seu nome, então ela riu e respondeu que eu não precisava ter vergonha de contar às pessoas que meu marido tinha uma vocação religiosa tão linda, e que eu deveria me orgulhar em vez de sair mentindo por aí, inclusive para colegas de trabalho que estão comigo há tanto tempo. Sabe qual foi minha reação, Marlus? Sabe? Nenhuma. Eu fiquei com cara de idiota e torci pra que aquela mulher tivesse batido a cabeça durante a limpeza dos quartos, ou algo assim, e enlouquecido, porque não poderia ser verdade que meu marido estava na noite anterior pagando de pastor em uma igreja quando eu não sabia de nada, e achava que na verdade ele estava envolvido em um empreendimento com aquele seu maldito amigo da faculdade que eu desconfiava que tivesse uma queda por ele!

— Calma, amor. Eu posso explicar.

— Pode nada! Você é ateu! Ateuzinho. Não acredita em nada e debocha das religiões. Eu tentei várias vezes, mas você nunca acreditou em Deus. Eu disse que conversava com Ele, que orava e Ele respondia, e você me olhava com desdém, como se eu fosse louca e ignorante. Agora você é pastor? Não, Marlus, você não pode me explicar nada, a não ser que a

sua explicação seja que isso é uma piada. E, se for, é de muito mau gosto, porque com essas coisas não se brinca.

— Amor, escuta...

Marlus parou para pensar um segundo. Sabia que poderia se abrir com Tito e contar todas as suas reais intenções, porque era homem, mas não poderia fazer o mesmo com sua própria mulher. Aquele era o ser com o qual dividia a cama todas as noites, porém alguém com quem não conseguia ser totalmente sincero. Marlus se lembrava muito bem da primeira vez em que tentou ser franco com Laís. Ela estava passando por uma fase ruim, logo após o casamento, por isso havia ganhado alguns quilos, como acontece com as mulheres desleixadas que se acomodam depois que encontram um parceiro. Certo dia, porém, perguntou se estava gorda. Naquela época, Marlus ainda era um marido inocente de primeira viagem que não havia aprendido os truques que um casamento exige para um convívio saudável, então acabou falando a verdade. A casa perdeu alguns porta-retratos, espelhos e copos, e ele apanhou, sem falar na desculpa que precisou dar à polícia após a reclamação de barulho que os vizinhos fizeram. Ao menos, aprendeu a nunca mais ser tão aberto com uma mulher na vida. Se não conseguia falar a verdade quanto à forma física, certamente não contaria seus planos mirabolantes e de moral duvidosa. Marlus não era louco o suficiente.

— Minha deusa, eu sei o que está imaginando. Deve parecer estranho, e, pensando bem, agora que você colocou nessas palavras, é bizarro mesmo. Mas, amor, eu mudei! Eu estou falando, eu mudei! Sabe, isso é bom. Ser uma metamorfose ambulante, igual àquela música daquele cantor, aquele das antigas, qual é mesmo o nome? Cazuzza. Eu comecei a enxergar as coisas de outra maneira, sabe? Agora eu acredito Nele e acho que Ele inventou tudo isto, ainda que não tenha feito direito. Eu, por exemplo, tenho as sobrancelhas grudadas. Você sabe que as pessoas têm medo de quem tem as sobrancelhas grudadas. É esquisito e chato ser assim. Ele errou, mas e daí? É só raspar no meio e pronto, eu terei duas sobrancelhas como uma pessoa normal.

— Você teria se transformado em uma mariposa se tivesse se metamorfoseado tanto.

— Estou falando sério, Laís.

— Eu também, Marlus. Na próxima vez em que for se metamorfosear, transforme-se em alguém bem rico, tipo Bill Gates ou Warren Buffet, ao invés de virar um pastor pé de chinelo.

— São velhos demais.

— Justamente. Assim você morre logo, a herança será toda minha e eu não precisarei mais ouvir essas besteiras que você inventa.

— Poxa, amorzinho, não fala assim..

— E toda aquela história de evolução?

— Como posso acreditar que a gente veio do macaco?

— Você garantiu que suas costas peludas eram uma prova, que por isso não deveria raspar.

— Nada a ver! Viemos do barro. Faz mais sentido.

— Barro, Marlus? Você não acredita nisso. Tem coisas na *Bíblia* que dizia serem impossíveis, embora eu defendesse. Como vai explicar Adão e Eva?

— Não há nada para explicar. Está tudo escrito.

— Você falou que era impraticável a humanidade inteira vir de um casal. Que, mesmo que eles passassem o dia inteiro trepando, ainda assim não conseguiriam povoar sozinhos a terra. E eu me lembro bem de você comentar que aquela história de não comer a maçã era infantil demais.

— Querida, isso é tudo metáfora...

— Você dizia que isso é o que todos falam quando não sabem responder. Olha que hipocrisia, Marlus! É o que vai dizer aos fiéis? Que a arca de Noé foi simbólica?

— Não, ela foi real.

— Deus resolveu afogar todo mundo e mandou que Noé criasse uma arca pra salvar os animais? Nossa, Ele era tão misericordioso! Noé, um homem de 600 anos, colocou animais de diversos continentes juntos e conseguiu fazer com que eles não se devorassem, como determina a cadeia alimentar. Muito verossímil, você dizia!

— Deus sabe o que faz.

— Ah, sim. Ele escreve certo por linhas tortas, não?

— Bem, eu não vou ficar aqui explicando cada versículo — decidiu Marlus, numa atitude muito sábia, ou este livro seria inteiro preenchido por diálogos de discussões bíblicas que não levariam a lugar algum. — Tenho mais o que fazer! Tito e eu vamos preparar o próximo culto.

Marlus recolheu suas coisas para sair de casa, desejando estar em qualquer outro lugar, menos ali, e deixou sua mulher falando sozinha, como os maridos costumam fazer quando não conseguem silenciá-las — o que é realmente difícil e faz com que tal ato descortês se torne bastante comum.

— Só tenho mais uma pergunta — ela disse, enfim.

Ele parou na porta, dando a ela mais uma chance, mesmo sabendo que, quando uma mulher garante que é a última coisa que vai falar, nunca realmente é.

— Quão longe você vai levar isso, Marlus?

Ele se virou e encarou a esposa nos olhos.

— Longe o suficiente para que eu possa garantir um futuro a ela — ele apontou Marina no berço e engoliu em seco antes de fechar a porta. Era uma saída dramática que lembrava bastante um final de capítulo de novela mexicana, embora se encontre em um livro.

CAPÍTULO 17

Quando Marlus entrou na igreja, percebeu algo diferente em Tito. O amigo exibia um olhar que ele nunca havia visto em anos de relacionamento, uma novidade para duas pessoas que se conheciam tão bem quanto um casal de idosos que anda de mãos dadas no parque.

— Você foi incrível — disse ele.

— O quê?

— Aquele cara ontem não parecia você. Estou chocado até agora. Estudou teatro mesmo?

— Sim, eu te falei. Quando tinha 16 anos, eu...

— Não importa. Quando você veio com essa história toda, confesso, eu quis cair fora porque achei que era mais uma das suas maluquices que nunca dão em nada. Mas, agora, depois de ver a reação daquelas pessoas... bem, elas parecem realmente acreditar em você.

— Acha mesmo?

— Elas amaram você ontem. Tudo o que falou... De onde tirou aquelas coisas?

— Não sei. Na verdade, subi no palco sem ter muita ideia do que iria dizer, mas comecei a pensar nas coisas que aquele cara da rádio disse. Pareceu grosseria na hora, mas depois percebi que ele tinha razão.

— Deu certo. Deve aprimorar isso. Pode contar sua história aos poucos, conforme os temas são discutidos. No entanto, tem algo que me preocupa.

— O que é?

Tito olhou para os lados, igual um criminoso que procura uma possível testemunha, como nos filmes caseiros de suspense. Quando se certificou de que não havia ninguém em volta, ele fechou as portas do salão a fim de ganhar privacidade. Aquilo resultou em um calafrio para Marlus, que ficou inventando mil besteiras e se sentiu idêntico a um mafioso italiano do cinema da década de 60. Ele até se imaginou usando um casaco longo e um chapéu estiloso, embora não saiba nenhuma palavra no idioma além dos bordões repetidos em novelas de imigrantes.

— Isso — ele abriu uma sacola em cima da mesa e tirou algum dinheiro. — É muito pouco, Marlus — ele mostrou notas de 2 e 5 reais. — Mal tem notas de 10 reais.

— Algum plano?

— O que quer que eu faça?

— Bem, você é a mente brilhante aqui, não? O administrador de empresas, o empreendedor...

— E você é o pastor. Você precisa cativá-los.

— Sim, mas como?

Marlus caminhou pelo escritório. Ele havia chamado Tito para participar de sua ideia porque acreditava que o amigo poderia ser o visionário, pelo menos era o que o outro

sempre dava a entender com todos os seus planos de abrir um negócio. Era um cara que as pessoas viam como alguém futuramente bem-sucedido, porque parecia muito inteligente, mas a verdade é que mostrara pouco sucesso na prática. Quando precisava de boas ideias, Marlus tinha de se virar sozinho. Ao encarar Tito, percebeu que o amigo esperava por uma solução, como sempre.

— Andei assistindo a uns vídeos na internet.

Tito bufou.

— Sério, Marlus? O assunto é pornografia agora?

— Não, imbecil. No *YouTube*, sobre pastores.

O narrador ficou aliviado. Ele tem contado cenas bastante inusitadas, mas nada se compara a descrever em um livro aquilo a que Marlus costumava assistir escondido na calada da noite.

— Não é necessário ser um gênio para observar alguns padrões — continuou Marlus. — Primeiro de tudo: pastores falam diretamente com as pessoas, em geral através de testemunhos.

— O que quer dizer?

— Eles chamam alguém da plateia e dizem que Deus tem um recado, normalmente trazendo coisas pessoais à tona, assuntos que o pastor supostamente não tem como saber. E então dão conselhos, fazem profecias, essas coisas.

— E depois?

— Milagres.

— Isso é difícil.

— Eu sei.

— Tem alguma ideia?

Em vez de responder, Marlus se voltou para a sacola de Tito.

— Ninguém vai frequentar a nossa igreja e doar se não dermos reais motivos para que façam isso. Eu preciso convencê-los de que posso fazer coisas por eles que ninguém mais pode, oferecer uma troca. Tenho que ter superpoderes concebidos por Deus.

— Ainda não respondeu à minha pergunta.

— Eu já disse, não é necessário ser um gênio. Certas coisas são óbvias e estão claras na nossa frente. Primeiro, eu preciso de dinheiro. Vamos contratar algumas pessoas, e nós devemos pagar bem a elas. *Muito* bem.

CAPÍTULO 18

— Boa noite, irmãos. Saúdo a igreja com a paz do Senhor.

Marlus subiu ao palco para o início do culto. Ele se encontrava mais calmo do que em sua estreia, ainda que estivesse um pouco nervoso, como sempre ficava nos primeiros minutos em que falava em público. Por isso, preferiu esconder as mãos, uma vez que elas estavam trêmulas, pois não queria ser confundido com alguém que sofre de Parkinson.

— Estou reconhecendo rostos da reunião anterior, o que me alegra — e sorriu para algumas pessoas específicas na tentativa de tornar o discurso o mais pessoal possível. — Além disso, hoje temos um público maior, o que é ainda melhor. Não estamos lotados, mas dizem que é de grão em grão que a galinha enche o papo, não? E... — Marlus tentou encontrar uma metáfora, sabendo que o público adora uma. — Bem, vocês são como grãos... E eu sou a galinha que os recolhe para entregar a Deus.

Fracassou feio na piada. A igreja riu constrangida, apenas por educação. O narrador sempre faz piadas melhores, mas Marlus ainda não aprendeu e precisa de umas aulinhas. Ele esperou alguns segundos enquanto fingia abrir a *Bíblia*, mas estava se recuperando do mico e tentando encontrar uma maneira de disfarçar a vergonha. Ao mesmo tempo, fazia uma anotação mental para se lembrar de construir piadas melhores. Ou talvez ele precisasse escrever algumas previamente, como fazem aqueles apresentadores de *talk show*, e parecer tão brilhante quanto eles.

— A *Bíblia* diz que devemos ajudar nossos semelhantes — ele virou algumas páginas, mas se lembrou de que não havia lido quase nada o livro e não fazia ideia de onde estaria tal passagem, ainda que provavelmente existisse. — E eu pergunto: vocês têm ajudado seus semelhantes?

Algumas pessoas acenaram em concordaram, mas ninguém queria falar. Marlus lançou um olhar por cima do ombro em direção a Tito. Ele estava sentado ao lado de Adelaide, no palco, e piscava rapidamente os olhos para impedir que eles se fechassem devido ao tédio que o discurso trazia. Marlus respirou fundo antes de prosseguir, sabendo que precisava escolher muito bem as palavras, pois tocava em um tema um tanto delicado.

— Eu mesmo procuro fazer isso todos os dias, o que exige um grande esforço. Olhem, por exemplo, meu amigo Tito — ele indicou o rapaz, que deu um salto, assustado por ser despertado repentinamente para se tornar assunto no culto, sem falar em todos os olhares que se voltaram para ele naquele instante. — Quando o conheci, alguns anos atrás, Tito era alguém completamente diferente do homem robusto e barbado que vocês estão vendo agora. Esse é o Tito de Jesus. Naquela época, o Tito que eu conheci era o do Diabo.

Tito não soube como reagir. Na verdade, ficou tão paralisado que se parecia muito com aquelas estátuas bizarras dos museus de cera. Ele lançou um olhar repleto de arrependimento para Marlus, e não precisou emitir uma única palavra para que ficasse visível

o que seus olhos queriam dizer: o-que-você-está-fazendo-seu-filho-da-mãe-pelo-amor-de-deus-não-me-foda-na-frente-de-todo-mundo.

— Tito era alguém que ouvia músicas do mundo e fazia coisas que as pessoas do mundo fazem. O que Deus fez na vida do meu amigo é um grande milagre, algo que não vemos todo dia. Foram diversas quedas e recaídas até que ele se firmasse. Eu orei muito por ele.

O público olhava de Tito para Marlus e de Marlus para Tito. Marlus percebeu, então aproveitou o momento para criar mais suspense. Fez uma longa pausa, longa mesmo, tão longa que parecia estar prestes a anunciar o ganhador da Mega-Sena acumulada.

— Alguma ideia do que Tito era?

Ninguém respondeu.

Marlus suspirou teatralmente, deu alguns passos e direcionou um olhar paternal para o amigo, que não sabia o que estava para ser dito, mas imaginava que não era coisa boa.

— Podem não acreditar, mas Tito é... — Mais uma pausa dramática aqui. —... Tito é um ex-gay.

A igreja veio abaixo. Não houve quem não se impressionasse e soltasse um “ohhh” ou “nãooo”, ou ainda “meu Deus, eu tinha desconfiado pela camiseta de gola V”. Mulheres levaram as mãos ao rosto. Homens olharam preocupados. Crianças ficaram confusas, algumas sem entender o que aquilo queria dizer. Tito se sentiu como uma bizarra atração circense. Os olhares o crucificavam, e ele nunca se viu tão ridicularizado em toda a sua vida. Sem saber o que fazer, voltou a encarar Marlus: *você-vai-me-pagar-por-isso-seu-filho-da-puta*.

— Eu sei, eu sei — Marlus continuou, ignorando a expressão de seu amigo. — Tito fica um pouco constrangido por eu falar assim, do nada... Mas o que é o nosso passado diante da prova concreta de um milagre do Senhor? E, além do mais, eu acredito que isso não seja um segredo para ninguém. Vocês devem ter percebido o jeito como ele anda rebolando e cruza as pernas ao se sentar. Imaginem que estão fazendo um *download* com internet lenta. A fé é a mesma coisa. A bênção de Deus sempre chega para aqueles que Nele creem, mas, às vezes, ela demora a ser carregada.

Tito descruzou as pernas e tentou afastá-las o máximo possível uma da outra.

— Sua voz era mais fina que a do Anderson Silva, e ele tinha a coleção de discos da Madonna. Ah, também fazia um ótimo *petit gâteau*. Ninguém que faça uma sobremesa com esse nome pode ser hétero. Não, vocês não iriam reconhecê-lo. Tito deixou o pecado assim que se encontrou nas Palavras Sagradas — enquanto falava, Marlus olhou para Tito e deu uma piscadela. — Eu gostaria de aproveitar o espaço dos cultos para apresentar testemunhos. É sempre bom ouvir a história de vida dos outros irmãos e descobrir como o Senhor agiu sobre eles. Creio que Tito não se importaria de vir até aqui e falar um pouco, não é mesmo?

A igreja concordou, alvoroçada, e esperou uma resposta.

— Deem um desconto a ele. — Marlus prosseguiu em defesa do amigo, de forma irônica, como provocação. — Tito não é muito bom de oral. Quero dizer, de oratória... Não pensem besteira. Bem, ele costumava contar em detalhes sua vida íntima quando era... diferente, mas agora é muito tímido.

Tito se afundou um pouco na cadeira, desejando estar em qualquer outro lugar no mundo que não aquele salão. Também desejou que um buraco se abrisse por debaixo de sua

cadeira e o engolisse, levando-o para qualquer outra dimensão. Ele nem sequer se importaria com a queda.

— Irmão Tito, se importa?

Tito respirou fundo, tentando relaxar, e, então, se levantou.

CAPÍTULO 19

Marlus cumprimentou Tito com um abraço apertado e três tapas nas costas para encorajá-lo, mas não mais do que isso, porque agora, com aquela revelação, poderia pegar um pouco mal.

— O que deu em você, filho da puta? — Tito sussurrou, usando um palavrão que, tá aí, não é comum ouvir dentro de uma igreja.

— Vai funcionar muito bem. Eles adoram um ex-viado.

Perdido, Tito se aproximou do microfone e organizou as páginas à sua frente para ganhar tempo.

— Boa noite — cumprimentou, sem resposta. — Boa noite, irmãos — insistiu, lembrando-se de como eles gostavam de ser chamados de irmãos, ainda que ele mesmo fosse filho único. Dessa vez, o público respondeu rapidamente para não se prolongar em cumprimentos, uma vez que se interessava mais em ouvir a polêmica história, que renderia muitas fofocas assim que todos pusessem os pés para fora do salão. — Bem, eu realmente não tinha planos de discursar hoje... Isso certamente é algo não premeditado... — voltou a fitar Marlus, e o leitor ficaria impressionado com a forma com que os dois se comunicavam apenas com a troca de olhares, sem que fosse necessário pronunciar nada, mesmo quando um estava com raiva do outro. Tratava-se de uma técnica adquirida ao longo dos anos de amizade e que só era possível com bom nível de intimidade. Ao fim, decidiu que, já que havia embarcado na furada do amigo, era melhor relaxar e entrar no personagem de vez, porque agora não havia mais jeito. — Por onde começar? Ah, eu sempre me senti diferente... Quando era criança, eu não gostava de ficar na sala com os homens conversando sobre fazendas e carros. Era tão chato... O papo na cozinha era sempre mais interessante. O fulano que começou a namorar uma garota mais pobre, a vizinha que comprou um aspirador de última geração, a cinquentona que saía com garotões... Quem se importa com motores? Eu ouvia coisas bem úteis, também. Você não sabem, mas eu tinha uma tia que sabia todos os truques para não manchar as roupas na hora de lavar, sem falar naquelas receitas *ma-ra-vi-lho-sas* que ela encontrava não sei onde...

Marlus tossiu. Tito apressou o discurso.

— Bem, como eu ia dizendo, quando cheguei ao fim da adolescência, lá pelos 17 anos, eu comecei a reparar que não tinha muito interesse em meninas. Quando estava com elas, era como se... como se eu estivesse com meu cachorro. Eu até apreciava a companhia, mas não desejava ser lambido, embora ele vivesse insistindo.

Tito nunca havia visto tantas testas franzidas ao mesmo tempo. Assim como Marlus, tinha dificuldade em formular metáforas, e às vezes elas soavam um pouco estranhas. Ele podia jurar ouvir o barulho dos vaga-lumes do lado de fora.

— Não me entendam mal... O que quero dizer é que não havia desejo. Quando tinha festa de família, era sempre a mesma coisa, alguma tia perguntava: cadê as namoradinhas?

Não tenho, eu dizia. Mas como não? Nada sério, tia. Toda família tem uma tia chata que faz essas perguntas. Que saco isso, irmãos! Bem, o Tinhoso se apoderou de minha vida e me levou para o lado negro da força, e eu podia ver até mesmo Darth Vader me esperando lá, uma vez que sempre achei aquela armadura um pouco suspeita. Todo final de semana alguém me convidava pra ir a alguma festa, e vocês sabem o que acontece. A gente costumava...

— E então você encontrou Jesus, não é mesmo? — Marlus interrompeu, antes que a conversa se tornasse imprópria.

— Sim, isso mesmo. Eu conheci o Marlus certo dia, quando estávamos em um bar da faculdade... Sabe, o Marlus é um cara ungido hoje, entende de Deus e todas essas coisas, mas vocês também não iriam reconhecê-lo naquela época, ainda mais se soubessem as coisas que ele fazia. Certa vez, eu entrei no banheiro da universidade e encontrei Marlus...

— Eu já contei a eles sobre minha vida, Tito. É seu testemunho. Que tal focar você agora?

— Certo. Bom, muito tempo depois, eu reencontrei Marlus e ele me falou sobre a Palavra Sagrada. Naquela época eu achei tudo uma grande besteira, mas aos poucos Deus tirou as escamas dos meus olhos e eu pude entender a verdade. Eu finalmente larguei a novela e fui para o *Netflix*. É pra glorificar, irmãos! Aleluia!

— Aleluia!

A igreja esperou por mais, contudo Tito encerrou seu discurso e voltou à cadeira. Estava cansado de ter o amigo controlando seus passos. Marlus notou a expressão nos rostos à sua frente: “É só isso?”. Ele balançou a cabeça, lamentando a forma sem graça com que o amigo havia terminado seu discurso. Tito não tinha o mesmo carisma que ele. Marlus precisaria agir logo, então se levantou a fim de entretê-los antes que as coisas desandassem.

— Quanto? — foi a primeira pergunta de Marlus ao entrar no escritório após o culto naquela noite.

Tito ainda não havia tocado na sacola. Marlus percebeu que Adelaide também estava ali, arrumando o que sobrara da bandeja de café e bolachas servida durante a reunião.

— Como foi hoje, Adelaide?

— Ah, pastor, foi tudo uma maravilha! O pessoal come bastante, como pode ver — ela indicou as poucas migalhas e copos sujos. — Mas não se preocupe. Você já tem bastante do que cuidar. As irmãs Jussara e Vilma trouxeram tudo. As bolachas foi a própria Jussara quem preparou. Eu fiquei de organizar tudo na saída.

— Perfeito.

Ela recolheu algumas sacolas e deixou a sala.

— E então?

— Onde você estava com a cabeça, Marlus? Por que inventou toda aquela história?

— Não sei o motivo, mas eles adoram falar dos gays. Tem alguma coisa aí.

— Não me interessa. Eu passei a maior vergonha. Eu não sou gay e não quero que as pessoas pensem o contrário.

— É tarde demais. O máximo que pode acontecer é você virar confidente das irmãs e começar a ouvir sobre namorados, mas e daí? De qualquer forma, eles adoram você agora!

Para eles, é como um soldado que venceu a guerra. Será um exemplo!

— E se essa história chegar à minha família?

— Bem, algumas pessoas não ficariam surpresas.

— Cale a boca, idiota.

— Você precisa se acalmar. A fama não é tão ruim assim. Você sobreviveu ao ensino médio.

— Por que não foi você o ex-gay, então?

— Porque eu já era o bem-sucedido-que-largou-tudo-para-servir-a-Deus, e porque precisamos de uma história comovente para você. Além disso, você ainda é o solteirão. Agora pare de enrolar. Quero saber do dinheiro.

Tito abriu a sacola e colocou tudo o que havia nela em cima da mesa. Moedas rolaram. Ele separou todo o dinheiro por valor e começou a contá-lo.

— Quanto?

— Uns 650 — respondeu Tito. — Na última vez, foi menos de 200 reais.

— Eu falei que eles adoram essa coisa de ex-gay.

— Ainda assim, é pouco.

— Eu sei, mas estamos apenas começando.

Marlus se sentou atrás da escrivaninha e tirou o telefone do gancho.

— O que vai fazer? — quis saber Tito.

— As pessoas adoram ouvir histórias novas. O que eu vou fazer, então, é dar emoção a elas.

CAPÍTULO 20

— Eu gostaria de convidar alguém especial para subir ao palco nesta noite — anunciou Marlus, alguns dias depois, diante de uma plateia bem maior. — Essa pessoa tem sofrido demais ao longo dos últimos anos. É um rapaz que, apesar de jovem, provavelmente passou por mais dificuldades na vida do que muitos aqui presentes com seus cabelos brancos, eu imagino. Mas, antes que eu acabe contando toda a história, peço a ele que venha até aqui. Com vocês, nosso irmão Janílson Pinto! Por favor, obreiro Tito, ajude o homem!

Tito teve dificuldade para subir a escada levando o convidado numa cadeira de rodas. Conduzir um cadeirante pelo palco improvisado já era difícil, ainda mais quando era alguém com uma provável inclinação à obesidade. Por um momento ele se perguntou por que não haviam arranjado outra pessoa para a cadeira de rodas, de preferência bem magra, porque aquele homem com a barriga caindo pelas laterais do assento claramente não tinha sido uma boa ideia.

— Boa noite, Janílson. Quer cumprimentar a igreja?

Marlus estendeu o microfone.

— Boa... Boa noite, irmãos.

— Paz do Senhor! — disse Marlus.

— Paz do Senhor — ele repetiu.

— Paz do Senhor! — gritaram todos.

— Por que não começa falando sobre você, Janílson?

— Tipo apresentação de primeiro dia de aula?

— Bem... Mais ou menos. Já deu algum testemunho?

— Delegacia conta?

— Não.

— Então, não.

— Bem, no que trabalhava?

— Eu era pedreiro.

— E há quanto tempo trabalhava com isso?

— Doze anos.

— Vejam, irmãos — disse Marlus, agora se direcionando ao público. — Ele não era um novato, claro que não!

— Eu comecei aos 14.

— Aos 14? Misericórdia! A vida é mesmo dura, não? Sua família devia ser muito humilde, imagino.

— Era mesmo.

— E você teve algum acidente anteriormente?

— Sim.

— Teve?

— Tive.

— Tem certeza? — Marlus encarou Janílson.

— Ah, não. Nunca. Só arranhões.

— Isso porque era bem preparado, certo?

— Muito. Usava capacete e tudo.

— Muito bem, muito bem — Marlus andou pelo palco, observando a reação do público e como a história fisgava sua atenção. — O terrível acidente. Importa-se de falar sobre ele, Janílson?

O rapaz deu de ombros.

— Deus me deu uma bênção. Não devo temer.

— Perfeito. Prossiga.

Janílson se virou para a plateia.

— Era um dia como qualquer outro. Eu cheguei por volta das 7 horas e comecei imediatamente a amolecer a massa. O sol mal havia nascido e meu suor já escorria. Deixei a massa pronta e levei para o lugar onde iríamos usá-la. Então, meu chefe me pediu para colocar algumas telhas, e eu tive que subir na escada a fim de alcançá-las. Comecei a jogar uma por uma na direção dele, que acomodava em uma pilha no solo. Por algum tempo, tudo ocorreu muito bem. Até que...

Janílson fez uma pausa para se recuperar das lembranças. Em apoio, Marlus tocou seu ombro.

— Quando estiver pronto, irmão. Sinta-se à vontade.

Janílson precisou de mais alguns segundos antes de levantar a cabeça.

— Eu não sei como aconteceu, pastor. Mas meus pés escorregaram e eu caí do terceiro andar direto no chão. Meu patrão não pôde fazer nada além de chamar uma ambulância, mas ela demorou. O senhor sabe como é o país em que moramos...

— Eu sei. O Diabo é traiçoeiro!

— O senhor acha que foi ele?

— Eu estou absolutamente certo, meu amigo. O Diabo trava uma guerra todos os dias com o Senhor. É tudo um teste para o arrebatamento. Mas agora eu pergunto: o que o traz aqui?

— Dizem que o senhor é ungido, que Deus lhe deu a bênção para ajudar pessoas. Isso é verdade?

— Bem, só faço o que Ele me permite.

— Pastor, percorri diversos médicos, mas todos diagnosticaram que eu nunca mais poderia andar. Tentei vários hospitais, mas a ciência não encontrou salvação para mim. Eles tiraram minha esperança. Tudo o que eu quero é caminhar outra vez.

— E como anda sua fé no Senhor, mocinho? — perguntou, como um dentista questionando uma criança sobre a escovação dos dentes.

— Eu confio Nele. Só Nele.

— E o que quer que eu faça?

— Quero que me cure, pastor.

— Eu vou curá-lo? — Marlus olhou com olhar inquisidor.

Janílson lançou uma expressão confusa.

— Não, pastor, me desculpe. Claro que não. O Senhor vai me curar. Ele apenas usa suas mãos para transferir a unção.

— Eu sempre digo: sou apenas o carteiro. Não curo ninguém. Não sou curandeiro, macumbeiro nem super-herói. Se Ele consente, se julga que o cristão em questão tem fé suficiente para receber uma bênção, então o fiel há de receber. Antes disso, entretanto, Deus quer saber quanto confia Nele. É por isso que precisam vir. Você tem fé que Deus pode curar, irmão?

— Muita!

— Quem é seu salvador?

— Jesus Cristo!

— O que vai fazer se Jesus lhe der essa bênção?

— Eu vou ser Dele, pastor! Todinho dele! Vou dedicar minha vida a Ele!

— E o que mais?

— Não vou sair mais daqui. Vou ajudar, colaborar com a oferta.

— Jesus não gosta de quem só aparece às vezes...

— Eu sei, pastor. Eu vou vir em todo culto, vou pagar o dízimo!

— Quanto?

— Dez por cento, pastor. Assim como Ele pede na Bíblia.

Marlus parou em frente à cadeira de rodas.

— Vou puxar você dessa cadeira, irmão, e irei segurar todo o peso nos meus braços.

Quero que grite o nome do seu salvador bem alto. Vamos orar todos juntos.

Marlus se abaixou, colocou os braços ao redor das axilas de Janílson e então o puxou da cadeira. O homem ficou em pé, todo apoiado no pastor.

— Quem é seu salvador?

— Jesus Cristo! — o homem gritou e apertou Marlus contra o peito, fazendo com que cheirasse seu desodorante barato.

— É isso mesmo! E por que Ele vai salvar você?

— Porque Ele é filho do único Deus verdadeiro.

— Orem, irmãos! Orem!

Marlus começou a sacudir o homem. Quando voltou a falar, as palavras não eram conhecidas.

— Ubalarielolamana!

Janílson olhou assustado. A igreja não piscava de tamanha curiosidade.

— Aranamirelalalalabiré! Oh, glória!

Ninguém entendia nada, mas ninguém tirava os olhos do pastor Marlus.

— Urupiracabritomericanosará! Aleluia!

Janílson entrou em transe. Marlus o agitava como se tentasse acordá-lo em uma manhã de segunda-feira. O corpo de Janílson estava mole igual ao de uma boneca inflável. Marlus soltou Janílson com um empurrão, que o jogou de volta contra a cadeira. Ele sacudiu a cabeça, acordando, e olhou em volta, como se tentasse entender o que havia acontecido.

— O que...

— Janinho, escute. Eu vou levantá-lo outra vez, mas agora você sentirá suas pernas.

Ele olhou confuso.

— Eu vou o quê?

— Isso mesmo que ouviu. Vai andar até mim, e sozinho.

— Mas...

— Não seja teimoso! Precisa acreditar para acontecer!

— Eu... Eu acredito.

— Então vou contar até três.

— Tudo bem.

A igreja não ousava respirar. Os olhos naquele salão estavam vidrados nos dois homens. Marlus sabia que era avaliado por todos os ângulos.

— É um, é dois... É dois e meio. Dois e três quartos. Agora é três! Eu disse três! Vai!

Janílson se apoiou nos ombros da cadeira, levantou o corpo e se firmou no chão usando apenas as pernas. Elas tremiam, e por um momento a igreja acreditou que ele iria desabar como um boneco de posto quando o motor que o infla de ar é desligado, mas Janílson, ainda que mancando, se manteve forte. Com passos lentos, ele arrastou as pernas até o pastor.

— Obrigado, Senhor! Ele foi curado! — gritou Marlus. — Ele está andando! É pra glorificar de pé, irmãos!

Todo mundo se levantou e gritou feliz:

— Amém!

CAPÍTULO 21

— Aqui está o seu dinheiro. — Marlus colocou um maço de notas de 50 reais na mão de Janílson. — Algumas pessoas ainda estão lá fora. Ponha no bolso antes de sair.

— Obrigado. Foi muito bom fazer negócios com vocês.

— Apenas não se esqueça do acordo de confidencialidade. Ninguém pode saber, nem mesmo sua família.

— Não se preocupe. Não quero estragar nossa parceria daqui pra frente.

Marlus franziu o cenho.

— O que quer dizer?

— Quando precisar de mim, me chame que eu venho.

— Não podemos chamá-lo outra vez. Agora, sua participação vai se limitar a aparecer algumas vezes nos cultos das próximas duas semanas, como havíamos combinado, para que ninguém estranhe seu sumiço repentino. Depois, inventamos alguma desculpa, como uma mudança de cidade, para o caso de alguém notar a ausência das suas pernas curadas. Não podemos usá-lo em outro milagre. Seria suspeito.

— Bem, eu pensei que...

— Não pensou nada. Precisamos de outras pessoas.

Janílson deu de ombros, deixou o cômodo e foi ao encontro de um grupo de pessoas que esperava por ele na saída. Algumas senhoras choravam ao segurar sua mão e abraçá-lo.

— É como prostituição, Marlus — comparou Tito ao fechar a porta. — Você acredita que só vai fazer uma ou duas vezes, mas, quando percebe a facilidade com que ganha tanto dinheiro, acaba fazendo disso um hábito, então não consegue mais se livrar dele.

— Onde você o encontrou?

— Ele trabalha no interior como pedreiro. Faz parte da equipe do marido da minha faxineira.

— É longe daqui?

— O suficiente para ninguém encontrá-lo. E, se o fizerem, ele é mesmo um pedreiro, então...

— Você teve o cuidado de pensar nos detalhes. Gosto disso.

Tito abriu o armário na sala e tirou outro saco, dessa vez de lixo.

— Marlus, essa coisa de milagre funcionou bem — ele sacudiu a sacola para mostrar o peso.

— É tudo dinheiro?

— Sim.

Marlus ajudou Tito a despejar o conteúdo em cima da mesa, tantas notas que algumas caíram e se espalharam pela sala. Marlus riu. Ele estava literalmente pisando no dinheiro.

CAPÍTULO 22

— Eu quero ir, Marlus.

— Amor, não precisa... Você não precisa ver essas coisas. Vai achar chato.

— Como que não? Meu marido vira pastor e eu não vou ver?

— Benzinho, sabe como eu fico envergonhado quando estou falando em público.

Nem aquele curso de oratória na faculdade deu jeito. Imagina se você estiver lá, me olhando! O amorzinho da minha vida, me avaliando na frente daquelas pessoas todas. Eu vou ficar vermelho! Não dá.

— Eu vou aparecer e assistir, Marlus, quer você queira ou não. Preciso saber o que está acontecendo. Pelo que ouvi dizer, até curar você já curou.

— O pessoal exagera. Não era cura. O cara estava apenas com uma dor no pé e tinha dificuldade para andar, eu fiz uma oração e ele se acalmou...

— Não é o que contam. Pensa que não fico sabendo? Todo mundo no bairro comenta sobre a igreja nova. Em pouco tempo, será toda a cidade.

— Sério? A parte nobre ou a periferia? Quer dizer... Que bom, não? Mais gente buscando Jesus...

— Vai ficar com a Marina hoje?

— Não, estou indo para lá.

— A vizinha não aguenta mais. Ela está cuidando sozinha da nossa filha há semanas.

— Eu vou falar com ela, explicar que está ajudando a dar continuidade na Palavra de Deus...

— Não, Marlus. Essa ladainha pode funcionar com quem não conhece você, mas não com seus vizinhos. Precisamos contratar uma babá. E quero que encontre uma velha e gorda, pode até ser uma dessas ciganas paraguaias. Mas, agora, não quero uma novinha e bonitinha. Não vou aturar o que aconteceu da outra vez. Juro, Marlus, que se eu pegar você de conversinha e olhando pra...

— Tudo bem, amor. Vou procurar uma — ele cedeu, antes de deixar o apartamento após mais uma batalha perdida para a mulher, algo com o que ele não se importava mais, desde que ela não atrapalhasse seus planos dentro da igreja.

Mais tarde, bateram à porta do escritório do salão enquanto Marlus usava a internet e deixava uma planilha com números aberta em outra janela, um truque para o caso de alguém procurar saber se ele estava trabalhando.

— Chegou o primeiro, pastor — informou Adelaide.

— Quem é?

— Uma das fiéis.

Marlus se levantou da cadeira e caminhou até o espelho próximo. O colarinho estava

torto e a gravata amassada. Ele colocou um pouco de gel no cabelo e o jogou para o lado.

— Mande-a entrar.

Adelaide abriu a porta e uma mulher entrou, mas não era quem Marlus de fato esperava. Ele imaginara alguém como uma das amigas de Adelaide, mas a mulher que atravessara a porta era bem mais jovem e atraente. O vestido floral acentuava suas curvas, ainda que ela fosse magra e apresentasse sinais de idade ao redor dos olhos. Não deveria ser muito mais velha que Marlus. Certamente era o tipo de mulher que o faria prestar atenção na rua, virar o pescoço e se curvar em busca de um ângulo melhor. Marlus, inclusive, imaginou como ela ficaria se usasse algo mais jovial, como uma blusa decotada e uma saia curta. Ele poderia idealizá-la daquela forma sem grandes problemas.

— Bom dia, pastor — ela cumprimentou ao entrar na sala. — Meu nome é Luiza.

— Bom dia, irmã Luiza.

— Fiquei sabendo que o senhor abriria a igreja para encontros individuais hoje, então resolvi aproveitar, já que há muitos assuntos confortáveis para tratar no meio do culto.

— Entendo. Fique à vontade.

Luiza se sentou em uma cadeira em frente à mesa dele.

— Em que posso ajudar?

— Bem, pastor, não sei se o senhor sabe, eu sou uma das obreiras que estão colaborando desde o começo...

— Ouvi falar.

— E pensei que o senhor pudesse me auxiliar em uma questão delicada.

— Quando estiver pronta.

— Pastor, como o senhor pode imaginar, uma mulher da minha idade precisa se prevenir quanto à saúde.

— Da sua idade? É muito jovem ainda. Posso ver a beleza que Deus criou.

— Ah... Obrigada, pastor. Fico envergonhada.

— Não há motivos para isso.

— Andei fazendo alguns exames de rotina para me certificar de que tudo estava bem. O problema é que um desses exames deu positivo.

Marlus imaginou que deveria soltar uma expressão mista de surpresa e preocupação, e foi o que fez.

— Misericórdia! O que foi que deu?

— Câncer de mama.

Ele levou as mãos à boca.

— Tá amarrado! Tem certeza, irmã?

— É o que os exames mostram. Estou há dias tentando contar para minha família, mas não consigo. Como vou falar para o meu marido e o meu filho? Por mais que tente, é muito difícil. Posso imaginar a reação deles... Vão ficar horrorizados! Preciso que Deus ilumine meu caminho e minha mente para que eu possa fazer isso.

— Acalme-se, irmã.

Marlus a abraçou e tentou pensar em algo para fazer ou dizer, mas tudo o que conseguiu foi prestar atenção naquele grande espaço entre os dois que era preenchido por um

par de peitos grandes e bem redondinhos. Ele se perguntou se ela teria silicone, porque eles pareciam ser mesmo bem firmes. Poderia jurar que sim, ainda que tenha errado a respeito de outras mulheres quando fazia apostas bobas com colegas durante as aulas da faculdade.

— Irmã, antes de tudo, você precisa ter certeza.

— Mas já fiz os exames.

— Quem eram os médicos?

— Como assim?!

Marlus pegou a mão dela.

— Desculpe, qual é o seu nome mesmo?

— Luiza...

— Luiza, como pode saber que o resultado é verdadeiro se não conhece a fé dos médicos?

Ela pensou sobre o assunto.

— Irmã, a sabedoria é um presente de Deus. Nada se descobre nem se aprende sem o consentimento Dele. Como pode confiar no julgamento desses médicos?

— Mas, pastor...

— Apenas os ungidos de Deus têm essa habilidade. A medicina é uma dádiva, porém nem sempre ela é praticada por Seus seguidores. Há muitos ateus na ciência. *A Bíblia* diz que aquele que crê no Pai terá todo o conhecimento do mundo, e ninguém será mais sábio. Será como um Google humano, mas sem campo de busca.

— O que eu devo fazer, então? Descobrir se o médico é crente?

— É uma opção. Mas seria mais fácil encontrar alguém que você sabe ser verdadeiramente ungido.

— Mas quem? Onde vou encontrar alguém assim?

Marlus sorriu. Ela havia chegado aonde ele queria.

— Irmã, eu não quero parecer oportunista, mas uma vez fiz um curso de primeiros socorros...

Luiza ficou vermelha.

— Não quero fazer nada que a deixe desconfortável — ele prosseguiu. — Não estou aqui para isso. Falo apenas para o seu bem, porque, como líder espiritual da igreja, eu devo me preocupar com a saúde dos fiéis.

— Eu não estou certa...

— Bem, tire o tempo necessário para pensar. Só dei a ideia porque sei que com câncer não se brinca, mas a decisão é sua.

— Mas como o senhor faria isso?

— Da mesma maneira que os médicos, é claro.

— Apalpando?

— E há outra maneira? A diferença é que minhas mãos certamente seriam guiadas pelo Pai, e Ele sabe melhor que ninguém como conduzi-las.

— Fico um pouco sem graça...

— Não se preocupe, irmã. Não é necessário contar a ninguém. As pessoas teriam dificuldade em entender a maneira com que Deus age. Ele sabe o que faz.

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Vamos lá.

Marlus teve de conter um sorriso safado.

— Bem, eu só não quero problemas com seu marido.

— Não se preocupe, pastor. Não vou contar nada. Ele ainda não segue Jesus e não entenderia.

Marlus trancou a porta devagar.

— Desculpe-me, eu não tenho nenhuma luva aqui.

— Melhor assim. Não quero nada entre mim e as mãos de Deus — Luiza respondeu antes de tirar a blusa.

CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte, Marlus e Tito chegaram cedo ao centro da cidade e desceram em sua área mais famosa, conhecida pela venda de produtos de qualidade duvidosa. A rua tinha nome de uma data e era bastante movimentada. Para conseguirem fazer as compras, os dois desviaram da multidão que circulava apressada pelo local como se as lojas fossem fechar. Enquanto isso, precisavam cuidar dos bolsos em que estavam sua carteira e o celular, porque essa mesma região era julgada por ser perigosíssima, com grandes possibilidades de assalto. Não que eles tivessem lá muita coisa a ser roubada (principalmente Marlus, que inclusive havia comprado várias peças de roupas por uma pechincha naquele lugar), mas eles imaginaram que não cairia bem para um pastor supostamente abençoado e protegido por Deus ser noticiado como vítima de assalto.

— O que precisamos comprar? — quis saber Tito, que era medroso como uma menina e a todo minuto olhava por cima dos ombros para se certificar de que não estava sendo seguido.

— Coisas para a gente vender.

— Tipo o quê? Santos?

Marlus deu um sopapo na orelha dele.

— Claro que não, imbecil. Crentes detestam santos. É coisa de católico.

— Ah, tá. Mas o quê, então?

— Você nunca viu um programa evangélico?

— Não me lembro de nada disso.

— É quase como aquele canal bizarro que vende joias de madrugada, só que esse tipo de programa usa o nome de Deus. Nós precisamos aumentar o orçamento.

— Que tipo de coisas?

— Eu andei pesquisando na internet. Acho que qualquer coisa pode ser vendida, desde que seja relacionada... Vamos precisar ser um pouco criativos e apelar para a emoção.

Marlus parou em frente a uma loja.

— Eles vendem toalhas aqui?

— Toalhas? Quer secar os crentes? Eu pensei que água benta também fosse coisa de católico.

— Bem, os evangélicos se batizam mergulhando... Anda muito quente mesmo e seria uma boa desculpa para ter uma piscina... Mas não, Tito. Caramba, eu falei para pesquisar mais. Alguns pastores vendem toalhas ungidadas para que os fiéis passem no lugar que desejam receber a bênção... Alguns passam na carteira, outros no celular quando a 3G está devagar. Está com o dinheiro ou não?

— Que dinheiro?

— O dinheiro do último culto.

Tito abriu a carteira e tirou um bolo de notas de 50 reais presas por um elástico.

— Para ver como sou um excelente tesoureiro, eu até separei do meu dinheiro pessoal.

— Que diferença faz? É tudo o mesmo.

Tito refletiu sobre o comentário tentando descobrir o que Marlus quis dizer, mas não conseguiu chegar a uma conclusão.

— Eu vou comprar só toalhas de rosto — informou Marlus. — Se pegar toalhas de banho, vão pensar que os crentes estão indo à praia. Eles sempre vão de roupa.

Marlus entrou em uma loja, encontrou a seção que procurava e comprou um saco com 200 toalhas pequenas. Antes de sair, porém, perguntou ao atendente:

— Por acaso vocês vendem tijolos?

O balconista olhou-o como se ele tivesse feito a pergunta mais idiota do mundo.

— Aqui não é casa de material de construção.

Marlus lhe deu as costas sem dizer obrigado e continuou pela rua procurando algo pelas vitrines enquanto Tito carregava as compras.

— Olhe! — Marlus apontou. — *Bíblias!*

— Vai levar?

— São do tipo que eles gostam: capa preta de couro, título em dourado, borda rosada e livros com marcadores recortados.

— Mas toda *Bíblia* é assim.

— Você não presta atenção nos detalhes.

Marlus pegou várias unidades e colocou tudo dentro de uma cesta. Pagou com dinheiro, pechinhou pelo desconto à vista (“Deus não compra fiado nem parcela”). Quando conseguiu um preço melhor, agradeceu (“Ele não vai esquecer e vai retribuir. Aleluia, irmão!”) e até abençoou a família do vendedor. Continuaram caminhando até encontrar uma loja gospel.

— Vai levar tudo isso? — surpreendeu-se Tito quando viu Marlus enchendo o carrinho com livros, CDs e DVDs. — Tem certeza? Isso está um pouco feio. Olha esse cara de bigode e terno de funerária... Será que sabe mesmo cantar? E essa mulher com o cabelo dos anos 80... — ele virou o disco. — Não, não, foi lançado ano passado. Senhor...

— Pare de achar defeito nas coisas, Tito. Eles vão adorar! Olha quantas adaptações infantis das histórias bíblicas... Tem de tudo!

Algumas quadras à frente, Marlus entrou em uma butique de perfumes e comprou algumas unidades de um modelo cujo frasco não tinha nome, o que Tito achou um pouco estranho. Marlus só repetia que sabia o que estava fazendo e que Tito ficaria admirado quando descobrisse a ideia que ele teve. Levou também óleos para o corpo, todos sem identificação. Quando se preparava para ir embora, Tito finalmente descobriu uma forma de ser útil.

— Olha, Marlus. Tijolinhos!

De fato, Tito apontava para a vitrine de uma loja que vendia brinquedos em miniatura, como carros, bonecos, casinhas e outras coisas de gente grande que a garotada adora colecionar. Entre elas, tijolinhos que faziam parte de um jogo de montar. Marlus comprou várias unidades do jogo, mesmo sabendo que ficaria apenas com os tijolinhos e que

jogaria todo o resto fora. Talvez Marina aproveitasse o restante, então ele torceu para que a menina não sentisse falta dos tijolos e conseguisse se divertir assim mesmo. Sua filha era pequena e Marlus achava que crianças nessa idade sempre se contentavam com qualquer coisa, bem ao contrário dos adolescentes e dos adultos. Se bem que, depois de pensar melhor, concluiu que alguns adultos também não precisavam de muito para se sentir satisfeitos, e alguns, inclusive, tinham uma facilidade tremenda para acreditar em tudo.

CAPÍTULO 24

Quando estava prestes a terminar o culto para um público de mais de 300 pessoas, Marlus deixou o sermão de lado a fim de tratar de um assunto sério.

— Gostaria de toda a atenção da igreja agora — ele pediu ao fechar a *Bíblia*. — Como sabem, recebemos ofertas em todos os cultos, e, graças ao bondoso Pai, elas têm crescido a cada reunião. Ainda assim, tenho que confessar: eu não queria falar sobre esse assunto, ele é desconfortável... Mas estamos enfrentando algumas atribulações financeiras. Deus sabe como é difícil sobreviver quando o dinheiro é para Ele. Por favor, peçam um aumento de salário porque esses 10% não dão para nada.

Marlus se sentiu obrigado a fazer uma pausa porque a igreja ficou alvoroçada com o comentário, e não era para menos, pois até o narrador se atrapalhou e quase derrubou café em cima desta história. Tito, que aproveitava a distração dos fiéis para fazer uma discreta limpeza de última hora no nariz, chegou a tossir com a frase e por pouco não engoliu a substância.

— Não preciso lembrar, claro, que 10% é o que Deus pede na *Bíblia*... — continuou Marlus, tentando conter os crentes e torcendo para que ninguém levantasse a mão para pedir a passagem a que ele se referia, porque Marlus havia lido um artigo na internet dizendo que ela existia, mas não sabia onde. — E, além disso, nossos gastos têm ultrapassado o orçamento. Sabem o nosso tesoureiro, o Tito?

Ninguém se manifestou. Todos ficaram confusos.

— O ex-gay.

Todos concordaram com a cabeça.

— Ontem fizemos compras no supermercado e ele não me deixou comprar papel higiênico de folhas duplas, porque era muito caro, então tive que comprar o simples. E eu confesso, irmãos, eu odeio esse tipo. É muito fino, se rasga todo. Um saco.

Todos voltaram a concordar. Certamente também gostavam de folhas duplas.

— Se não querem se atrasar para a pregação caso aconteça uma emergência no toalete, então eu peço que aumentem suas ofertas. Também não quero ter de colocar detergente para lavar as mãos, e seria muito melhor encontrar um sabonete líquido cheiroso e cremoso, não é mesmo, irmãs? Detesto quando minhas mãos ficam ressecadas e eu tenho que andar com meu creme hidratante. Ninguém aqui quer mãos enrugadas. É a obra de Deus que pede, não eu. Deixem de ser mãos de vaca e cedam a Jesus.

Todos ficaram quietos novamente. Estavam chocados com a sinceridade. Marlus abriu uma pasta e tirou algo de dentro.

— Eu preciso lembrar o que Deus disse a respeito da contribuição? Conhecem a história de Jó, não? O Senhor pediu uma prova de fé. Arrancou todas as coisas dele. Tirou o dinheiro, a mulher, os filhos, a saúde, ele ficou leproso, nojento, tudo. O Criador queria que Jó provasse sua fé, e Jó tinha o suficiente para perdê-la. Mas o que aconteceu? Nada. A fé de Jó

permaneceu inabalável. Ele abriu mão de tudo, menos dela. E Deus o recompensou. Como? Dando-lhe o dobro de volta! Mais que o dobro, muitas vezes mais! E Jó ficou rico. Olha como Deus é bonzinho. Pensam que recebemos a recompensa apenas no Céu? Não, meus amigos. Estão enganados. A teoria da prosperidade garante que o bem vem enquanto estamos na terra, desde que colaborem com a obra. Pensando nisso, decidi trazer uma novidade. Como sei que gostam de tudo organizado, criei um carnê de ofertas voluntárias. Agora vocês não precisam colocar dinheiro na sacola, que coisa mais ultrapassada. — Ele estendeu um bloco para que todos enxergassem. — A partir de hoje, podem adquirir um carnê como este na saída da igreja e pagar sempre que forem ao banco. Há carnês de 20, 50, 100 e 500 reais, então não tem desculpa: todos podem ajudar, até o pé de chinelo e meia furada.

Marlus fez um sinal a Tito e Adelaide. Os dois se aproximaram trazendo uma mesa.

— Muitos querem garantir o lugar no Paraíso e agora podem parcelar a vaga no cartão sem juros. Eu não contei? Já temos máquina. Aceitamos débito também, é claro. A tecnologia é uma bênção.

Marlus indicou Adelaide, que logo retirou um frasco da sacola e o levantou o mais alto que pôde para exibir a todos. Seu semblante sério como o de uma aeromoça explicando o procedimento de emergência.

— Eu sei que muitas irmãs desejam se sentir sensuais para o marido, e muitas vezes não sabem como, ou não conhecem a procedência desses produtos que o mundo oferece. Eu também ficaria com medo. Afinal, de onde vêm esses perfumes com nome estranho? Para que comprar um frasco da Jennifer Lopez se você nem sabe que cheiro ela tem? Existe um aroma, entretanto, que vale a pena. Sabe qual é? Estou falando do Perfume de Jesus, uma exclusividade nossa. Acreditem, irmãs, é pra glorificar. Temos, também, a fronha ungida para quem sofre de insônia e quer resistir às tentações da TV de madrugada! E temos ainda o tijolinho da Obra de Deus, que está na promoção por 99 reais. Pode parecer caro, mas o que são 100 reais perante a obra do Senhor? Bem, se estão prontos, nosso culto está acabando, porém a loja acaba de abrir. Tito e Dona Adelaide vão atender. E não se esqueçam: Visa e Mastercard, mas, se não querem a bênção parcelada, é melhor pagar à vista.

CAPÍTULO 25

Marlus convocou uma reunião antes do culto seguinte. Estavam presentes Tito e Josué, um rapaz que ele havia contratado para ajudar por julgar ser de confiança. Dona Adelaide tentou entrar, mas, com alguma criatividade, Marlus conseguiu uma desculpa para mantê-la de fora. Deus sabe como é difícil lidar com senhoras aposentadas com tempo de sobra.

— Eu andei pensando sobre os próximos encontros. — Marlus revelou enquanto se sentava na sua habitual cadeira de chefe no escritório dos fundos, o que fazia com que ele se sentisse imponente. — Está faltando algo, e só me dei conta agora.

— O que é? — quis saber logo Tito, que só não era mais curioso que Adelaide.

— Na verdade, é mais simples do que parece. Precisamos encontrar uma maneira de nos conectar com o público profundamente. — Marlus se levantou da cadeira, deu as costas para o grupo, e, por um momento, ele se pareceu muito com um chefe de quadrilha prestes a detalhar o passo a passo de um assalto a banco, como naqueles filmes de ação. — As pessoas falam muito. Elas adoram comentar a própria vida, principalmente as mulheres — ele pensou por um momento. — Falar está para as mulheres assim como o sexo está para os homens. Anote isso, Tito. Vai ser uma daquelas frases compartilhadas na internet. Sendo assim, é normal que o povo revele muito sem perceber, principalmente quando há bastante emoção envolvida. Bons amigos são bons ouvintes. Vocês podem ser bons amigos?

Marlus andou pela sala enquanto observava os rostos espantados.

— Eu estou lendo um livro de autoajuda. Não sei por que dizem que eles não funcionam — comentou, antes que alguém perguntasse qualquer coisa.

Josué esperava o início do culto enquanto observava o movimento de pessoas entrando na igreja. O número de participantes aumentava a cada reunião, e ele se perguntava o que aconteceria quando eles não encontrassem mais espaço para se acomodar no salão, mesmo que aquilo não fosse problema dele. Observou uma moça, na faixa dos 20 anos, que chegou sozinha e se sentou em uma cadeira no corredor. Sabia que nenhuma mulher gostava de ficar só por muito tempo e que a maioria costumava apreciar a companhia de um homem, principalmente quando disposto a ouvir seus problemas.

— Posso me sentar aqui? — ele perguntou, indicando a cadeira vaga ao lado da mulher.

Ela estava distraída e tinha uma expressão triste, mas se recompôs rapidamente ao ouvir a voz.

— Claro.

— Meu nome é Josué.

Ele estendeu a mão.

— Bety.

— Tá cheio hoje, né?

— Verdade — ela disfarçou e secou uma lágrima rapidamente enquanto fingia observar a multidão.

— Venho desde o primeiro dia. Estou gostando bastante. É bem diferente das outras. Estão ajudando muita gente.

— Estão?

— Ah, sim. Uma bênção. Outro dia eu vi um cego subir naquele palco e começar a enxergar.

Bety ficou surpresa.

— Sério?

— Você não estava?

— Não. É meu primeiro dia.

— Bem, seja bem-vinda, então, irmã Bety — ele se inclinou e deu um abraço afetuoso nela. — Posso chamá-la assim? É como nos apelidamos aqui.

— Claro. Eu precisava mesmo de um abraço.

— Todos nós precisamos.

— Alguns mais.

— Aconteceu algo?

Ela hesitou. Josué, entretanto, conhecia bem as mulheres. Todas gostavam de se fazer de difícil, mas, se ela soltou aquela última frase, é porque queria conversar.

— Olha, se precisa desabafar, eu estou aqui. Se não quiser, tudo bem, mas estamos na casa de Deus e aqui todos somos da mesma família. Devemos dividir nossas angústias uns com os outros, não? Senão, com quem mais faríamos isso?

Diante do silêncio, Josué se virou novamente para o palco, dando espaço a ela.

— Desculpa — Bety pediu. — É mesmo difícil falar. Por isso estou aqui. Preciso que Ele me dê uma luz.

— Entendo.

— Eu estou grávida — ela mordeu os lábios.

Josué se virou.

— Isso é ótimo, não?

Ela respirou fundo.

— Estou pensando em abortar.

— Está falando sério?

Ela concordou com a cabeça e começou a chorar. Josué apoiou a mão no ombro da moça.

— Por quê?

— Ele é casado — ela soluçou. — Não quer assumir. E meus pais vão me matar quando souberem. É suficiente para você? Não sabe o que estou passando. Eu não queria fazer isso, eu adoro crianças, mas...

Bety não conseguiu terminar a frase. Josué encostou a cabeça dela em seu ombro.

Jovem de vestido floral, sozinha. Engravidou de homem casado. Possível aborto.

Josué não podia se esquecer dos detalhes.

A poucos metros dali, Tito andava pelo corredor principal da igreja ajudando as últimas pessoas que chegavam atrasadas a encontrar um lugar. Ele notou um homem que entrava com uma velhinha de bengala e se aproximou.

— Lugar para dois?

— Não, minha família está logo ali — ele apontou um grupo entre as fileiras. — Ela quebrou uma costela durante o banho semanas atrás, então agora demora um pouco a descer do carro. Eles apenas queriam garantir um lugar, mas obrigado assim mesmo.

Velha de bengala, cabelos brancos presos e casaco azul-marinho. Costela quebrada durante o banho.

— Ainda há cadeiras perto deles. Tenha um bom culto.

Tito continuou pelo corredor à procura de mais pessoas com quem pudesse conversar. Ele estava atrasado, uma vez que Marlus não entraria sem as informações. Apressado, esbarrou em uma mulher que passava. A pasta que ela carregava caiu e diversas folhas se espalharam.

— Ah, droga! Meus currículos!

— Foi minha culpa — ele se desculpou. — Não olhei para frente.

— Tudo bem, estou um pouco nervosa hoje. Acabei de voltar de uma entrevista de emprego e não queria me atrasar para o sermão.

Jovem bem vestida, loira, conjunto social preto. Possivelmente desempregada, fez uma entrevista importante hoje.

Tito deixou o público e sumiu pela porta lateral. O culto estava para começar.

— Estamos terminando por hoje, mas agora é a hora de Deus falar com cada um — informou Marlus, quase duas horas depois do início do culto. — Eu quero que todos se levantem para orarmos juntos. Coloquem as mãos para cima na direção do altar. Isso! Quero sentir a energia. O Senhor tem um recado para todos, e esta é a hora da revelação. Oh, glória!

Marlus espiou. Toda a igreja orava fervorosamente de olhos fechados e braços erguidos. Muitos falavam ao mesmo tempo. O barulho de resmungos, lamentações e pedidos era quase incompreensível.

— Eu quero que sintam algo especial hoje — ele falou. — Oh, salamaiésalamanosalamará! Eu quero chamar você aqui! Você que está precisando! Saramariqué!

Marlus esticou o pescoço à procura das pessoas certas. Ele descobriu que pedir ao público que se levantasse não havia sido uma boa ideia, pois com todos em pé era bem mais difícil de enxergar as roupas.

— Você! — ele disse, apontando alguém no meio do público. — Deus quer falar com você! Venha até aqui!

Surpresa, a jovem olhou para os lados.

— Não tenha vergonha — pediu Marlus. — Nunca se acanhe quando Deus chamar.

Devagar, ela atravessou o corredor principal e foi até ele. Marlus a abraçou.

— Deus sabe pelo que você anda passando. Não se preocupe. Toda a sua aflição e preocupação com relação ao futuro levam à libertação. O que está procurando vai ser encontrado.

Ele observou a reação dela, que ainda parecia confusa.

— É um emprego que você quer, não é?

Ela abriu a boca, chocada.

— Como sabe?

— Eu não sei de nada. Deus sabe. Ele apenas me diz o que você precisa ouvir. Agora, me responda: você não quer um emprego qualquer. Quer aquele com o qual vem sonhando há anos, não? Aquele no qual pensa quando põe sua cabeça no travesseiro, o qual deseja quando o dia começa e precisa se levantar...

— Sim, pastor. É esse.

— Pois Ele está me dizendo: você vai conseguir! Tudo o que precisa é ter fé Nele. Bata em cada porta e continue mesmo depois que algumas se fechem.

Ela caiu em prantos.

— Ah, meu Deus, pastor. Muito obrigada!

— Não agradeça a mim, e sim ao Pai. Agora você! — Marlus apontou mais alguém na multidão, mas teve que gritar mais alto, pois a velhinha com quem falava não escutou na primeira vez. — Não precisa vir até aqui, porque Deus me disse que você quebrou uma costela, então pode escutar daí mesmo: cuide-se e não negue a ajuda dos outros. Ele sabe quanto é difícil chegar a essa idade e depender da família para tudo. Então, não se acanhe! Peça ajuda e não quebre mais nenhum osso.

Impressionada, a velha estremeceu enquanto começava a chorar. Marlus continuou procurando pelo salão.

— Você! — ele gritou ainda mais alto, dirigindo-se à jovem de vestido floral sentada nos fundos da igreja. — O recado que Deus tem é urgente e não pode esperar. Ele diz: não cometa esse pecado! A vida que Deus assopra é sagrada e homem nenhum a deve tirar. Já carrega uma iniquidade, não carregue outra. Assuma seus erros e transforme-os em frutos, e o lindo sorriso de uma criança será a recompensa.

Marlus continuou falando diretamente com outras pessoas, mas parou depois de algum tempo. Ele se assustava com a facilidade com que conseguia tocá-las e fazê-las chorar. Então, por um segundo, se perguntou se não tinha realmente um dom, ainda que não o usasse para o bem.

CAPÍTULO 26

Tito estava atrás da mesa do escritório quando ouviu um estrondo.

— Pode não bater na próxima vez? — ele perguntou a Marlus. — Eu me assustei.

Além disso, estou mexendo com dinheiro.

— Não preciso bater para entrar no *meu* escritório. Além disso, veja!

Sorridente, Marlus exibiu no pulso um brilhante relógio de uma marca caríssima.

— Diga que é uma versão pirata, pelo amor de...

— Claro que não. Nem este celular.

Marlus tirou o aparelho do bolso. Ele havia trocado por uma versão mais recente lançada naquele mês. — Afinal, sempre lançam versões novas a cada ano para atrair gente consumista como Marlus.

— Cara, você enlouqueceu? Com que dinheiro pagou isso?

— O que acha?

Tito abriu uma gaveta.

— Pegou o dinheiro da última noite?

— Valeu a pena. Você não faz ideia do que este *smartphone* é capaz.

— Marlus, você não pode sair gastando assim! — Tito gritou, furioso. — Eu estava agora mesmo fazendo as contas no site do banco e...

— Acalme-se. Sua parte também saiu.

— Minha parte?

— Eu separei e coloquei no cofre.

Tito foi até o cofre. Encontrou um pacote com seu nome e contou o valor.

— Isso não é nem o que você gastou no celular.

— É pela semana.

— Está recebendo mais?

— Claro.

— Por quê?

Marlus lançou um sorriso irônico.

— Está falando sério?

— É claro que estou.

Marlus bufou.

— Quer comparar o meu trabalho com o seu?

— Vamos dividir meio a meio.

— Tito, tem noção do que pede? Eu me exponho e imploro para que deem dinheiro. Tenho de convencer que sou o que não sou. Tudo o que você faz é ficar sentado em uma cadeira, nos fundos da igreja, peidando até a hora de recolher as ofertas.

Tito jogou o pacote de volta no cofre.

— De quem era o dinheiro que usamos para começar tudo isto? Você não deu um centavo para abrir esta merda. Eu aluguei o salão. Eu entrei em falência para começar esta brincadeira. Eu larguei meu emprego seguro. Eu fiquei por gay. Eu tive que ouvir um fiel cantando Lady Gaga quando passei por ele ontem.

— Tito, você não tem carisma e não conseguiria nenhuma grana sozinho. Além disso, eu preciso provar a eles que a teoria da prosperidade funciona. O que vão pensar se o pastor for um pé-rapado que usa sempre as mesmas roupas e anda de ônibus?

— Você não vai tirar mais dinheiro daqui.

— Eu preciso de um carro.

Tito riu.

— Perdeu a cabeça. Nem sequer temos esse dinheiro.

— Não vou andar de ônibus por outro mês. Podemos ao menos dar uma entrada.

— Bobagem. Você pode esperar mais tempo.

— Eu não posso ficar sem grana, Tito! Se continuar deste jeito, vou ter que fazer um filho e me inscrever no Bolsa-Família.

— Você já tem uma filha.

— Ah, é verdade.

— Não acredito que se esqueceu disso.

— Tito, lembre-se de algo muito importante: você mesmo decidiu que as coisas fossem assim. Eu sou o pastor, você é apenas o primeiro filiado, esqueceu? Foi o que me impôs naquele dia na cafeteria. A igreja é minha, é meu dinheiro.

Tito encarou Marlus por um longo tempo e depois caminhou até a porta. Ainda assim, antes de sair, percebeu que ela estava entreaberta.

— Dona Adelaide? — Tito sentiu o coração disparar.

— Ah, de-desculpa — ela gaguejou. — Pensei que o pastor estava sozinho.

— Eu... Estávamos apenas discutindo coisas da contabilidade — Marlus se apressou. — Talvez tenha entendido mal.

— Não, tudo bem.

— A senhora... ouviu algo que tenha entendido mal?

— Eu não ouvi nada... — a voz dela tremia. — Não se preocupe.

Marlus analisou o rosto em busca de mentiras, mas foi interrompido pela saída brusca de Tito.

CAPÍTULO 27

Não tinha como o letreiro passar despercebido, ainda que houvesse pouca iluminação na igreja à noite e alguns postes estivessem desligados ao longo da rua.

Hoje: Sessão de Descarrego com Pastor Marlus

Marlus teve um calafrio quando leu o cartaz pendurado com seu nome. Aquilo fazia com que se sentisse como uma atração de circo. Balançou a cabeça e tentou esquecer a imagem bizarra que trazia na mente — ele correndo dentro de uma tenda circense enquanto um palhaço domava-o com um chicote —, e ajeitou a postura. A congregação estava lotada naquela noite, e o pastor notou os cochichos e os olhares curiosos. Sorriu, acenou e depois seguiu em frente rumo ao palco, torcendo para que ninguém o interrompesse, ou pior, pedisse um descarrego para um familiar problemático antes mesmo do início do culto.

Tito estava sentado à direita do palco com Adelaide ao seu lado. Ela não conteve uma expressão de desconforto ao notar o pastor. Tito desviou o olhar ao ver Marlus. Era birrento e mimado como uma criança, e manteria o comportamento até Marlus se desculpar com uma solução. Marlus, é claro, nem cogitava a hipótese, mas esperava que o espetáculo gerasse lucros para acalmar o amigo. Assim como acontecia com uma criança, às vezes um pirulito era tudo o que ela precisava para se distrair.

— Quantas pessoas? — era a única pergunta que Marlus sentia necessidade de fazer naquele momento.

— Apenas três duplas — respondeu Josué. — Está bom?

Marlus não planejava continuar trabalhando com Josué, mas foi obrigado após a pirraça de Tito.

— Acho que sim. Todos de fora?

— Sim. Inclusive os acompanhantes.

— Perfeito. Vamos começar logo isso.

Josué caminhou em direção à lateral da igreja e apagou algumas luzes, deixando apenas a iluminação essencial para que o templo tivesse uma aparência sombria. O ambiente parecia pronto para receber rituais como naqueles filmes sobrenaturais. Tudo foi planejado pela mirabolante imaginação de Marlus, porém sem muita apelação, porque, afinal, aquilo era coisa de Deus, não de Satanás.

— Boa noite, irmãos. Paz do Senhor. Sei que estão animados hoje, assim como eu. Tudo graças ao cartaz lá fora, não? Vocês são curiosos... Eu sei, eu sei. Eu tenho de confessar, fico um pouco nervoso. — Marlus achou melhor admitir, uma vez que suas mãos tremiam e ele suava tanto que até a última fileira poderia notar as rodela de suor marcadas na região das axilas. — Já expulsei muito Capeta antes! Podem ter certeza! Ainda assim, o Tinhoso é

intimidador e faz com que eu me sinta como um novato.

Marlus estava nervoso, mas acreditava que, se alguém sentia dificuldades em completar uma tarefa, em 90% dos casos era porque o sujeito pensava demais sobre ela. Entretanto, assim como todas as outras estatísticas que vivia citando, ele nunca fez uma pesquisa para sustentar essa, apenas falava sobre elas porque era uma maneira de se sentir seguro sobre o que dizia.

Tito fez um sinal a Josué, que fez um sinal a Tito, e os dois rapazes sumiram pela lateral da igreja enquanto todos esperavam em silêncio. De sorriso amarelo, Marlus se perguntou por que diabos eles demoravam tanto, já que cada segundo parecia uma eternidade quando um público de mais de 350 pessoas ansiosas encarava o seu rosto em busca de entretenimento. Dá para perceber que a tensão crescia e até o narrador ficava apreensivo! Quando a dupla apareceu carregando um rapaz pelos braços, os fiéis não desviaram os olhos por um segundo sequer, pois imaginavam que um bêbado havia invadido o local, devido à situação inconsciente em que ele se encontrava. Pela forma como os pés do jovem se arrastavam, a cabeça estava caída e todo o seu peso era sustentado nos braços puxados pelos dois obreiros, ninguém poderia julgá-los. Quando chegou ao palco, Tito lançou um olhar torto a Marlus para indicar o desconforto que a tarefa causava, o que não era exagero. O rapaz era amparado pelas axilas, que não cheiravam bem, fazendo Tito se perguntar se ele usava desodorante. Ele era um tremendo de um sacana, pois não usava mesmo.

— Tragam-no aqui, rápido! — ordenou Marlus, que preferia deixar o trabalho pesado para os outros enquanto bancava o supervisor.

Sem opção, Tito e Josué obedeceram.

— Irmãos, eu sei que, às vezes, pensam que a vida é dura e que tudo parece não ter solução — começou Marlus. — Mas, acreditem, isso não é nada se comparado à condição de outras pessoas. Esse jovem tem passado por momentos difíceis. Sua família me buscou porque está desesperada. A mãe dele está na primeira fileira. Ali está ela — Marlus apontou uma mulher de vestido discreto. — Qual é o seu nome, senhora?

Ela disse algo, mas ninguém ouviu nada, e sua boca ficou se mexendo em silêncio, o que foi uma coisa engraçada de ver, se o leitor estivesse lá.

— Adelaide, acorde — pediu Marlus.

Adelaide correu com um microfone.

— Amélia.

— Boa noite, dona Amélia.

— Boa noite, pastor. Desculpa. Estou um pouco nervosa.

— Não precisa se desculpar, dona Amélia. Entendemos perfeitamente.

— Obrigada.

— Conte-nos, irmã. Por que trouxe seu filho aqui?

— Ele está completamente perdido, pastor. Eu não sei mais o que fazer. Já tentei de tudo. Ele se envolveu com drogas e não consegue mais sair. Eu não encontro solução.

— Não encontrava, não é mesmo? — Marlus piscou para ela. — Mas o Senhor trouxe vocês aqui. A senhora tem fé?

— Acho que sim.

— Acha?

Ela ficou ruborizada.

— Tenho certeza, pastor. Desculpem.

— Então, nos conte como isso começou.

— Meu filho jamais teve muitos amigos. Na escola, nunca se dava bem com ninguém. Não arranjava namorada. Primeiro pensei que fosse autista, mas não era. Depois pensei que fosse gay — ela lançou um olhar a Tito e desviou rapidamente ao ser correspondida. — Não era o caso. Um dia, ele conheceu uma menina e se apaixonou. Passaram a namorar, mas não deu certo. Ela o largou. Depois disso, meu pimpolho nunca mais foi o mesmo. Entrou em depressão, não queria mais sair do quarto. Eu tentava de tudo: organizava programas, chamava a família para visitá-lo, mas não adiantava. Ele ficava jogado debaixo das cobertas o dia inteiro. Às vezes não queria sair nem para comer. Não tomava banho, deixou a barba crescer, ficou parecendo um mendigo, igual ao Marcelo Camelo. Então, um dia, começou a sair, no entanto acabou se envolvendo com gente errada. Fui lavar as roupas dele e encontrei um cigarro, mas não era um cigarro normal, não como aqueles vendidos na tabacaria, com marca e tudo. Eu era inocente e não sabia o que era. Descubri que meu perequitiinho estava fumando maconha, pastor! Maconha, imagina! Ele disse que não era nada, que era normal, que todo mundo na turma fazia, e que não queria ficar por fora, pois chamavam de bicha careta quem não usava. Pedi que parasse, mas meu filho disse que não. Falava que ajudava a relaxar a cabeça, que sua mente não parava de flutuar, e que o troço trazia boas ideias. Eu acho que a mente dele flutuou demais, pastor, porque até agora ela não desceu. Douglas ficou cada vez mais aéreo, nunca se lembrava de nada, ria de qualquer coisa que a gente dizia... Eu me sentia uma palhaça. Ele devorava a minha comida e, quando eu chegava, não tinha mais nada para comer! Eu dizia: Douglas, não deixe o tubo da pasta de dentes todo tordo! Mas o rapaz não dava bola e disparava a rir. Eu ficava doida! Ele abandonava a pasta de dentes toda torta, pastor, nunca apertava até o fim, e já pegava outra nova. Imagine o desperdício! Mas ficou pior, pastor. Um tempo depois, passou a usar outras coisas. Esses roqueiros maloqueiros tatuados tudo usam, não? Eu tentei duas vezes internar ele na reabilitação. Na primeira, fugiu. Disse que ia regar as plantas do jardim. O pessoal acreditou, achou que era bonitinho e que faria bem, mas o Douglas se mandou. Ai, que burros, senhor. A gente gasta uma fortuna com a clínica para isso. Na segunda, foi expulso por mau comportamento. Foi pego cheirando água sanitária e eles temeram ser responsabilizados se o menino engolisse algo...

— Tudo bem, dona Amélia... Já deu para ter uma noção — interrompeu Marlus, graças a Deus. Pensei que ela nunca mais pararia de tagarelar. — Agora precisamos conversar, ele e eu.

— Ele tem solução, doutor?

Marlus se sentiu orgulhoso porque era a primeira vez que alguém o chamava de doutor.

— Tem, sim. Douglas perdeu sua fé, mas agora está na casa de Deus.

Marlus andou ao redor de Douglas e colocou uma mão na sua nuca enquanto segurava o microfone com a outra. O rapaz permanecia de joelhos, com os punhos fechados e

as mãos cruzadas nas costas. Agora, no entanto, ele começou a se mexer, fazendo movimentos para frente e para trás, como se estivesse em um transe.

— O que o senhor vai fazer? — Amélia quis saber.

— Eu, nada. Agora, Deus... Ah, Ele vai tirar esse encosto.

Houve um silêncio, enquanto Marlus se preparava, mas alguém de súbito o rompeu.

— Ah, não vai, não! — afirmou Douglas.

CAPÍTULO 28

O público congelou na posição em que estava. Não era possível ouvir uma única respiração ou sussurro entre todas as fileiras. Os fiéis, que não desgrudavam os olhos do jovem, estavam impressionados por ouvir pela primeira vez a voz de um demônio.

— Cale a boca! — gritou Marlus, contrariado.

Parte do público desviou os olhos em direção a ele, mas não por muito tempo. O “coisa-ruim” era mais interessante e agora começava a se contorcer com movimentos bruscos.

— Solte-me! Solte-me! Filho da puta!

Marlus sorriu para o público.

— Estão vendo? Ele pensa que está preso! Eu pergunto a vocês: estou segurando o estrume?

Ninguém respondeu. Eles desconfiavam que não fosse inteligente debochar de um demônio na sua presença, considerando que ele não estava acorrentado.

— Claro que não!

Marlus ignorou o murmúrio do público e se voltou para o homem.

— Agora, o que foi que você disse?

Ele se exaltou.

— Não vou sair, não! Aqui tá bom! Argh!

Douglas, ou o que estivesse dentro dele, começou a se sacudir sem parar. Marlus tentou controlá-lo, como se fosse um domador de leões no circo.

— Vai sim, Tinhoso! Vamos ver se não! Digam, irmãos: ele sai ou não sai?

A igreja voltou a ignorar a pergunta, agora não por medo, mas por incerteza com relação à resposta.

— Digam! Sai ou não?

Nada. Marlus começou a se irritar.

— Vocês não têm fé?

— Sim... — concordaram baixinho.

— Então digam.

— Vai!

— Está vendo? — ele perguntou a Douglas, e deu uma sacudida no rapaz, ou melhor, no demônio. — Eles têm fé e querem que você saia.

— Cala a boca, corno manso! — gritou, e o palavrão ecoou por todo o salão. — Ele é meu, ele é meu!

— Ele é de quem, igreja?

Várias respostas diferentes surgiram. Algumas bem inusitadas, como: “Da mãe dele”, “Da ex-namorada”, “Ele tem que voltar para ela”. Até um senhor gritou: “Aí depende se vendeu a alma e se assinou um contrato”...

— Não, irmãos! — retrucou Marlus, aborrecido por ninguém entender as perguntas retóricas que ele fazia. — Ele é de Jesus, caramba! — desistindo de interagir com o público, Marlus se agachou e sussurrou no ouvido de Douglas, mas ainda no microfone.

— O que está fazendo com Douglas?

— Ele é meu!

— Por que está fazendo isso?

— Porque me alimento da alma dele.

— Ele pediu isso?

— Não! ARGH!

— E por que entrou?

— Porque ele é fraco.

— Fraco como?

— Ele não tem fé.

— Não tem fé em quê?

— Em Deus, porra! Na sua igreja! Argh!

— Mas a mãe dele está aqui.

— Essa vaca vai me pagar!

— Se ele frequentar a minha igreja, você sairá?

O demônio hesitou e, então, se sacudiu.

— Eu não quero sair. Arghhh!

— Sai ou não sai? — insistiu Marlus.

— Vir apenas não adianta. Ah, eu odeio quem vem!

— Tem que fazer o quê, então?

— Tem que vir e colaborar, ajudar na igreja!

— Ajudar como?

— Com a oferta, com o dízimo!

— Você não gosta de quem ajuda a obra do Senhor, não é mesmo?

— Não, eu odeio!

— Por quê?

— Porque Ele vai dar a salvação para quem faz isso! Eu não quero! Eu quero almas para mim! Eu tenho fome, eu não posso atrapalhar quem paga o dízimo! Argh!

Douglas soltou uma risada demoníaca e cuspiu no rosto do pastor, que olhou para ele, surpreso. Aquilo não estava combinado, mas ele acreditou que daria mais veracidade à cena. E deu mesmo, precisava ver.

— Percebem? O Capeta tem repulsa de quem colabora com a casa de Deus. Mas sabem de uma coisa? Quem aqui já doou para a igreja?

Muitos levantaram as mãos.

— Quem vai doar mais hoje?

Mais gente se manifestou.

— Viu, Tinhoso? — ele se agachou novamente. — Meu povo tem fé. Como você vai ficar?

— Argh. Fraquíssimo. Revoltado.

— E se Douglas entrar para minha igreja? E se ele doar tudo o que pode para a obra?

— Nãooooo! Ele não pode fazer isso!

— Mas ele vai fazer!

— Não!

— Vai! E você, vai fazer o quê?

— Eu vou ter que sair!

— Então, irmãos, nesta noite, vamos dar uma segunda chance a Douglas. Com a ajuda de vocês, vamos libertar esse espírito maligno que devora sua alma e expulsá-lo para bem longe. Douglas estará livre outra vez para fazer as escolhas certas e seguir no caminho sagrado.

Ele puxou o cabelo de Douglas.

— Para aqueles que não entendem como isso funciona, eu vou simplificar: imagine que você navegava na internet e clicou em sites que não deve. Isso mesmo, irmão: aquela página que você acessou escondidinho na calada da noite, quando ninguém olhava, e depois apagou do histórico do computador. Pegou um vírus, que atrapalhou o desempenho da máquina. O mesmo acontece com a alma. O aparelho é sua vida, e o vírus, um mau espírito. Eu sou o técnico que baixa o antivírus para fazer a varredura e apagar o que não presta. Vocês entenderam? Essa metáfora é boa, não? Adoro falar por metáforas. Agora, eu quero que todos se levantem, ergam as mãos em direção a Douglas, fechem os olhos e orem junto comigo.

Marlus posicionou a mão e cerrou os próprios olhos. O público fez o mesmo.

— Em nome do sangue de Jesus, eu quero que esse demônio saia do corpo do Douglas. Não depois, não amanhã, mas agora. Ele é um rapaz que se perdeu, que andou com más companhias e levou a vida que o Diabo gosta, mas, graças à sua mãe, ele chegou aqui. Com o amor de mãe e a fé em Deus ninguém pode.

Ele fez uma pausa para dar espaço aos gritos de louvor do público.

— Oh, meu Deus. Mande sua força. Osamaiqué! Sangue de Jesus! Omanomarisépalalamarino!

Por alguns minutos, Marlus e o restante da igreja oraram com diferentes palavras, alternando português e línguas estranhas. Os fiéis se ajoelharam no chão e choraram emocionados. Quando se cansou da posição e não sabia mais que palavras inventar, Marlus gritou.

— É agora! Em nome de Jesus! Tá amarrado! Sai!

— Sai! — gritaram. — Sai! Sai! Sai!

— Queima! — pediu Marlus.

— Queima! Queima! Queima! Queima!

Marlus finalmente agarrou o pescoço de Douglas e deu um empurrão no garoto, jogando-o no chão. O rapaz caiu de bruços, bateu o nariz e o tórax. Na verdade, aquilo também não estava combinado, mas foi uma vingança pelo cuspe de antes.

— Quem está aí?

Levou algum tempo — até porque Douglas se machucou de verdade —, mas ele voltou a se mexer, agora tranquilo, bem diferente de antes. Ele abriu os olhos e observou as

peessoas ao redor.

— Quem está aí? — insistiu Marlus.

— Sou eu, Douglas.

— É o demônio?

— Não. Só eu, Douglas. O que aconteceu?

— Oh, glória! — gritou o pastor para a multidão. — Ele está curado! Ele está livre!

É pra glorificar de pé, igreja!

Todos já estavam de pé, porque ele havia pedido antes, e gritaram em resposta.

CAPÍTULO 29

Marlus não pôde conter o espanto quando Tito jogou o conteúdo da sacola de ofertas em cima da mesa naquela noite.

— O que foi? — perguntou Tito, ainda chateado.

— É um montão de dinheiro.

— Eu sei. Foi o descarrego.

Marlus balançou a cabeça afirmativamente. Ao menos nisso eles concordavam.

— Eu não imaginei que daria mais grana que a cura — ele comentou, passando a mão entre as notas no balcão.

— Pode apostar, não há nada mais intimidador que um demônio em pessoa.

— Por falar nisso, onde ele está?

— Foi embora. Não foi fácil. Ele e a mulher exigiram um pagamento alto, disseram que era risco demais. Também teve o golpe que você deu na cabeça dele.

— Temos de começar a acertar um valor previamente.

Tito estava organizando o dinheiro.

— O que está fazendo?

— Não podemos deixar aqui. Além disso, eu preciso levar uma parte. Tenho contas a pagar.

— Tito, por falar nisso, precisamos conversar a respeito e decidir se...

Marlus foi interrompido por um ruído. A porta se abriu bruscamente e Adelaide entrou no escritório.

— Ah, desculpe, pastor, tem um monte de gente procurando o rapaz, e eu vim ver se...

— Eles se foram. Estavam cansados demais. Devem voltar nos próximos cultos.

— Ah, excelente, então. Avisarei as irmãs. Elas ficam tão...

Adelaide deixou a frase incompleta, e Marlus entendeu o motivo assim que acompanhou seu olhar. Ela fitava o montante de dinheiro em cima da mesa, tão boquiaberta quanto ele próprio.

— Tudo bem, Adelaide?

— Claro — ela respondeu, sem tirar os olhos da grana. — Mas isso é a oferta do dia?

— Exatamente.

— Que bênção, não?

— Deus é bom.

— Caramba — ela deu alguns passos em direção à pilha, os olhos ainda correndo pelas cédulas amassadas.

— Sabe, pastor, eu precisava mesmo falar com o senhor sobre isso.

— Estou ouvindo — ele respondeu, lançando um olhar a Tito como quem dizia: *ai vem*.

— Sabe como é. A igreja ainda precisa de alguns itens e os fiéis começaram a reclamar. É claro que isso não chega aos seus ouvidos, porque eles não teriam coragem de importuná-lo com assuntos tão triviais. Ainda assim, eu escuto algumas queixas. Tem notado o calor ultimamente? A igreja é cercada por altos prédios, não tem muita circulação de ar. E, vamos combinar, esta cidade não é conhecida por ter o ar mais puro do mundo.

Marlus não podia discordar. Ele sabia bem como até suas bolas andavam suadas ultimamente. Sem falar nos acessos de tosse, que desconfiou serem devidos à poluição, uma vez que quase não via o céu e que não parava de recolher pedaços de ranho que insistiam em cair do nariz... Uma sujeira que deveria ter uma explicação científica, ele imaginava.

— Andei pensando se poderíamos encomendar um ar-condicionado.

Marlus fitou Tito.

— Creio que podemos analisar o orçamento e decidir em breve.

— As cadeiras também deveriam ser trocadas, por favor — continuou Adelaide. — As que foram compradas no começo são tão ruinzinhas... Acho que vocês estavam com pouco dinheiro, não?

— Vamos ver o que fazer.

Ela continuou andando pela sala e Marlus notou que Adelaide tossia para disfarçar o nervosismo. O som pareceu mais alto que o esperado, e Marlus achou aquilo tão constrangedor que se sentiu como se a mãe circulasse pelo quarto após encontrá-lo assistindo a um filme pornô.

— Não me entendam mal, por favor — ela continuou. — Entretanto, eu notei que tem entrado uma quantidade grande de ofertas nos últimos dias. Deus seja louvado. Ainda assim, eu me pergunto se o pastor tem planos para tanto dinheiro, que certamente poderia ajudar muita gente. Afinal, é disso que se trata a obra de Deus, não?

Marlus respirou fundo.

— Uma das irmãs veio me confidenciar uma questão importante — prosseguiu Adelaide. — Ela trabalha em um asilo no bairro e me contou sobre os problemas que enfrentam. O Estado andou atrasando a verba que custeia o lugar. Pastor, o senhor não imagina a situação daqueles velhos! Eu fiz uma visita certa vez. O sofá tinha a mola estragada e machucava o bumbum, a comida era pior que a de hospital do SUS... Deus, eu tenho orado muito por eles.

— Entendo, Adelaide. Como eu disse, vamos analisar o orçamento. Mas garanto que não temos tanto dinheiro quanto possa parecer... Bem, tenho uma mulher e uma filha em casa me esperando. Se a senhora me permite...

Marlus esperou Adelaide fechar a porta.

— Você escutou isso?

— Bem, eu estava na sala.

— Ela vai gastar todo o dízimo do mês.

— Temos de dar um jeito.

— Eu sei por que Adelaide está fazendo isso. Ela ouviu a nossa conversa do outro

dia.

— Por que pensa assim?

— Essas perguntas todas, essas ideias para o dinheiro... Ela está se questionando o que fazemos com ele. Tito, ela vai nos arranjar problemas, eu estou pressentindo.

— E você tem alguma solução em mente, pastor?

Marlus e Tito ficaram em silêncio, pensando sobre o assunto para tentar encontrar uma saída, e o narrador se segurava para não dar ideias em horas como essas, quando eles se sentiam tão perdidos. Ele não podia, porque, afinal, é só um narrador.

CAPÍTULO 30

Quando chegou ao apartamento, Marlus encontrou Laís preparando o jantar enquanto Marina brincava no sofá. Depois de muito tempo, ele finalmente se sentia como um homem de verdade. Era como se agora ele fosse, enfim, o sustento da casa, o cara que trabalha fora enquanto a mulher cuida do lar. Havia algo errado, entretanto, que ele notou ao se sentar à mesa. Laís recusou encará-lo nos olhos e ficou em silêncio enquanto se servia.

— Está tudo bem?

Era uma pergunta idiota. Ele sabia que não estava. Homens nunca devem perguntar a mulheres emburradas se está tudo bem e depois aguardar uma resposta clara e sincera. Mulheres não gostam de simplificar as coisas, pois, no mundo feminino, isso deve ser visto como algo entediante a ser urgentemente evitado. Elas preferem lidar com homens que administram o relacionamento como se possuíssem uma bola de cristal. Laís, entretanto, levou algum tempo para responder, refletindo sobre a pergunta, o que aumentou ainda mais a aflição do marido.

— Deveria estar tudo bem, Marlus? — ela perguntou, calmamente, ao lançar um olhar passageiro ao marido.

Outro sintoma de que as coisas não andavam bem era Laís pronunciar o nome dele no final da frase, especialmente em uma pergunta. Quando ele não imaginava qual seria o problema, significava que o problema era pior que o esperado.

— Depois de um dia longo e cansativo na rua, estou finalmente em casa com as duas mulheres mais lindas e que mais amo neste mundo, então como não poderia estar tudo bem?

Laís voltou a encará-lo, e ela nem precisou revirar os olhos para que eles transmitissem o seu desprezo pelo comentário. Marlus sempre tendia a vomitar elogios vazios sobre a beleza de Laís e declarar juras de amor, que nunca apareciam em outra oportunidade, somente quando pressentia que estava em um impasse. Laís se sentia comprada e odiava a maneira como os homens acreditavam que aquilo os salvaria. Ela conhecia o marido e poderia analisá-lo como uma cigana peruana lendo as mãos de um gringo em uma praia.

— Eu sei o que você fez, Marlus.

Pronto.

Eu sei o que você fez. Eu sei o que você fez.

Essa simples frase era suficiente para fazer com que o estômago de qualquer marido se revirasse a ponto de todo o jantar descer e rodar duas vezes, antes de seguir o caminho oposto e subir em direção à garganta, preparando-se para sair por onde entrou. Além de Laís colocar o nome do marido no fim da frase mais uma vez, agora havia uma revelação sobre um possível segredo descoberto, cujo conteúdo ainda não era claro, mas que não parecia ser boa coisa. Marlus se pegou imaginando a que fato exatamente a esposa se referia e levantou mentalmente todas as possibilidades que poderiam ser extraídas das suas ações nas últimas

semanas. O flerte com a irmã da igreja que ele pensou que ninguém descobriria; o dinheiro que ele apostou no futebol; ou ainda a louça que prometera lavar, mas apenas guardou suja no armário porque julgava aptas a serem usadas novamente. Ele tinha um rabo imaginário que se escondia entre suas pernas em situações como aquela.

— Do que está falando, amorzinho?

— Eu estive na igreja ontem à noite.

Ele não sabia se ficava aliviado com a revelação no comentário (que eliminava todas as outras possibilidades) ou se recriava mentalmente os acontecimentos que a esposa poderia ter presenciado na congregação sem o seu consentimento. Ele repassou mentalmente todas as cenas do culto da noite anterior tão rapidamente que tudo parecia um filme em VHS ao ser rebobinado.

— Por quê?

— Por que não? Parece que você não faz questão da minha presença.

— Não é isso, amor. Você poderia ter me avisado.

— Eu disse que gostaria de ir, mas você praticamente me proibiu. Claro, se existisse um universo paralelo onde você proibisse sua esposa de fazer algo.

— Apenas há coisas que você não deve se dar ao trabalho.

— Coisas do tipo meu marido expulsando demônios do couro das pessoas?

— Amor...

— Você não consegue nem resolver seus próprios problemas.

— É tudo simbólico.

— Simbólico? Como alguém pode ter o Capeta no corpo simbolicamente?

— São espíritos malignos que invadem a vida das pessoas e se encostam.

— Ah, Marlus... Pelo amor de Deus, se é que você realmente acredita Nele. É tudo tão ridículo que eu nem sei por onde começar. Aliás, não é problema meu. Parece que há gente disposta a acreditar em você e a encorajá-lo. Eu espero apenas que você esteja ganhando o suficiente para não precisar procurar emprego.

— Não se preocupe, eu estou.

— Eu realmente não quero mais pagar sozinha as contas.

— Eu já disse, deixe comigo. A partir deste mês, você não vai mais precisar se preocupar com isso.

Laís demonstrou uma expressão aliviada, e, daquele momento em diante, ela já não parecia mais a mesma esposa de dois minutos atrás. Como Marlus desconfiava, quando uma mulher criava um problema, ele geralmente poderia ser solucionado com dinheiro, de preferência muito.

— Apenas gostaria que pegasse leve. Não quero ver meu marido exorcizando pessoas na mesma frequência com que troco fraldas. Você poderia fazer algo bonito. Música, sei lá. Esses dias mesmo eu escutei uma canção gospel tão tocante... Por que não tenta?

Marlus fitou a mulher.

— Obrigado, amorzinho.

— Pelo quê?

— Pela grande ideia que me deu.

CAPÍTULO 31

Marlus havia convocado uma reunião na igreja. Com um assunto que julgava de extrema importância a ser tratado, ele se sentia como o presidente da República encontrando os principais ministros dos diversos setores da economia. Em momentos como aquele, o pastor se esquecia de que estava em um salão alugado por uma merreca e se imaginava olhando os vitrais das janelas do Palácio do Planalto.

— Eu tive uma ideia muito boa, que não sei por que não me ocorreu antes — Marlus mentiu, tirando os créditos da esposa, uma vez que gostava sempre de parecer o gênio por trás de tudo. — Vamos cantar.

— O quê? — perguntou Tito.

— Cantar? — surpreendeu-se Adelaide.

— Exatamente.

— Do que está falando? — insistiu Tito.

— Eu andei pensando e decidi que também gostaria de oferecer aos fiéis um motivo para se alegrarem, e não apenas chorarem. Eu quero uma festa, uma celebração.

— Eu gostei da ideia — concluiu rapidamente Adelaide, sorrindo de orelha a orelha. — Modéstia à parte, eu sempre gostei de cantar, e há quem diga que eu levo muito jeito. Eu costumava participar do coral da escola, mas obviamente faz uns... Bom, não importa. Tenho praticado vez ou outra. Mês passado teve um *karaokê* no aniversário da irmã Ode...

— O que tem em mente, Marlus? — interrompeu Tito. Eles adoravam interromper Adelaide e faziam isso com uma frequência deselegante. — Marlus?

Marlus estava distraído imaginando quanto tempo conseguiria ouvir Adelaide cantar com sua voz rouca e estridente antes de analisar as melhores opções para o suicídio.

— Adelaide, eu pensava em algo mais... profissional.

— Tipo uma banda? — Josué quis saber.

— Talvez. Um coral, algo assim.

— Mas de qual estilo musical?

Marlus deu de ombros.

— Gospel, essas coisas.

— Marlus, música gospel tem várias subcategorias — Tito informou, como se um crítico musical especializado brotasse do chão. — Tem o rock-gospel, o sertanejo-gospel, o metal-gospel...

— Bem, subgêneros bem criativos, não? Podemos variar, de qualquer forma. Temos fiéis de todas as idades.

— Se não é para ser a cantora principal, eu gostaria de sugerir um grupo — pediu Adelaide, contrariada por seu talento musical ser grosseiramente ignorado. — A irmã Jussara tem um filho que participa de uma banda. Eles cantam em outra igreja, mas tenho certeza que

não pensarão duas vezes em mudar se oferecermos uma residência. Sabe como são os artistas, sempre buscando mais espaço e destaque...

— Tudo bem. Vamos marcar uma reunião. No entanto, tem outra coisa em que andei pensando. Eu gostaria de ter um hino próprio, uma música feita especialmente para a nossa igreja.

— Mas quem poderia compor a letra? — Tito olhou para os lados e se decepcionou com o que via, certo de que ninguém ali seria capaz de escrever uma boa carta, muito menos uma composição decente.

— Você ainda desconhece meus talentos artísticos, meu amigo — garantiu Marlus com um sorriso no canto da boca. Depois, pegou uma caneta e uma folha de papel, preparando-se para escrever o que acreditava ser uma futura obra-prima digna das paradas de sucesso.

As irmãs não puderam conter o alvoroço ao entrar no salão naquela noite. O ambiente estava bem diferente dos outros dias, o que era possível perceber antes mesmo de passar pela porta. O palco não estava vazio, como de costume. Do lado esquerdo havia uma série de instrumentos musicais reunidos, incluindo uma guitarra, um violão, um violino, um piano e uma bateria. No centro, logo atrás do púlpito, um coral começava a se posicionar e ao menos 20 pessoas procuravam seu lugar. Os fiéis certamente se perguntavam se a estrutura tão capenga aguentaria tanta gente sem desabar — uma pergunta que, devido às circunstâncias precárias criadas por aqueles dois, era bem colocada. Caixas de som de diferentes tamanhos e potências se espalhavam pela paisagem. As irmãs se cutucavam e cochichavam umas com as outras, como adolescentes entrando na balada em uma noite de sábado.

Marlus ficou contente com o que viu quando apareceu pela porta lateral do escritório. Ele finalmente se sentia à vontade pela primeira vez em muitos cultos. Não haveria lamentações, choro nem exorcismo naquela noite. Era um dia de alegria. A reação dos fiéis o preocupava — principalmente porque ela influenciaria na pilha de carnês distribuídos na saída. Quando ele subiu no palco, o público assoviou e acenou alvoraçado, o que fez com que Marlus se sentisse como um astro do rock, um sonho bobo de infância que ele nunca teve coragem de compartilhar com ninguém.

— O telão está pronto? — o pastor perguntou. — Partituras? Coral?

— Está tudo certo — confirmou Josué, arrumando fios espalhados pelo chão. — Podemos começar?

— Um minuto.

A banda surgiu no salão. Marlus fez sinal para que os quatro rapazes, que usavam terno, gravata e um corte de cabelo tipo Beatles, se aproximassem.

— Preparados?

— Sim, se Deus quiser — disse um garoto franzino que parecia ser o líder. — Temos ensaiado muito.

— Não se esqueçam de uma coisa: sei que fazem rock, mas eu realmente gostaria de variar. Eles estão acostumados a ouvir música do mundo, mas não podem.

O jovem balançou a cabeça afirmativamente.

— Excelente. Quando estiverem prontos, então.

Cada integrante se posicionou junto do seu instrumento, e o coral subiu na arquibancada. Marlus esperou que todo o público se sentasse.

— Boa noite, irmãos. Gostam de música, não?

Eles gritaram. Eles adoravam gritar.

— Como certamente notaram, hoje temos convidados especiais. Eu gostaria de apresentar a vocês o Coral Fiéis ao Gogó. Uma selva de palmas, digo, uma salva, pessoal!

Palmas.

— Do outro lado, temos uma banda de rock gospel que veio muito preparada para agitar a noite! Com vocês, My Only Lord! Para quem não tem cursinho de inglês, significa Meu Único Senhor. Lindo, não? Adoro quando usam nome em inglês, coisa de gente fina.

Houve outra explosão de assovios, e alguns fiéis fizeram um gesto com as mãos típico de shows de rock.

— Por favor, não se empolguem tanto. Vocês aí, eu já expliquei que esse sinal é satânico. Não percebem que a mão fica em formato de chifres? Eu não quero isso aqui dentro... Já vou falar também que não quero ninguém vestindo só preto, não estamos de luto.

Marlus ignorou os sussurros em discordância.

— Dando continuidade... Vamos começar apresentando um hino muito bonito que será o tema da nossa igreja. A banda vai tocar enquanto o coral canta, mas vocês podem acompanhar. Eu sei que vocês cantam no chuveiro, então não se acanhem. Lembrem-se daquela música do Caetano: “*Se você disser que eu desafino, amor, saiba que isto em mim provoca imensa dor...*”. Então, nada de sacanear os irmãos que não têm a voz abençoada. Não é do Caetano? Não importa, é um desses cantores macumbeiros. Agora, por favor, todos em pé e de olhos no telão que vai passar a letra. O título da música é *Jesus Vai Sambar*. A composição é minha. Adoro escrever. Pensam que sou apenas um pastor, mas a arte corre nas minhas veias. Estão preparados? É um, é dois, é três.

CAPÍTULO 32

A banda começou a tocar. Era possível ver a expressão desanimada no rosto dos integrantes ao misturar rock com samba e axé. O coral cantava balançando os braços no ritmo da música, e Marlus seguia à frente como um maestro, ainda que ele nem sequer soubesse qual era a função de um.

*Chega junto, irmão
Aqui você é bem-vindo
Somos tão diferentes
Mas filhos do mesmo Pai
Sorrisos vitoriosos
É o que quero ver esta noite
Abra seu coração à alegria
Esta batida vai agitar*

— Agora o refrão! — gritou Marlus ao microfone. — É fácil, vamos lá!

Alguns dançarinos surgiram no palco usando roupas coloridas e começaram uma coreografia improvisada.

*Vamos celebrar
Cantar e dançar pra Jesus
Quem foi que disse que o Céu
Tem que ser quieto e chato?
Rock, samba, funk e forró
Todos os ritmos podem
Se a Deus adorarem
No fundo mesmo
Somos criaturas dançantes*

*Venha no caminho da celebração
Ficar em casa é que não dá
Abra espaço pra Ele chegar
Porque hoje Jesus vai sambar*

Um dos integrantes do coral desceu da arquibancada e se colocou entre os dançarinos. Ele começou a cantar algo que lembrava um rap.

*Olha aquela irmã
Mesmo de vestido se empolgou
E desceu até o chão
Olha o pastor
Não sabe nada cantar
Mas o microfone não quer largar*

O público riu. Marlus havia deixado um momento especial para si, em que ele poderia brilhar sem ninguém para ofuscá-lo. Era o mais perto que chegaria de realizar seu sonho de criar rimas, que tinha desde criança, quando cantava no quarto fingindo que o desodorante do pai era um microfone.

*Vamos lá
Rá-rá
Eu sou o pastor
Tá-tá
A bênção vai chegar
Lá-lá
Samalaiqué
Sá-sá
A igreja vai bombar
Bum-bum
Rá-rá*

Quando terminou seus versos, Marlus abriu espaço para que os dançarinos voltassem ao centro e coreografassem durante a repetição do refrão, que marcava o final da música. Ele fez isso meio contrariado.

*Vamos celebrar
Cantar e dançar pra Jesus
Quem foi que disse que o Céu
Tem que ser quieto e chato?
Rock, samba, funk e forró
Todos os ritmos podem
Se a Deus adorarem
No fundo mesmo
Somos criaturas dançantes*

*Venha no caminho da celebração
Ficar em casa é que não dá
Abra espaço pra Ele chegar
Porque hoje Jesus vai sambar*

Quando a música terminou, Marlus, os integrantes do coral e da banda e os dançarinos se juntaram à frente e fizeram uma reverência em sinal de agradecimento.

— Gostaram? — gritou Marlus para a plateia, eufórico.

A igreja explodiu em resposta.

Sim!

Quero bis!

Manda mais!

O público fez as janelas tremer com a gritaria e os vizinhos dos prédios ao redor se desesperar. Eles ainda não sabiam, mas aquela era só a primeira música.

CAPÍTULO 33

Marlus estranhou o fato de que Marina ainda não havia saído para a creche quando acordou na manhã seguinte. A filha brincava no chão da cozinha enquanto a esposa tomava seu café lentamente, ambas despreocupadas. Ele chegou a conferir no calendário grudado na geladeira o dia da semana, porque, mesmo sabendo que era uma quinta-feira, costumava se confundir com essas coisas, então poderia ser sábado, só que não.

— Amor, ela não tem aula hoje?

Laís não respondeu à pergunta nem retribuiu o olhar. Marlus estava acostumado com a variação de humor da mulher, que no começo pensava ser fruto de alguma TPM, porém mais tarde se conformou em imaginar que seria uma bipolaridade não diagnosticada.

— O que aconteceu? — ele arriscou.

— Eu não quero que ela seja hostilizada.

— Do que está falando? — ele se preocupou, pois, de fato, ocorreu que, desde que se transformou em pastor, não havia dedicado muito tempo à filha e talvez estivesse acontecendo algo que ele não soubesse.

Perante os olhos suplicantes do marido, Laís se limitou a jogar o jornal que estava em cima da mesa na sua direção. Marlus esperou encontrar alguma notícia sobre problemas no sistema educacional local, mas não havia nada do tipo. Na verdade, o que estampava a capa era bem diferente e bem pior. A manchete o preocupou tanto que ele rapidamente a releu diversas vezes, coisa rara para quem não tinha o hábito de leitura como ele. Foi obrigado a cuspir o café recém-ingerido, antes que se afogasse com o líquido.

CHARLATANISMO E CORRUPÇÃO: PASTOR LOCAL É DESMASCARADO

Marlus trancou a respiração e perdeu a fome que alojava em seu estômago desde que ele se pusera de pé. Algo dizia que aquela matéria tinha alguma relação com o fato de sua filha não ir à creche e sua esposa faltar ao trabalho. Também poderia ser a explicação para a expressão furiosa que a segunda lhe dirigia naquele instante.

— Mas que merda é esta?

— Eu sugiro uma leitura completa da matéria antes de qualquer discussão.

Ela tinha razão. O jornal era daqueles populares, mas populares em um sentido ruim, e que apresentavam notícias sensacionalistas provenientes de fontes duvidosas. Sem falar na inapropriada linguagem informal, que não será especificada aqui, porque esta é uma obra de perfil culto e intelectual narrada por meio de um vocabulário erudito.

Na tarde de ontem, o Diarinho do Povo recebeu uma denúncia

alarmante! Sabem aquela igreja nova que abriu alguns meses atrás no bairro, e da qual todos estão falando e aparentemente frequentando, a Igreja Pecuniana do Poder de Deus? Isso mesmo, a igreja anda bombando, não? Parece que os pastores são fodas. Pois bem. Já dizia meu avô: quando a esmola é de mais, o santo fica com a pulga atrás da orelha mordendo sem parar. Crescimento rápido, sucesso imediato, pastor pop star... Tem que existir uma explicação, não é mesmo? Afinal, ninguém tem tanto sucesso em tão pouco tempo sem levantar suspeitas. Então aí vai. O Diarinho do Povo recebeu um vídeo estarrecedor, em que o pastor do lugar, Marlus Evaristo, aparece ensinando sua equipe a enganar os fiéis e a extorquir dízimo dos coitados! Absurdo! Nas imagens, Marlus Evaristo diz, com todas as letras: “Eles precisam acreditar no inferno, senão não vão temer e, sem medo, não vão nos dar dinheiro algum”. Em outro momento, ele não mede palavras e pede: “Eu quero mais gente treinada, com doenças variadas, pra eu curar. Eu preciso de mais grana, e isso sempre comove essa gente”. O vídeo em questão, enviado por uma fonte que não deseja ser identificada por motivos óbvios, chegou à nossa redação por e-mail. Ele foi gravado dentro de uma das salas onde o pastor faz reuniões com os outros salafrários, mas não estamos dizendo que seja verdade! Para quem não sabe, Marlus Evaristo é conhecido por suas curas e exorcismo de demônios na Igreja Pecuniana, e, ainda que alguns fiéis afirmem sua veracidade, outros dizem que tudo não passa de charlatanismo, o que é crime federal. Fato é que ele pede doações em dinheiro, e alguns fiéis dizem que, em seus cultos, ele chega a exigir que o público doe tudo o que tem, incluindo casa e carro, vejam bem!

Obs.: a redação do Diarinho do Povo não se responsabiliza pelas imagens do vídeo e não quer ser processada pelos denunciados, ou seja, esses filhos da mãe exploradores. Nosso trabalho é apenas informar, não utilizamos de nossa opinião pra induzir os leitores a formar a sua. Nosso objetivo sempre foi a imparcialidade. Obs. 2: acessem o site do jornal para assistir ao vídeo da falcatrua na íntegra e tirem suas próprias conclusões sobre os mercenários.

Boquiaberto, Marlus se sentou à mesa para se tranquilizar. Laís observava sua tragédia anunciada com os olhos calmos e um sorrisinho debochado no rosto; algo bem típico dela, ordinária.

Eu avisei, dizia o olhar.

— Só me diga uma coisa — ela pediu, enquanto preenchia a tigela com mais cereal.

— É verdade o que dizem aí?

Marlus encarou a esposa, ainda com dificuldade em falar.

— Eu... Eu...

— Fala logo, Marlus!

— Eu não acredito que fizeram isso — ele levou os olhos rapidamente pela sala, como se buscasse algo em desespero, ainda que a resposta não fosse um objeto. — Eu acho que sei quem fez isso.

— Bem, vou entender isso como um sim. — Laís deu de ombros. — De qualquer maneira, eu disse que não daria certo, mas você insistiu. Então não há nada que eu possa fazer além de preparar uma pipoca e assistir ao desenrolar dos próximos capítulos.

Com uma esposa assim, quem precisa de inimigos, leitor? Quem?

Marlus foi apressado em direção ao quarto e Laís seguiu o marido, louca por um camarote com visão privilegiada para a desgraça. Ele acessou a página do jornal e não demorou a encontrar o *link* da notícia, que, para a sua infelicidade, também tinha um grande destaque on-line. Ela trazia o mesmo texto da versão impressa, mas com um vídeo no final. Marlus o pôs para rodar, mas acabou tendo que esperar um bom tempo devido à velocidade baixa da internet, uma vez que a empresa nunca entregava a velocidade contratada. Ele odiava as empresas que faziam isso. As imagens que se seguiram foram facilmente identificadas, ainda que travassem. Marlus reconheceu o seu escritório e, por suas próprias roupas, identificou o dia em que a gravação foi realizada. Tinha convocado aquela reunião quando percebeu que o orçamento do mês havia extrapolado o limite possível e que precisaria arrecadar mais ofertas. O vídeo durava pouco mais de dois minutos. Poderia piorar, Senhor? A câmera estava posicionada a metros de distância das pessoas na sala, e, pelo ponto de vista, Marlus concluiu que ela estava em uma prateleira próximo à janela. Ele arriscava um palpite de quem a armara ali.

— Alguém pôs você em sérios problemas — afirmou Laís, que não se cansava de debochar do próprio marido.

Marlus se levantou e tirou o celular do bolso.

— Para quem vai ligar?

— Para o Tito. Ele vai me ajudar a pegar o filho da puta que fez isso.

Marlus disparou a trocar de roupa enquanto esperava a ligação ser completada. Tito sempre demorava a atender ao telefone e Marlus torceu para que, pelo menos dessa vez, ele não estivesse ocupado. Quando a ligação quase caía na caixa postal, Tito atendeu.

— Alô...

— Tito, você precisa correr para a igreja.

— Marlus, é você? Acabou de me acordar. Sabe que horas são?

— Não importa. Precisa ir até lá agora.

— Não são nem 9 da manhã. Não tem ninguém lá agora.

— Eu sei. Ligue para Adelaide, Josué e todos os outros.

— Para quê?

— Não leu o jornal de hoje?

— Qual a parte do *acabou-de-me-acordar* você não entendeu?

— O Diarinho do Povo. Denunciaram a gente.

— O quê?

— Alguém colocou uma câmera no meu escritório e filmou uma das nossas reuniões.

Silêncio no outro lado da linha. Tito processava a informação e Marlus podia sentir a aflição crescer só pela respiração do amigo.

— Filmaram você com aquela irmã dos peitos grandes? Ah, meu Deus.

— Não, filmaram a gente falando sobre dinheiro. Problema dos grandes. Eu tenho certeza que foi a Adelaide.

— Será? Aquela velha maldita...

— Eu me lembro de vê-la limpando o escritório algumas horas antes no dia da gravação.

— Mas por que ela faria isso?

— Lembra que Adelaide ouviu uma de nossas conversas?

— Gordá maldita. Eu vou pegá-la.

— Não vai fazer nada. Deixe-a comigo. Ligue para ela e para Josué, peça que nos encontrem em meia hora.

Marlus desligou o telefone, acabou de vestir as calças e saiu de casa em seguida. Aquela velha era bem intrometida, mas agora ela havia passado dos limites.

CAPÍTULO 34

Marlus não tinha o costume de visitar a igreja pela manhã, pois era o momento em que ele aproveitava a saída da esposa com a filha para relaxar e dormir até mais tarde, o que não conseguia fazer durante a noite por causa choro de Marina. Agora, ele estranhava a calmaria com a porta fechada, as cadeiras vazias e as lâmpadas apagadas, enquanto apenas a luz do sol nascente atravessava os vitrais e iluminava as paredes claras. Marlus pensou no que faria enquanto passava pelas fileiras. Quando chegou à porta que levava ao escritório, hesitou um momento antes de entrar, segurando a maçaneta por um segundo a mais que o necessário.

Ainda assim, também não havia ninguém ali. Marlus acendeu a luz e caminhou devagar pelo cômodo enquanto refletia. Levou as mãos ao rosto, esfregando-o como se tentasse acordar e se livrar do pesadelo. Talvez o silêncio pudesse ajudá-lo. Cerrou os olhos por um instante e tentou se concentrar. O sossego perfeito, entretanto, não durou muito. Alguém bateu à porta.

— Entre.

O primeiro rosto que encontrou foi o de Tito, que estava tão apreensivo quanto o seu. O amigo indicou Josué e Adelaide, que entraram em seguida, e Marlus se perguntou se Tito tentou garantir que nenhum dos dois escaparia.

— Bom dia — disse Josué, atento.

— Não tão bom assim, na verdade.

Ninguém respondeu. Tito se sentou e os outros dois fizeram o mesmo. Quando voltou a encará-los, Marlus se sentiu como um diretor de escola se preparando para castigar alunos malcomportados.

— Talvez tenham se inteirado a respeito das últimas notícias.

— Não, pastor. O que aconteceu? — Adelaide perguntou, preocupada.

— Não vi nada, não — completou Josué.

Marlus respirou fundo, jogou o jornal na direção deles e esperou que lessem.

— Puta que pariu! — gritou Josué. — Estamos fodidos.

— Na verdade, parece que só eu estou — discordou Marlus.

— Sangue de Jesus tem poder! — Adelaide levou as mãos à boca. — Não acredito nisso. Como pode?

— É o que eu lhe pergunto, Adelaide.

— Existe um vídeo? O pastor assistiu?

— Sim, eu vi. Por que finge surpresa?

— Porque eu estou surpresa!

— Isso não é verdade.

— O que quer dizer?

O clima estava tão pesado que era possível sentir o peso sobre todos os ombros da

sala.

— Eu sei que foi você, Adelaide.

— Mas o que...?

— Foi você! — Marlus gritou e deu um soco da mesa, fazendo com que todos os objetos saltassem e as outras pessoas ao redor pulassem em sincronia, como se houvessem ensaiado. Adelaide pôs o rosto entre as mãos, horrorizada, e começou a chorar.

— Eu não acredito que o pastor... — ela soluçou. — Que o pastor acha que eu poderia...

— Adelaide, eu sei que você ouviu minha conversa com Tito. Ele está de prova. Quando abriu a porta, você estava bem atrás.

— Que conversa?

— Você sabe qual!

— Eu estava apenas esperando para falar com o senhor! Eu não estava ouvindo atrás da porta! Foi só uma coincidência. Ele abriu bem quando eu ia bater...

— Não me venha com desculpas. Pensa que eu sou idiota? Eu ouvi as perguntas que você fez. Você instalou aquela câmera!

— Não!

— Não minta para mim, sua vaca obesa.

Adelaide se levantou da cadeira com alguma dificuldade e, aos prantos, seguiu para a porta.

— Volte aqui, sua velha linguaruda! Você não vai escapar tão fácil.

Marlus correu na frente dela e fechou a porta com um estrondo.

— Sabe o que Deus faz com quem prejudica seus discípulos? Ele manda para o inferno, Adelaide. Ele queima na fogueira do inferno.

Josué e Tito se levantaram, preparando-se para agir.

— Mas você vai ter de lidar comigo antes. Eu detesto gente que fala demais e dedura os outros. Sabe o que vou fazer com a sua língua? Eu vou arrancar dessa sua boca murcha e pendurar na área de serviço para usar como varal. Vai render vários metros, sua fofqueira.

— Não fui eu. Eu juro!

— Onde você colocou a câmera? — Marlus se virou para a prateleira. — Onde está? — Ele começou a revirar toda a estante, arrancando livros e pastas cheias de papel e jogando tudo no chão. — Desembucha!

— Ela deve ter tirado — sugeriu Tito. — Se as imagens estão no jornal, é porque ela levou para casa.

— Tem razão — concordou Marlus, sentindo-se extremamente estúpido por não concluir isso antes, e com razão, eu diria. Eu ia falar, mas sou apenas o narrador e não devo me intrometer nos diálogos. — Onde você escondeu? Está na sua casa?

— Não!

— Venha aqui.

Marlus puxou Adelaide e pressionou a mulher contra a parede.

— Você vai me levar até a sua casa e me mostrar onde está o vídeo. Depois, vai escrever para esse jornal e dizer que estava possuída e que se arrependeu. Além disso, vai

contar a mesma história na frente de todos na igreja, e eu vou exorcizar você durante o culto para que todos acreditem que foi incorporada por um demônio para agir contra a palavra de Deus.

— Não, por favor! Proteja-me, Senhor! Oh, meu poderoso Deus!

Adelaide se ajoelhou e começou a orar. Marlus a puxou novamente.

— Levante, bruxa. Agora não é hora para isso.

E, para a surpresa de todos, Marlus esbofeteou Adelaide, dando um soco no rosto dela, cujo barulho seco percorreu o salão. Josué correu e o empurrou em direção à porta. Caído, Marlus revidou com um chute no seu abdômen, e Josué voou na direção oposta, chocando-se contra Tito, que caiu junto. Todos estavam no chão, como peças de um boliche depois de um *strike*.

— Não ouse me bater, seu imbecil, ou vai se ferrar também.

Marlus voou outra vez em direção a Adelaide, mas, dessa vez, foi Tito quem o empurrou. Marlus foi jogado contra a prateleira, derrubando os poucos objetos que restavam. Um porta-livros caiu sobre sua cabeça e cortou seu rosto.

— Merda!

— Pare, Marlus! — Tito implorou. — Já chega dessa palhaçada.

— Ela fodeu comigo!

— Ela não tem culpa de nada.

— Tem, ela destruiu a igreja!

— Ela não fez nada.

— Você não sabe!

Marlus levou a mão à testa para estancar o sangue e se virou. Ele encarou o amigo nos olhos pela primeira vez naquela manhã.

— Eu sei, sim, Marlus — respondeu Tito. — Porque fui eu quem enviou aquele vídeo.

CAPÍTULO 35

Marlus pôs as mãos no chão, tentando se equilibrar. O escritório começou a girar, as paredes passavam em uma velocidade que não parecia normal, e pastor pensou que iria desmaiar. Mesmo assim, sabia que precisava se recompor, já que tinha assuntos a resolver. Devagar, apoiou-se na parede e se levantou.

— Do que está falando?

— Você é muito burro mesmo, se não percebeu.

Marlus deu um passo.

— Você fez o quê?

— Eu enviei aquele vídeo para o jornal, Marlus. Eu coloquei uma câmera no escritório assim que soube que você havia convocado a reunião. Antes, eu pedi que Adelaide fizesse uma limpeza na sala e dei um jeito de você encontrá-la. Eu não queria fazer isso, eu juro que não queria... Sabe como relutei em aceitar essa sua ideia maluca no começo, porque desconfiava que seria perigoso. Mas aceitei, e compreende por que fiz isso? Por você. Pelos nossos anos de amizade. Eu não precisava disso, poderia continuar no meu emprego, tinha um bom salário. Entrei nessa porque você estava com problemas financeiros e que a Laís ameaçava se divorciar. Salvei meu único amigo. Mas como foi que você retribuiu, Marlus? Quis pegar todo o dinheiro para você. Deu uma parte miserável para mim, quase nada comparado ao que você levava para casa. Logo eu, que ajudei quando você não tinha ninguém para socorrê-lo.

— Cale a boca, maldito! — gritou Marlus. — Eu não acredito que fez isso!

Marlus largou Adelaide e correu na direção do amigo. Agarrou Tito pelo pescoço, tentando inutilmente enforcá-lo, mas Tito contrapôs com uma cotovelada no estômago, que dobrou Marlus ao meio e o derrubou.

— Sinceramente, acha mesmo que pode comigo?

Tito deu a volta ao redor do amigo, esperando que ele tentasse revidar.

— Você era meu amigo, Tito.

— Eu era, mas a sua ganância falou mais alto. Você é um filho da puta egoísta. Usou meu dinheiro e usou a mim quando precisou, mas me virou as costas e me deixou sem nada assim que começou a ver dinheiro caindo da árvore. Quanto tempo pensou que eu ficaria do seu lado? Deve achar que eu sou muito trouxa. Agora, a sua casa caiu. Os jornais e a internet falam de você e ninguém vai aparecer no próximo culto. Vai ficar em uma situação pior que a de antes. E sabe o que é melhor, Marlus? Vai se ferrar sozinho. Lembra-se do nosso acordo, não? A igreja está no seu nome. Você é o pastor, eu sou apenas o primeiro filiado.

Marlus cerrou os punhos.

— É o que você pensa.

Ele levantou e avançou sobre Tito, que tentou desviar, mas levou um soco no rosto.

Os dois ficaram atrelados, um tentando levar o outro ao chão. Tito acertou Marlus no pior lugar em que um homem pode ser chutado, e então ele se curvou e uivou de dor.

— Meu saco, seu viado!

— Tomara que suas bolas explodam, seu imbecil.

Quando Tito fez menção de sair, Marlus agarrou suas pernas e tesoureiro caiu. Os dois voltaram ao chão, como duas crianças brigando no pátio da escola. Tito tentou se levantar, mas Marlus segurou a camisa dele. Sem alternativa, Tito resolveu que a única maneira de sair dali seria desconcertando o pastor primeiro. Deu um soco na orelha dele, que sangrou, e Marlus devolveu com um golpe no nariz. Eles ficaram trocando socos e chutes, deitados, durante o que pareceram longos minutos. Enquanto isso, Adelaide choramingava no canto, ainda chocada com o murro que levava, e Josué assistia a tudo boquiaberto, sem saber se apartava a briga ou chamava a polícia. Quando Marlus ganhou um chute na costela e demorou tempo demais para se recompor, Tito aproveitou a distração para destravar a porta e escapar.

— Se eu fosse vocês, eu não ficaria aí — ele avisou Adelaide e Josué, e saiu cambaleando.

Eles não pensaram duas vezes e acompanharam Tito até o lado de fora, deixando o silêncio reinar no lugar. Sem forças para se levantar, Marlus ficou sozinho, no chão, enquanto fitava o teto sombrio de sua própria igreja.

Alguns dias depois

Em nenhuma das vezes em que entrou no templo, Marlus se sentiu tão nervoso como naquela noite. Dos mais de 300 lugares preenchidos no culto passado, agora menos de um terço estava completo. Marlus se irritou ao ver que Tito tinha razão e que a evasão de fiéis se concretizara. Sentiu o olhar do público pesar em seus ombros como uma barra de ferro, o que fez com que caminhasse em direção ao púlpito com a sensação de que se arrastava. As poucas pessoas que o cumprimentaram se mostraram inseguras. Notou o vazio, também, nas cadeiras do palco. Josué estava lá, mas Adelaide e Tito não. Não haveria música, tampouco exorcismo. Era uma noite em que o pastor precisava conversar seriamente com seus fiéis.

— Paz do senhor, irmãos — ele sussurrou. — Estamos mesmo precisando dela nos dias atuais.

Ele fez uma pausa e pigarreou enquanto analisava os rostos à frente.

— Eu sei que provavelmente todos estão sabendo do que foi publicado por aí, então não vou me fazer de desentendido, não vou agir como se nada estivesse acontecendo nem enrolar. Eu quero que saibam, primeiramente, que em nenhum momento dessa jornada eu pensei que ela seria fácil, e, se alguém me dissesse que sim, me restaria rir. Nunca é simples conquistar sonhos e a marcha não seria saborosa sem obstáculos.

Os fiéis escutavam em silêncio enquanto imaginavam o motivo de ele dizer que não enrolaria o assunto, se esse não parecia ser o caso.

— A luta entre o Bem e o Mal não é nenhuma novidade. É bíblica a batalha travada entre os dois poderes a todo o instante. Desde que foi expulso do Paraíso e se voltou contra

Deus, Lúcifer faz o possível para prejudicá-Lo, assim como a seus seguidores. Todos que anseiam seguir os passos do Pai devem saber disso.

Marlus fez uma pausa enquanto olhava para o chão com o semblante sério.

— O que vocês leram no jornal alguns dias atrás é uma dura tentativa de me sabotar, de causar a minha queda e me destruir, e arrastar assim esta igreja, que tem levado a palavra de Deus a tantas pessoas e transformado vidas. Eu sei, é difícil admitir, mas eles venceram a batalha. O jornal publicou um vídeo que causou um mal-entendido e, talvez, alguns dos nossos irmãos tenham nos deixado por essa razão. Guerreiei a fim de conquistar cada um de vocês para Jesus, e, ainda assim, alguns se foram rapidamente. Porém, por mais que o Diabo tenha conquistado uma batalha, não significa que ele venceu a guerra. Agora, sobre o que viram no vídeo, tenho algo a dizer — Marlus continuou, tentando ganhar a confiança do público. — Não vou mentir e dizer que ele é uma farsa, porque não é. É possível ver claramente que sou eu quem aparece na gravação, e não vou subestimar a inteligência dos meus irmãos e negar. O problema é que minhas palavras foram deturpadas com o intuito de desmerecer meu trabalho e levar meus fiéis a acreditar que eu tenho más intenções. E eu faço isso? Peço dinheiro? Preciso dele? É claro que sim! Olhem ao redor! Vocês estão vendo o salão enorme em que se encontram? Quem paga por ele? Alguém acha que o governo ou alguma organização me deu um espaço para pregar a palavra de Deus? É claro que não! — Marlus gritou com voz raivosa. — Eu não ganhei nada! Eu precisei começar tudo com o dinheiro do meu próprio bolso. Agora, me digam: eu estou usando o dinheiro em benefício próprio? Será mesmo? São cegos que não percebem como as cadeiras mudaram no mês passado e como o ar está mais refrigerado? O governo nos isenta de impostos porque somos uma igreja, mas isso não significa que ele vai investir nela. É óbvio que eu preciso de dinheiro e tenho de pedir. Quem vai pagar as contas? O Diabo é que não vai!

Marlus parou por um segundo para tomar fôlego, e a igreja aproveitou para gritar e aplaudir em apoio. Pela primeira vez nos últimos dias, Marlus pôde, finalmente, respirar aliviado.

— Eu sou um homem como qualquer outro. Preciso de bens materiais para viver. Este é meu trabalho e não tenho outro lugar de onde tirar dinheiro para comer. E, se digo naquele vídeo que careço de gente doente para aumentar o volume de ofertas, alguém que não tenha discernimento pode pensar que meu único objetivo é ganhar dinheiro. Entretanto, para convencer as pessoas de como o nosso poderoso Deus é bondoso, devo encontrar quem precise Dele, quem possa mostrar que Ele é a única e verdadeira salvação. É claro que dependo de gente doente. Deus faz milagre na vida de quem necessita! Se eu digo que meu povo deve temer o inferno, é porque ele tem que entender para onde o pecado levará! Estou errado? Se alguém pensa que eu não posso dizer isso, o único que poderá me condenar é Ele, não vocês. Então, sentem e chorem!

Outra saraivada de aplausos. Fiéis gritavam, choravam e assoviavam para Marlus.

— E, se tem alguém aqui, uma única pessoa, que desacredita da minha unção, da habilidade que Deus me deu de falar com seus seguidores e promover o milagre Dele, então eu quero que esse alguém suba ao palco agora, me mostre qual doença tem, e Deus vai curá-la nesse instante. Eu não vou escolher ninguém. Quero que venha e mostre se Deus me permite

fazer Seu milagre ou não.

Marlus se calou e observou a igreja de ponta a ponta, procurando por manifestações. Ele não viu sequer uma mão ser levantada ou alguém caminhar em sua direção. Marlus soltou os ombros e relaxou, feliz por ter funcionado exatamente como ele imaginara.

— Tudo bem, vocês que sabem. O que não quero é gente dizendo que tudo não passa de uma farsa, que...

De súbito, Marlus se calou. Toda a igreja se virou para trás, procurando algo no fundo do salão. Entre uma das últimas fileiras, no meio do público, uma mulher estava de pé e erguia um dos braços.

— Aqui, pastor! Aqui!

CAPÍTULO 36

— Pode vir, minha senhora.

Marlus começou a suar frio como nunca antes.

Ela deveria ter pouco mais de 70 anos. Marlus não havia percebido de longe, mas, à medida que a mulher se aproximou, notou algo de errado em seu rosto. Sem saída, ele esperou por ela.

— Qual é o seu nome, irmã? — Marlus perguntou, colocando a mão em seu ombro e estendendo o microfone na direção dela.

— Nadir.

— Prazer, irmã Nadir. Conte o que aconteceu.

— Pastor, eu sofri dois AVCs.

— Dois?

— Isso.

— Misericórdia! Tem de ser forte.

— Tem.

— E o que aconteceu com o seu rosto?

— Paralisou.

— Paralisou?

— Sim.

— Deus Pai!

— Pois é, pastor.

— Parou tudo?

— Não. Só o lado esquerdo. Os dois AVCs foram no mesmo lado.

— Conta para o pastor.

— Eu acordei certa manhã com um formigamento forte pelo corpo, todo no lado esquerdo. Quando fui sair da cama, não consegui me mover direito. Olhei no espelho e meu rosto estava, em parte, imóvel. Eu não conseguia sequer sorrir. Corri ao hospital e o doutor me deu o diagnóstico. Não teve jeito.

— Ele não conseguiu fazer nada a respeito?

— Nadinha, não tem cura.

— Santo Deus! Não tinha, irmã.

— Pastor, eu quero ser salva.

— Eu vou fazer a pergunta que sempre faço para quem me diz isso: a senhora tem fé?

— Tenho, pastor.

— A senhora acredita que Ele pode curá-la de seu problema?

— Acredito, pastor. Eu tenho fé em Jesus.

— Se é assim, então, Ele vai lhe dar a salvação.

Marlus largou a mulher por um momento e se dirigiu exclusivamente ao público.

— Nadir tem um problema que os médicos garantem não ter solução. Não tem, meu povo?

— Tem!

— E a ciência vai curar?

— Não!

— E por que os cientistas não curam?

— Tudo ateu!

— E quem é que cura, irmãos?

— Deus!

— Se ela tiver fé, ela vai sair daqui curada?

— Vai!

— Eu não ouvi. Mais alto!

— Vai!

Marlus se virou novamente para Nadir.

— Minha senhora, eu vejo que não consegue mexer parte da boca nem usar sua testa para expressar emoções ou dar aquela piscadinha na hora da paquera. Parece que usou *Botox*. Mas isso vai acabar.

— Meu braço esquerdo também não se movimenta, pastor.

— Bem, eu quero que a senhora feche os olhos agora e ore. Peça a Deus uma cura e, se fizer com convicção, Ele vai atender. Eu vou orar também. Pronta?

— Sim — ela cerrou os olhos.

Marlus pôs a mão na sua cabeça.

— Poderoso Deus, agora é com o Senhor que eu falo. Essa mulher vem sofrendo muito. Ainda é nova e passou duas vezes por um problema que quis paralisá-la, mas ela é forte e não quer ficar parada. Deseja se mover, afinal, tem muito ainda o que fazer na vida. Ela vai agitar! Eu lhe peço, Senhor, que leve esse derrame de volta para o lugar de onde ele veio e permita a essa mulher o movimento concedido no nascimento.

Marlus guardou o microfone no bolso da calça e colocou as duas mãos no rosto de Nadir. Ele fechou os olhos e disparou a falar em línguas estranhas. Ela começou a chorar. O pastor sentiu as lágrimas molharem suas mãos até deixá-las encharcadas, e chegou a esfregá-las rapidamente na camisa dela a fim de secá-las. Fez uma anotação mental para se lembrar de lavá-las bem depois. O narrador não quer fazer fofoca, porém Marlus era um pouco fresco e era cheio de *não me toques*. Não estou julgando. Então, ele pegou o microfone novamente.

— Vai sair agora, igreja! Ela vai ser curada! Tá amarrado!

Ele moveu as mãos no rosto da velha, massageando, forçando os músculos uns contra os outros, e ela começou a gritar de dor. Por um momento, parecia uma sessão de tortura como nos filmes.

— Vai, minha senhora. Grite! Uive! Deus dá a libertação, e todo sacrifício vai ser recompensado!

Nadir continuou berrando enquanto Marlus orava em línguas estranhas por longos minutos.

— Agora chega! Abra os olhos, mulher!

Nadir levou algum tempo para conseguir enxergar algo entre as lágrimas que escorriam pelo rosto e bloqueavam sua visão.

— E agora, irmã?

Ela tocou o próprio rosto para sentir os músculos.

— Meu Deus, meu poderoso Deus!

— É isso aí, igreja! Ela foi curada! Eu disse curada!

Marlus segurou-a pela mão esquerda e ergueu seu braço.

— Ela está se movendo. O braço levantou. O rosto voltou ao normal. Nadir foi curada e agora pode sorrir outra vez!

— Aleluia! — todos gritaram.

— E, se ainda tem alguém que acredita que tudo isso é uma farsa — desafiou Marlus —, então essa mulher é a prova viva de que Deus está aqui e esta é a Sua casa.

Ninguém ousou discordar.

CAPÍTULO 37

Havia um café da manhã posto à mesa quando Marlus acordou no dia seguinte. Sua esposa e a filha estavam juntas à sua espera.

— Por que ela não foi para a escola ainda? O que foi desta vez?

Laís sustentou o olhar seriamente.

— Porque é sábado, talvez?

— Ah!

Marlus podia finalmente relaxar. Ele se sentou e tirou um pão francês da cesta.

— Dormiu bem? — quis saber Laís, o que ele estranhou, porque a esposa nunca demonstrava nenhum interesse na qualidade do seu sono.

— Sim, por quê?

— Eu sei que sua noite foi tensa.

— Acabou tudo bem.

— Tem certeza?

— Bem, eu disse que minha ideia daria certo, não? Agora é só esperar que as coisas se ajeitem. As pessoas que estavam lá ontem foram convencidas. As outras devem esquecer. Ninguém tem memória de longo prazo neste país.

Quando terminou o café, Marlus se vestiu com seu habitual terno marrom, calçou os sapatos pretos e arrumou o cabelo para o lado, passando um pouco de gel com as mãos.

— Aonde vai vestido de pastor? — Laís quis saber. — Não me diga que inventou cultos de manhã também...

— Claro que não. Apenas tenho algo a resolver.

Marlus tentou estacionar seu carro próximo à casa com o número que lhe haviam indicado, mas acabou subindo no meio-fio e acertando a placa de “Proibido Estacionar”. Havia comprado aquele modelo há poucos dias e ainda estava se acostumando a dirigir um automóvel de câmbio automático, o que nunca havia feito antes. Não era tão simples ascender na vida, e, às vezes, a caminhada trazia alguns obstáculos inoportunos. Saiu do veículo, verificou que a parte traseira ainda estava sobreposta ao concreto e trancou com o controle. Bateu três vezes à porta da casa.

— Bom dia.

— Entre — pediu Adelaide.

Marlus aceitou o pedido e se agachou para passar por baixo de um móvel de pedra suspenso, que cantava com a ajuda do vento. Adelaide indicou o caminho da cozinha.

— Estou passando café.

— Excelente.

Josué estava sentado à mesa enquanto uma cafeteira trabalhava no balcão.

— Bom dia, pastor.

— Bom dia, irmão.

Ele se sentou. Adelaide serviu três xícaras e fez o mesmo. Marlus cruzou as pernas formalmente.

— Obrigado, irmã.

Ela não respondeu, apenas olhou como quem procurava descobrir o motivo da visita.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de me desculpar com os dois — disse Marlus, buscando um tom que transparecesse sinceridade. — Eu sei que o que fiz, principalmente a você, irmã, foi injustificável.

— E imperdoável — ela frisou.

— Tem toda a razão. Eu não espero que você me perdoe, é claro. Ainda que, eu tenho certeza, Ele vá. É isso o que Ele ensina, não? A perdoar. Aceitar os erros de nossos irmãos quando o arrependimento é franco. A vida é como um véu e precisamos aprender a atravessar por ele.

— Eu não sei...

— Adelaide, talvez eu não tenha deixado claro ao longo de todos esses meses, mas você tem sido uma grande ajuda na minha jornada. Minha família infelizmente não segue Jesus, ao menos não ainda. Ele sabe como eu sofro com isso. Minha esposa não quis me acompanhar, mas Ele encarregou Seus anjos de trazer a senhora até junto de mim. Eu não sei o que seria da igreja se não contássemos com sua ajuda desde o começo. Infelizmente, eu estraguei tudo. Agi guiado por espíritos ruins.

Adelaide se ajeitou na cadeira.

— E quanto ao Tito, pastor?

Marlus descruzou as pernas.

— Tito traiu a missão que Deus colocou na vida dele. Deixou de ser um missionário, e fez isso da pior forma possível, tentando destruir tudo o que havia conseguido até então. Não nos cabe condená-lo, é claro. Apenas Deus pode julgar, e Tito agora está nas mãos Dele.

— O que quer de mim?

— Eu quero que Josué e você continuem comigo. Ainda não completamos nossa missão. Eu preciso de vocês. Tenho planos ambiciosos para o futuro e quero incluir os dois.

Ela desviou o olhar, mas não respondeu.

— E então? — Marlus insistiu.

— Bem, não preciso dar minha resposta hoje, certo? Minha cabeça ainda está doendo. Você bate forte.

Ele sorriu.

— Sabe onde me encontrar.

Marlus se levantou e Josué o acompanhou.

— Também está na minha hora — disse o rapaz.

Adelaide abriu a porta. Eles deixaram a cozinha sem sequer beber o café.

— Fique com Deus, irmã — desejou Marlus.

— Você também, filho.

— Posso lhe dar uma carona — Marlus ofereceu a Josué enquanto atravessava o

gramado.

— Obrigado.

Marlus deu partida no automóvel e tomou a autoestrada em direção ao centro da cidade.

— Dias difíceis, não? — ele perguntou.

— Sem dúvida.

— Ainda bem que tudo está se ajeitando.

— Posso fazer uma pergunta? — quis saber Josué, hesitante.

Marlus encarou o rapaz. Ele sempre sentia um calafrio quando ouvia esse pedido.

— Claro que pode.

— Quando você curou as outras pessoas, era tudo combinado previamente. Ontem, no entanto, aquela mulher do AVC... Você nunca tinha falado com ela antes.

Marlus sorriu.

— É o chamado efeito placebo. Catarse.

— O que quer dizer?

— Já ouviu falar em adrenalina?

— Claro.

— Você nunca se perguntou por que tem gente que sofre acidente, se machuca e só percebe horas depois? Ou alguém que, sei lá, é ferido durante um assalto e apenas nota quando está longe do perigo?

Josué se mostrou confuso. Marlus prosseguiu.

— Ela estava diante de quase 100 pessoas na noite de ontem, e eu perguntei se ela tinha fé, eu a desafiei. Ela foi posta sob pressão, estresse e julgamento. Ela tem um problema e havia uma multidão esperando que houvesse uma cura, porque aquela cura não seria apenas para ela, mas devolveria também a esperança para que todos continuassem a acreditar na nossa igreja e em Deus. No fim, todos querem seguir comodamente com sua vida sem nenhuma mudança brusca de conceito. As pessoas simplesmente gostam da zona de conforto. O que faria se estivesse no lugar dela?

— Mais que tudo, eu desejaria ser curado.

— Exatamente. E, quando tanta gente põe pressão, quando começa a suar frio diante dos olhares, tudo é possível. Aquilo que realmente quer pode acontecer, ou ao menos é o que você acredita.

— Então não foi uma cura?

Marlus riu.

— Depende do seu ponto de vista. Se confiar que aconteceu, se convencer a si mesmo disso, então aconteceu.

Josué balançou a cabeça.

— Talvez seja complicado demais para eu entender. Só cursei o ensino fundamental.

Marlus pôs a mão no ombro dele.

— Acredite, isso explica muita coisa.

— Só uma coisa ainda não foi explicada.

— O quê?

— Que planos são esses para o futuro? Estou curioso.

Marlus sorriu. Ele não havia se esquecido.

— Bem, eu andei pensando em novas formas de fazer dinheiro e conquistar o público.

— E?

— E acredito que tenho jeito para isso. Talvez eu deva levar a coisa toda ao próximo nível.

— Do que está falando?

— Olhe bem para mim, Josué.

Ele se virou, mas não percebeu nada de diferente.

— O quê?

— Agora me imagine em meio a uma população carente, abraçando algumas criancinhas.

Josué franziu o cenho.

— Almoçando em um asilo cheio de velhinhos banguelas.

— Mas o que...

— Diga-me: se eu estiver com um terno bem cortado, não fico com cara de deputado?

Josué não conseguiu segurar o queixo.

— Não acredito que você está pensando nisso.

— Meu jovem, não é muito diferente de tudo o que eu já fiz até agora. Há cada vez mais pastores na política, e o povo adora apoiá-los. E, se você pensar bem, tem gente que diz que o céu é o limite, mas sei que já pisaram na Lua e que as pegadas continuam por lá.

— Você é louco mesmo!

Marlus não disse nada. Ele era louco mesmo, e sabia disso, e o narrador também. O que ele aprontou depois disso, veja bem, é outra história, bem longa. E, pode apostar, ele aprontou depois disso, e muito. Se você está curioso, segure firme: o narrador precisa descansar, ele não parou desde que você pegou este livro.

É isso, a história acabou. Não tenho mais nada para contar, só queria ter a última palavra. Eu sou o narrador, acho que fiz por merecer.

FIM

Entre em contato com o autor e diga o que você achou do livro!

lodirnegrini@gmail.com

www.facebook.com/lodir.negrini

<https://twitter.com/lodirnegrini>

<https://instagram.com/lodirnegrini/>

